



**UFG**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**GABRIELA BERNARDES SILVA**

**MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR: terra, trabalho e família na comunidade  
Ribeirão no município de Catalão (GO)**

**CATALÃO (GO)**

**2016**

**GABRIELA BERNARDES SILVA**

**MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR: terra, trabalho e família na comunidade  
Ribeirão no município de Catalão (GO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do Território

Linha de Pesquisa: Estudos Rurais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes

**CATALÃO (GO)**

**2016**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**GABRIELA BERNARDES SILVA**

**MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR:** terra, trabalho e família na comunidade  
Ribeirão no município de Catalão (GO)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes  
Orientadora e Presidente da Banca  
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

---

Prof. Dr. Marcelo Cervo Chelotti  
Membro Externo  
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vera Lúcia Salazar Pêsoa  
Membro Interno  
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Aos

Meus pais, José Silvério e Mariângela.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pelo dom da vida, e por fazer com que minha fé fosse além de qualquer obstáculo e caminho percorrido;

Agradeço a minha orientadora, Professora Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes, pelas orientações, e, principalmente, por ter me acompanhado desde a graduação;

Aos meus pais, José Silvério e Mariângela, que, mesmo distantes, sempre me incentivaram a estudar e sempre estavam prontos a ajudar em qualquer ocasião. Com um telefonema, uma expressão de carinho, e principalmente com ajuda material. A eles, agradeço por terem me dado toda educação, carinho, amor e principalmente por me ensinarem a ser uma pessoa honesta e batalhadora;

As minhas irmãs queridas, Nayara e Carolina, pelo incentivo, carinho e pelas conversas através de mensagens.

Ao meu namorado, Douglas, pelo companheirismo, dedicação, paciência, e principalmente por apostar e confiar no meu crescimento pessoal e profissional;

À Juniele Martins, por ter me acompanhado desde a graduação, pelas dicas e por ter ajudado nas tabulações dos dados da pesquisa e as correções das normas ABNT;

À Polliana, pelo incentivo ao ingresso ao Programa de Pós-Graduação, pelas orientações na pesquisa;

À Diana pelas correções linguísticas;

Ao Gilliard, colega de mestrado, pelo companheirismo na minha pesquisa de campo;

Aos(às) agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão, sujeitos da pesquisa, por participarem das entrevistas e principalmente por nos receberem tão bem em suas propriedades.

Ao Diego, colega de mestrado, pela confecção dos mapas;

À Amanda, amiga e companheira desde a graduação em Geografia pela UFG/Regional Catalão.

Aos colegas de mestrado, turma 2014, pelo companheirismo e pela jornada;

Às minhas amigas e companheiras de República, principalmente à Marina, pelo apoio e luta durante esses anos.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (Nepsa) da Regional Catalão/UFG, pois, através do mesmo pude amadurecer tanto na minha pesquisa quanto

profissionalmente. Além disso, pelo acervo bibliográfico, que foi indispensável à realização da pesquisa;

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Regional Catalão;

Aos Professores (as) da Banca Examinadora de Qualificação e pela defesa da Dissertação: Professora Dra. Vera Lúcia Salazar Pêsoa e o Professor Dr. Marcelo Cervo Chelotti;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*Eu sou aquela mulher  
há quem o tempo muito ensinou  
Ensinou a amar a vida  
e não desistir da luta,  
recomeçar na derrota  
renunciar a palavras  
e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos e  
ser otimista.*

*(Cora Coralina)*

## RESUMO

A modernização da agricultura por volta da década de 1970, principalmente no estado de Goiás, atinge os grandes proprietários. Nesse sentido, os(as) pequenos(as) agricultores(as) utilizam várias estratégias para viverem e permanecerem no campo. Essa terminologia adotada para nosso trabalho se caracteriza pelas unidades de produção rural, estruturadas no trabalho familiar, que se identificam pela relação entre terra, trabalho e família. O homem tem a função de provedor; “chefe da família”, enquanto a mulher é reservada à esfera do privado; doméstico, e mesmo exercendo atividades na esfera produtiva, estas são consideradas como “ajuda”. Tem sido constante a adoção de diferentes estratégias sociais e econômicas pelas unidades de produção rural familiar, o que tem viabilizado as mulheres nas quais contribuem para a permanência das famílias no campo. A cultura patriarcal, que está inserida tanto no modo de pensar dos homens quanto das mulheres, contribui para a visão de que o lugar do trabalho da mulher é na esfera doméstica, ligado aos cuidados com a família e a casa, caracterizando o trabalho na produção como complementar. Este trabalho tem como objetivo compreender as principais características da agricultura familiar e analisar a participação da mulher na comunidade Ribeirão, no município de Catalão (GO). Para a análise qualitativa, foram utilizadas tabulações de dados através de formulários com 18 agricultores(as) familiares em pesquisa de campo. Além disso, dados estatísticos e censitários no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Agência Catalão) e na Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento Goiás (SEGPLAN), foram importantes no intuito de se conhecer as realidades econômicas e sociais do município. A partir do Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB) vinculada a Secretaria Municipal de Saúde de Catalão que obtemos dados e informações referentes à comunidade em estudo como as características da população. Esse sistema é elaborado a partir dos dados e informações do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Ao longo da pesquisa foram caracterizados o trabalho dos homens e o trabalho das mulheres. Sobre o trabalho feminino consideramos que *fora* é o espaço do homem, que produz os alimentos *pra fora* para o mercado. Além da hierarquização de gênero relacionado aos espaços, também os espaços relacionados ao trabalho. Pois, a divisão sexual do trabalho na agricultura nos mostra que as mulheres ocupam uma posição subordinada e seu trabalho é visto como *ajuda*, mesmo quando trabalham tanto quanto os homens e inclusive realizando as mesmas atividades.

**Palavras-chave:** agricultura familiar, mulheres, hierarquia, estratégias familiares, comunidade Ribeirão

## ABSTRACT

The modernization of agriculture around the 1970s, mainly in the state of Goiás, reaches the big landowners. In this sense, farmers use several strategies to live and keep on the countryside. This terminology adopted for our work is characterized by rural production units, structured in family work, which are identified by the relationship between land, labor and family. Man has the provider function; “head of household”, while woman is reserved to the private and domestic sphere, and even performing activities on the production sphere, these are considered as “help”. It has constant been the adoption of different social and economic strategies by family rural production units, which has enabled women in contribution to the permanence of families in the countryside. The patriarchal culture, that is inserted both in the way of thinking of men and women, contributes to the view that the woman workplace is on the domestic sphere, linked to care with family and home, characterizing work in production as complementary. This research aims to understanding the main characteristics of family farming and analyze the woman participation in Ribeirão community in the Catalan municipality, (GO). Throughout the research were characterized men and women work. For qualitative analysis, were used data tabulations through forms with 18 farmers (the) family in field research. In addition, statistical and census data in (IBGE – Catalan Agency) Brazilian Institute of Geography and Statistics and (SEGPLAN) Secretary of State for Management and Planning Goiás, were important in intuition to meet the economic and social realities of the municipality. From the (SIAB) Primary Care Information System linked to Municipal Catalan Health we collect data and information related to the community being studied as population characteristics. This system is developed from the data or information (PACS) Community Health Agents Program. On the women's work consider that out is the space of the man who produces the food it out to the market. In addition to the gender hierarchy related to the spaces, the spaces related to work. For the sexual division of labor in agriculture shows that women occupy a subordinate position and their work is seen to help, even when they work as much as men and even performing the same activities.

**Keywords:** family farmers, women, hierarchy, family strategies, Ribeirão community

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 -	Propriedade mais antiga da comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015 .....	15
Foto 2 -	Comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015 .....	19
Gráfico 1 –	Estado de Goiás: Produção dos principais produtos agrícolas – 2014 .....	32
Foto 3 -	Hortaliças na comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015 .....	38
Fluxograma 1 –	Esquema metodológico da dissertação .....	40
Mapa 1 –	Localização do município de Catalão (GO) – 2014 .....	49
Mapa 2 –	Comunidades rurais no município de Catalão (GO) – 2015 .....	51
Mapa 3 –	Localização da comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO) – 2015 .....	57
Foto 4 -	Centro Comunitário: comunidade Ribeirão, Catalão (GO). .....	58
Foto 5 -	Escola Municipal Limírio Marinho da Fonseca (escola desativada): comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO) – 2015 .....	59
Foto 6 –	Quadra de esportes desativada. Comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO) – 2015 .....	59
Gráfico 2 –	Tamanho das propriedades: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	60
Gráfico 3 –	Distribuição da idade entre homens e mulheres em %: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	61
Gráfico 4 –	Residência dos filhos dos(das) agricultores(as) familiares: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	62
Foto 7 –	Centro Comunitário: comunidade Ribeirão (GO) 2015 .....	63
Gráfico 5 –	Produção de alimentos em %: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	66
Foto 8 –	Produção de hortaliças: comunidade Ribeirão (GO) – 2015 .....	67
Foto 9 –	Produção de doce de queijo: comunidade Ribeirão (GO) – 2015 .....	68
Foto 10 –	Criação de suínos: comunidade Ribeirão (GO) – 2015 .....	69
Foto 11 –	Criação de galináceos: comunidade Ribeirão (GO) – 2015 .....	69

Gráfico 6 –	Aposentadoria em % dos homens e mulheres: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	70
Gráfico 7 –	Renda mensal familiar: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) ..	71
Quadro 1 –	Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015	78
Foto 12 –	Mulheres na esfera do doméstico: comunidade Ribeirão (GO) – 2015 .....	86
Foto 13 –	Homens com o trabalho em lavoura: comunidade Ribeirão (GO) – 2015 .....	87
Foto 14 –	Feira camponesa: bairro Ipanema no município de Catalão (GO) – 2015 .....	89
Mapa 4 –	Localização da Feira no bairro Ipanema no município de Catalão (GO) – 2015 .....	90
Gráfico 8 –	Comercialização da produção de alimentos: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	91
Foto 15 -	Produção do caldo para comercialização na Feira do bairro Ipanema em Catalão (GO) .....	92
Foto 16 –	Produção de doces caseiros para comercialização na Feira do bairro Ipanema em Catalão (GO) .....	92
Foto 17 –	Alimentos (quitandas) produzidos pelas mulheres: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	93
Foto 18	Comercialização de quitandas na Feira do bairro Ipanema em Catalão (GO) .....	93
Foto 19 –	Nível de água do Ribeirão Samambaia: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	97
Figura 1 –	Mosaico da Pesquisa: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) .....	99

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Estado de Goiás: População residente, por sexo, situação do domicílio e densidade demográfica – 1980, 1991, 2000, 2008 – 12 (mil habitantes) .....	30
Tabela 2 –	Maiores economias de Goiás – 2010 .....	53
Tabela 3 -	Principais produções agrícolas (t): município de Catalão (GO) – 2011 .....	54

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AB – Atenção Básica

ACS - Agente Comunitário de Saúde

APPs - Áreas de preservação permanente

CEPAC - Centro de Educação Profissional Aginaldo de Campos Netto

CESUC – Centro de Ensino Superior de Catalão

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COACAL – Cooperativa Agropecuária de Catalão

COMDEMA - Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Catalão

DAP - Declaração de Aptidão ao Pronaf

DF – Distrito Federal

DIMIC – Distrito Mínero-Industrial de Catalão

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

ESF - Estratégia de Saúde da Família

FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação

FCA – Ferrovia Centro-Atlântica

GO – Goiás

ha – Hectares

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMB – Instituto Mauro Borges

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Km – Quilômetros

m<sup>2</sup> - Metro quadrado

MG – Minas Gerais

Nepsa – Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais

ONU – Organização das Nações Unidas

PACS - Programa de Agentes Comunitários de Saúde

PIB – Produto Interno Bruto

PIVIC – Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNCF - Programa Nacional de Crédito Fundiário

PNRA - Instituto Nacional Colonização e Reforma Agrária

POLOCENTRO – Programas de Desenvolvimento dos Cerrados

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar

PRODECER – Programas de Cooperação Nipo-brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar

R\$ - Real

RC – Regional Catalão

SAE – Superintendência de Água e Esgoto

SEGPLAN - Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento Goiás

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SEPLAN – Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás

SIAB - Sistema de Informação de Atenção Básica

t - Tonelada

UFG – Universidade Federal de Goiás

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2</b>	<b>A AGRICULTURA EM GOIÁS: (re)visitando as transformações no espaço agrário e a modernização da agricultura</b> .....	20
<b>2.1</b>	<b>As transformações no espaço agrário no estado de Goiás</b> .....	20
<b>2.2</b>	<b>O processo de modernização no estado de Goiás</b> .....	29
<b>2.3</b>	<b>Definição e caracterização da agricultura familiar</b> .....	33
<b>3</b>	<b>A COMUNIDADE RIBEIRÃO: procedimentos metodológicos da pesquisa</b> .....	39
<b>3.1</b>	<b>Pesquisa teórica: dialogando com os autores</b> .....	41
<b>3.2</b>	<b>Pesquisa documental: compreendendo os fatos</b> .....	42
<b>3.3</b>	<b>Pesquisa de campo: buscando as informações para a pesquisa</b> .....	42
<b>3.4</b>	<b>Caracterização e localização da área de estudo</b> .....	48
<b>3.4.1</b>	<b>O conceito de comunidade</b> .....	54
<b>3.5</b>	<b>Caracterização do grupo familiar</b> .....	60
<b>4</b>	<b>OS(AS) AGRICULTORES(AS) NA COMUNIDADE RIBEIRÃO: estratégias familiares para viverem e sobreviverem no campo</b> .....	64
<b>4.1</b>	<b>As estratégias de produção e reprodução familiar</b> .....	64
<b>4.2</b>	<b>O desenvolvimento da categoria gênero para entender as relações entre os(as) agricultores(as)</b> .....	71
<b>4.3</b>	<b>A organização da família agricultora</b> .....	75
<b>4.4</b>	<b>A sociedade patriarcal e sua influência na comunidade</b> .....	82
<b>4.5</b>	<b>As feiras livres e sua importância para a comunidade</b> .....	88
<b>4.6</b>	<b>Viver e sobreviver: os(as) agricultores(as) da comunidade Ribeirão</b> .....	96
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	100
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	104
	<b>ANEXOS</b> .....	113
	<b>Anexo A - Roteiro de entrevista com os agricultores (as) familiares da comunidade Ribeirão do município de Catalão (GO)</b> .....	113
	<b>Anexo B – Parecer consubstanciado do CEP</b> .....	117

## 1 INTRODUÇÃO

**Foto 1** - Propriedade mais antiga<sup>1</sup> da comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015.



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

---

<sup>1</sup> A propriedade mais antiga da comunidade Ribeirão foi construída em 1895. Pertence ao Sr. Limirio Marinho da Fonseca (falecido). A propriedade possui mais de 110 anos (Informação verbal, abr. 2015).

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de modernização da agricultura em meados dos anos de 1970 atinge os grandes proprietários de terras que têm disponibilizados os créditos fornecidos pelo Estado. Sendo assim, os pequenos proprietários, ou seja, os(as) agricultores(as) familiares passam por problemas econômicos, sociais e territoriais. Diante disso, surgem estratégias sociais e econômicas para a produção familiar. Dentre essas estratégias está o trabalho feminino, que contribui para a sobrevivência do grupo familiar. Diante dessas considerações, a pesquisa busca compreender as principais características da agricultura familiar, e a participação da mulher na comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO).

A participação do trabalho da mulher no processo produtivo e reprodutivo da agricultura familiar tem sido importante, uma vez que ela desempenha diversas funções na organização interna familiar. Para o entendimento dessa questão, a lógica de funcionamento do grupo doméstico presente na agricultura familiar, assim como, as transformações ocorridas nas relações de trabalho no espaço rural e que afetam o modo de vida dos(as) agricultores(as) envolvidas nesse processo. Na agricultura familiar o grupo doméstico é o responsável trabalho abordado pelas mulheres, ao homem, enquanto chefe de família se responsabiliza legalmente pela unidade produtiva, e é considerado como responsável pela família.

O interesse pessoal pela temática ocorreu devido aos estudos realizados no Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (Nepsa/CNPq), do qual esta pesquisadora faz parte desde fevereiro de 2013. Os projetos desenvolvidos pelo núcleo se referem ao rural no âmbito regional, o que nos possibilitou a oportunidade de conhecer melhor a realidade das questões agrárias e da agricultura familiar.

O interesse em estudar a comunidade Ribeirão partiu através de uma ajuda em pesquisa de campo de uma colega que é integrante do grupo de estudo que na época (2013) fazia o doutorado. Aqueles momentos foram de grande aprendizagem, eu a auxiliei, e com isso ela me deu a oportunidade de conhecer aquela realidade. Então eu me sentia uma pesquisadora. Eu era a motorista, tirava as fotos, e às vezes também a ajudava nas entrevistas. Através das entrevistas comecei a perceber a timidez das mulheres, o receio, mas ao mesmo tempo tão receptivas. Foi nessa perspectiva que partiu o interesse em estudar essa comunidade e principalmente pela questão da mulher.

Além disso, a comunidade utiliza a mão de obra familiar, uma produção diversificada (leite, queijos, requeijão, doces, hortaliças) destinada ao consumo familiar e à

comercialização, e há propriedades menores que 160ha. Segundo a Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006, o agricultor familiar é aquele que detém área menor que quatro (04) módulos fiscais. O módulo fiscal de Catalão é de 40 hectares, o que equivale a 160 hectares.

A pesquisa encontra-se dividida em três seções além da introdução e das considerações finais. A primeira seção: “A agricultura em Goiás: (re)visitando as transformações no espaço agrário e a modernização da agricultura” tem a finalidade estabelecer um referencial teórico e histórico para entender as transformações e a modernização da agricultura no estado de Goiás e no município de Catalão (GO). Além disso, buscamos caracterizar a agricultura familiar em que a família rural está inserida, principalmente a mulher, que é um dos sujeitos da pesquisa. É imprescindível nessa seção um aporte teórico sobre o tema principalmente para nos embasar para a seção sobre as tabulações da pesquisa, no qual será desenvolvida a pesquisa de campo e discutida a questão da mulher na agricultura familiar.

A seção: “A comunidade Ribeirão: procedimentos metodológicos da pesquisa” tiveram como objetivo explicar os caminhos da pesquisa, como a pesquisa teórica, que nos possibilitou a compreensão dos temas utilizados para a construção da pesquisa, a pesquisa documental, nos auxiliou na compreensão dos fatos, pois foi através destes, houve um tratamento analítico/científico para serem usados conforme os objetivos da pesquisa. E a pesquisa de campo nos possibilitou o conhecimento e a compreensão dos fenômenos da realidade investigada e, ainda, a interação com os sujeitos. A comunidade possui 60 famílias cadastradas no Programa dos Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Foram realizadas 18 entrevistas com os(as) agricultores(as) familiares, ou seja 30% da comunidade. Uma das principais abordagens empregadas na pesquisa foi a Pesquisa Qualitativa efetuada por meio de entrevistas (estruturada e semiestruturada). Essas contribuíram para a compreensão das características peculiares da comunidade, tanto no que se refere ao âmbito socioeconômico, quanto ao cultural e às opiniões dos sujeitos. Apresentaremos também nessa seção a caracterização e a localização da área de estudo, o conceito de comunidade e a caracterização do grupo familiar.

Na seção: “Os(as) agricultores(as) na comunidade Ribeirão: estratégias familiares para viverem e sobreviverem no campo”, o estudo foi orientado a buscar entre as famílias agricultoras os papéis desempenhados pelas mulheres nas trajetórias familiares. Aborda também as relações de gênero entre os homens e as mulheres. As mulheres reorganizam o cotidiano doméstico e buscam novas estratégias de sobrevivência. Nesse sentido, essa seção busca compreender a participação das mulheres na família agricultora na comunidade

Ribeirão no município de Catalão (GO). Para complementar o estudo, buscamos entender a teoria como conceitos de hierarquia e patriarcalismo para aplicarmos na prática, ou seja, na nossa pesquisa de campo através de entrevistas e observações.

## 2 A AGRICULTURA EM GOIÁS: (re)visitando as transformações no espaço agrário e a modernização da agricultura

**Foto 2** - Comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

## **2 A AGRICULTURA EM GOIÁS: (re)visitando as transformações no espaço agrário e a modernização da agricultura**

A questão agrária brasileira é um tema abordado pelas ciências econômicas, sociais e, recentemente (1970) também pela geografia. O estudo se centra em questões sociais e econômicas envolvendo a área rural e a urbana. A agricultura geralmente está associada ao mercado produtivo, ou seja, o processo de produção é gerado pela terra e sua comercialização principalmente pela cidade. Nesse sentido, a questão agrária no Brasil ganha ênfase a partir da década de 1970 e 1980, quando se estuda as consequências da industrialização e da modernização da agricultura brasileira que influenciam no processo de transformação capitalista no campo.

Assim, propomos estabelecer um referencial teórico e histórico para entender as transformações e a modernização da agricultura no estado de Goiás e no município de Catalão (GO). Além disso, buscamos caracterizar a agricultura familiar em que a família rural está inserida, principalmente a mulher, que é um dos sujeitos da pesquisa. É imprescindível nesse capítulo um aporte teórico sobre o tema principalmente para embasar o capítulo seguinte, no qual será desenvolvida a pesquisa de campo e discutida a questão da mulher na agricultura familiar.

Para tanto, adotaremos autores como: Amaral (1958), Martins (1986), Cardoso (1987, 2000), Lamarche (1993, 1997), Palacin (1994), Graziano da Silva (1996), Abramovay (1997), Estevam (1998, 2000), Borges (2000), Moya (2000), Ferreira (2003), Schneider (2003), Toscano (2003), Mendonça (2004), Mendes (2005), Venâncio (2008), Silva (2011), Matos (2011), entre outros. Utilizamos documentos e informações sobre o Estado de Goiás e o município de Catalão como: EMBRAPA, IBGE, SEGPLAN e SEPLAN/GO, dos quais coletamos informações como: densidade demográfica, PIB de Goiás, produção agrícola no estado de Goiás e no município de Catalão, entre outros.

### **2.1 As transformações no espaço agrário no estado de Goiás**

Nessa seção, propomos caracterizar as transformações no espaço agrário no Estado de Goiás que remontam desde a descoberta do ouro até a modernização da agricultura. A história de Goiás remete aos tempos da colonização brasileira, quando se encontrou ouro em Minas Gerais e no Mato Grosso. Sobre isso, Estevam (1998) explica que a descoberta do ouro em Goiás (1722) introduziu no cenário colonial um terceiro “eldorado” depois de Minas

Gerais (1696) e Mato Grosso (1719). O território, até então ocupado unicamente por indígenas (*goyases*)<sup>2</sup> e quase desconhecido, entrou para a história como as *Minas dos Goyases*.

Palacin (1994) enumera três razões que levaram ao descobrimento de tais jazidas. Primeiro, a busca de um caminho por terra “para substituir a longa e difícil via fluvial para Cuiabá”, o que era de interesse “vital” para as autoridades lusitanas; segundo, o “momento psicológico” era adequado para a preparação de uma bandeira exploradora em vista das descobertas em Mato Grosso e dos rumores da existência de ouro no coração da colônia, e, por último, o “momento político” também era favorável devido ao desdobramento do território das Minas Gerais. Então, “a criação de um novo eixo mineiro seria a melhor resposta” que vinha ao encontro dos interesses da Coroa e dos mineradores afastados das Minas Gerais.

O povoamento de Goiás, devido à enorme extensão territorial do estado, deu-se de forma vagarosa e diversificada. Com a proliferação de descobertas auríferas ao longo de uma ampla superfície, a Coroa sentiu necessidade de se aproximar com o seu aparato administrativo. As *Minas dos Goyases*, que até 1749 haviam pertencido à capitania de São Paulo, obtiveram autonomia em meados do ano seguinte e uma das primeiras providências foi a delimitação oficial do território que tinha a intenção de colocar Goiás em ordem. Estevam (1998) salienta que os limites da capitania de Goiás eram vagos no século XVIII e a lógica de suas fronteiras esteve vinculada à necessidade de resguardar as jazidas descobertas. O autor ainda afirma que:

com as formações auríferas disseminadas – distanciadas entre si – os limites foram demarcados pelos grandes rios efetivando-se o represamento político de uma enorme superfície territorial. Basicamente o espaço compreendia ao norte as bacias do Tocantins/Araguaia e ao sul as bacias do Paranaíba/Grande e esteve caracterizado pela imensidão de terras de planalto e pela condição de fronteira aberta à penetração em face de ausência de obstáculos naturais. (ESTEVAM, 1998, p. 23).

O território foi se transformando em amostra das fronteiras internas da colônia, evidenciando uma diversidade de populações e acarretando divergências nos interesses sub-regionais. Uma das dificuldades da coroa lusitana foi o controle das saídas e entradas daquelas minas.

A população colonial na época, por contingência da atividade, tendia a ser

---

<sup>2</sup> É o nome usado para designar os índios homenageados pelos portugueses ao fundar a cidade de Vila Boa de Goyaz em 1736 (PALACIM, 1994).

nômade. Porém, na metade do século XVIII, os arraiais<sup>3</sup> em Goiás se apresentavam em consolidação e se encontravam na abrangência das receptivas jazidas. Palacim (1994) esclarece que esse contingente demográfico da capitania representava no máximo 35.000 pessoas, das quais 16.800 eram escravos se contados através do censo de capitação. Em 1780, a população no estado de Goiás atingiu cerca de 60.000 pessoas. Com o tempo, foram implantados sítios de lavouras ao redor das formações auríferas. Em Goiás (1756) havia, na época, uma média de 500 *roseiros* no território. A criação de gado aparentemente não constituía interesse dos mineradores. A lavoura e a pecuária não representavam significado econômico em termos de complemento de renda para a população goiana.

A extração e a exploração do ouro foram diminuindo drasticamente. A partir de 1770, a decadência dessa atividade provocou o abandono de muitos povoados do estado. Após o ciclo aurífero, no final do século XVIII e início do século XIX, a pecuária adquire *status* dinâmico na economia. Com o fim do ciclo do ouro, os trabalhadores passam a se dedicar à lavoura e à criação de gado. A pecuária, pelo fato do gado se autotransportar, ganha projeção. Várias pessoas chegaram a Goiás vindas do Pará, Maranhão, Bahia, Minas Gerais, povoando as regiões. No Sudoeste novas cidades surgem, como: Rio Verde, Jataí, Mineiros, Caiapônia e Quirinópolis. De acordo com Palacim (1994), os habitantes da região Norte do estado não se dedicaram somente à criação de gado, mas também à plantação de babaçu e ao comércio de sal.

Sobre a economia de Goiás na década de 1890 podemos destacar o domínio comercial do Triângulo Mineiro, que era influenciado pela cafeicultura paulista, enquanto o sul goiano não recebia influências de São Paulo. Estevam (2004) salienta que o Triângulo exerceu amplo domínio sobre o sul do território goiano; produtos agrícolas, principalmente arroz, passaram a ser beneficiados em Minas Gerais, possibilitando a amostragem de um esquema especulativo calcado nos estoques de produtos goianos e mato-grossenses, controlados econômica e geograficamente pelo gargalo do Triângulo Mineiro. O principal produto de exportação regional era o gado de pé. A porcentagem dos impostos arrecadados nas negociações de bovinos sobre a Receita Global do Estado evidenciava a importância destes no montante da arrecadação pública.

Goiás começou a se transformar quando a economia paulista incorporou áreas

---

<sup>3</sup> Arraial: Local onde os grupos militares da época do Brasil colônia estabeleciam acampamento com a finalidade de posse da terra brasileira, provavelmente devido à área cercada, contendo choupanas que acomodavam os soldados, armados de espadas. (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

limites para o seu processo de acumulação. Um dos veículos foi a Mogiana<sup>4</sup>, que ingressou em territórios fora da região paulista, transportando produtos manufaturados, alimentos e matérias primas. Essa ferrovia atingiu o Triângulo Mineiro: Uberaba (1889), Uberlândia (1895) e Araguari (1896) e trouxe modificações para o estado de Goiás. Movidos pelo dinamismo da expansão cafeeira paulista, os trilhos da Mogiana incentivaram a exploração agrícola nas cercanias, e a burguesia comercial do Triângulo Mineiro foi expandindo seus negócios e abrindo canais mercantis pela extremidade sul do território goiano.

Nesse sentido, Estevam (2004) salienta que, no contexto de Goiás, a zona do sudeste era relativamente mais populosa e consistia, na virada do século, na principal via de comunicação em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Por ali cruzavam boiadas que demandavam às zonas cafeeiras, assim como produtos importados de outras regiões. Com essa expansão mercantil, os moradores da zona sudeste ensaiaram certa vida urbana, sendo que o movimento de compra e venda de terras na área foi crescente no período. Os fazendeiros, em consequência do crescimento mercantil, desde cedo passaram a conceber a terra em função do comércio; o solo, apesar de se destinar quase unicamente à criação de gado, possibilitou – relativamente com muita rapidez – auferir lucro e renda. A zona sudeste passou a evidenciar uma estrutura agrária mais disciplinada e dotada de caráter mercantil a partir do século XIX.

Estevam (2004) ainda afirma que a zona sudoeste também passou a ostentar considerável grau de mercantilização da terra, tanto que o fechamento da fronteira foi ocorrendo naquela área. Em função do regime de apossamento puro e simples – de caráter latifundiário – no sudoeste de Goiás não restaram, desde o início do século, grandes parcelas de terras devolutas<sup>5</sup>. Na verdade, a terra ocupada no sudoeste goiano teve dois tipos de uso: serviu como reserva de valor para capitais que ali eram investidos, mesmo sem caráter produtivo, e para a exploração da pecuária extensiva. Obrigatoriamente se deu o fechamento das fronteiras em curto espaço de tempo. Na condição de área pouco integrada às novas frentes econômicas, ali a propriedade da terra ostentou débil significado mercantil. O mesmo aconteceu com o restante do Estado, ou seja, a área central e o norte continuaram imunes às

---

<sup>4</sup> A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro foi uma companhia ferroviária brasileira criada em 1872 com sede na cidade de Campinas (SP). Sua construção se inscreve na história da expansão da cultura do café em direção ao interior da então Província de São Paulo, constituindo-se, inicialmente, por um simples prolongamento da ferrovia então existente, até Mogi-Mirim, e de um ramal para Amparo, com um seguimento até as margens do rio Grande. A proposta original, entretanto, era estender seus trilhos até Goiás, ao norte (ESTEVAM, 2004).

<sup>5</sup> O termo “devolutas” se relaciona à decisão de devolução dessas terras para o domínio público ou não, dependendo de ações judiciais denominadas discriminatórias (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

modificações nas formas sociais de propriedade fundiária.

Assim, a estrada se constituiu em um importante meio de sustentação econômica de Goiás, com traçado, abertura e também manutenção, articulando-se a outras estradas, sendo um elemento de aproximação entre diferentes regiões e proporcionando contato entre áreas consideradas isoladas, promovendo o progresso e o desenvolvimento. E, ainda, introduziu novos hábitos e costumes trazidos pelos viajantes, transformando a vida e as relações antes existentes. O surgimento de diversos núcleos urbanos está ligado à construção das estradas e suas dinâmicas.

A implantação de uma infraestrutura de transporte após 1930 e a construção de Goiânia e Brasília deram força para a expansão da agricultura no estado. Goiás é, a partir de então, inserido no circuito do mercado brasileiro, expandindo-se pelo sistema exportador ferroviário. Goiânia e Anápolis se consolidavam como cidades de comércio e intermediavam a produção e também a importação de produtos do Sudeste brasileiro. Nesse sentido, Estevam (1998) afirma que:

nesse contexto os comerciantes de Anápolis e Goiânia consolidaram-se enquanto classe mercantil atuando principalmente em dois ramos: agropecuária no financiamento, compra, armazenagem e beneficiamento de arroz e na revenda de produtos industrializados, principalmente veículos e autopeças, modalidade esta que regularmente esteve na mão dos mesmos comerciantes que exportavam cereais e importavam manufaturados. (ESTEVAM, 1998, p. 134).

A estrada de ferro, além de levar produtos primários e trazer produtos manufaturados, também tinha uma importância cultural, como salienta Borges (2000).

A ferrovia tornou-se não só a principal artéria de exploração de bens primários e de importação de manufaturados, como também a principal via de penetração de novas ideias e valores culturais da sociedade moderna, portanto, um instrumento do capital no processo de dominação econômica e cultural. (BORGES, 2000, p. 36).

Com a construção das rodovias ocorreu uma integração, possibilitando uma formação entre urbano e rural para que consumissem os produtos agrários através do mercado. O estado passou integrar ao abastecimento interno do país. Produtos como arroz e feijão se configuraram como produtos com grande produção nas fazendas goianas. Esse é o espaço goiano nas décadas de 1930 a 1960, ou seja, ocorre uma modernização das infraestruturas e também das ideias. A função territorial de Goiás na nação foi fornecer produtos primários, dentre eles gêneros alimentícios, e importar produtos manufaturados.

Em 1942, Goiânia, considerada chave para a economia desse estado, foi decisiva

para o desenvolvimento do mesmo. A construção da nova capital significou um primeiro passo para a transformação da economia e da política goiana. Essa construção promoveu a abertura de novas estradas, que se tornaram o centro de ligação interestadual e também ajudaram a população a recuperar a autoestima, abalada com a decadência do ciclo do ouro na região. A construção da nova capital inseriu o ideal de perspectivas futuras para o desenvolvimento econômico e social. Estevam (1998) salienta que:

em suma, nas décadas de 1940 e 1950 fatores de âmbito nacional e regional colaboravam para que elementos de transformação germinassem nas estruturas do estado. Entre os mais importantes à integração do comércio nacional, a urbanização e a decorrente formação de centros comerciais na Região. Embora o Plano de Metas não tenha contemplado a agricultura de forma efetiva na sua programação, a expansão rodoviária permitiu e acelerou a efetiva integração de Goiás à dinâmica do mercado interno brasileiro, assim como possibilitou a montagem de um sistema comercial vigoroso no Eixo Anápolis-Goiânia. (ESTEVAM, 1998, p. 151).

O estado de Goiás se localiza na região Centro-Oeste e pertence ao bioma Cerrado. Na década de 1970, a agricultura goiana e as áreas de Cerrado passaram por grandes transformações, por isso, destacamos que a modernização da agricultura se relaciona ao bioma, além dos programas nessa área. O Cerrado possui algumas particularidades naturais que favoreceram a expansão da modernização da agricultura, dentre elas se destacam: topografia plana ondulada, condições climáticas, ou seja, estações bem definidas e pluviosidade adequada. Expomos aqui algumas características gerais do bioma e, posteriormente, as principais modificações ocorridas, a partir da década de 1970.

Segundo Ferreira (2003), hoje se pode definir o Cerrado como sendo uma savana tropical constituída por vegetações rasteira, arbustiva e árvores formadas, principalmente, por gramíneas coexistentes com árvores e arbustos esparsos, ou seja, englobando os aspectos florísticos e fisionômicos da vegetação, sobre um solo ácido e relevo suave ondulado, recortada por uma intensa malha hídrica.

Conforme Ferreira (2003), o bioma Cerrado ocupa aproximadamente 22% do território brasileiro, abrangendo cerca de dois milhões de km<sup>2</sup> e se distribui por mais de dez estados brasileiros - Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Goiás, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, São Paulo - e o Distrito Federal, e por áreas remanescentes nos estados do Pará, Roraima e Amapá. Esse bioma compreende áreas entre os paralelos 3° e 24° de latitude Sul e 41° e 63° de longitude Oeste, situando-se na porção central do continente Sul-Americano. É o segundo maior bioma do país, só perdendo para a Floresta Amazônica,

servindo de interconexão com outros biomas nacionais, e sua área de ocorrência se constitui como divisor de águas brasileiro, uma vez que as principais bacias hidrográficas têm seus nascedouros nessa região (FERREIRA, 2003).

Gomes (2008) ressalta que o Cerrado possui as seguintes características: a) plantas com um aspecto xeromórfico, isto é, semelhantes à vegetação de regiões semi-áridas; b) plantas com caules retorcidos, casca grossa, com folhas largas espessas e pilosas, submetidas à prolongada estação seca; c) estrutura radicular espessa, às vezes, com mais de 20 metros de profundidade; d) plantas que possuem a maior parte de sua biomassa subterrânea, a ponto de serem denominadas “floresta de cabeça para baixo”; e) plantas com mecanismos de controle de retenção e perda de água pelas folhas - evaporação e transpiração; f) plantas que dispõem de “xilopódios”, órgãos subterrâneos protetores contra o fogo - condicionante vital de sua existência; e g) água em boa disponibilidade no solo.

Segundo a Embrapa (2015), nos solos do Cerrado predominam os latossolos arenosos vermelho-amarelo e as lateritas<sup>6</sup>, em sua maioria ácidos e dotados de baixos níveis de macro e micronutrientes, com pH variando entre quatro e cinco, com elevada concentração de alumínio, elemento tóxico para a maioria das espécies utilizadas na agricultura. No entanto, são profundos, bem drenados, com inclinações menores que 3%, sendo propícios para a expansão da produção de grãos, justificando os investimentos para a correção dos mesmos, a partir da década de 1970.

Gomes (2008) explica que o Cerrado possui três grandes bacias no Brasil: do Paraná, do São Francisco e da Amazônia. Esse bioma possui importância para o equilíbrio natural de toda a plataforma sul-americana, pois a água acumulada nos lençóis freáticos do Cerrado brasileiro abastece seis das oito maiores bacias hidrográficas brasileiras, exceção apenas para as bacias do rio Uruguai e do Atlântico Sudeste. Em virtude de possuir um importante corredor de águas, pode ser considerado como o “berço das águas”.

Podemos perceber que o bioma Cerrado possui características para o processo de modernização da agricultura. Desse modo, fatores políticos e econômicos contribuíram para a expansão da modernização nas áreas do Cerrado. A modernização teve por finalidade o aumento da produção e da produtividade agropecuária mediante a renovação tecnológica, isto é, a utilização de métodos, técnicas, equipamentos e insumos modernos.

---

<sup>6</sup> Laterita - Produto do processo laterização. O mesmo que laterito. São formações superficiais ou subsuperficiais ferruginosas e aluminosas endurecidas, que se formam em regiões tropicais ou subtropicais (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

Para Graziano da Silva (1996), o termo modernização da agricultura é utilizado para designar a transformação na base técnica da produção agropecuária no pós-guerra e as intensas modificações da produção no campo e das relações entre capital e trabalho. Esse período é marcado pela dependência do mercado externo dos meios de produção e sua consolidação ocorreu a partir de 1960, com a adoção das inovações tecnológicas no processo produtivo (inovações agronômicas, físico-químicas, biológicas) e a constituição dos complexos agroindustriais, o que gerou uma nova configuração socioeconômica e espacial para o campo brasileiro.

Mendonça (2004) salienta que, a partir de meados da década de 1970, a atratividade do Cerrado para a agricultura comercial, notadamente a da soja, ampliou-se consideravelmente em consequência da demanda crescente pelo produto nos mercados internacionais. Devido a essa demanda, o processo de modernização da agricultura se viabilizou no Cerrado, inicialmente nas áreas mais bem servidas de infraestrutura, apesar do número reduzido de incentivos e subsídios.

Gomes (2008) afirma que os principais aspectos que contribuíram para a ocupação e produção das áreas do Cerrado goiano se devem a três fatores que favoreceram a agricultura e a agropecuária intensiva: a) **naturais** - dizem respeito ao relevo com topografia plana-ondulada, condições climáticas favoráveis em termos de pluviosidade, temperatura, umidade; aeração dos solos facilitada pela natureza das rochas; recursos hídricos abundantes em termos de drenagem de superfície e subterrânea; vastidão de terras férteis agricultáveis, em parte favorecidas pela decomposição de rochas basálticas e diabásicas, geradoras de solos férteis; b) **econômicos** - dimensão do alqueire de 48.800m<sup>2</sup> que corresponde ao dobro da medida dos estados do Sul do Brasil; preço das terras do Cerrado, que ainda é acessível; existência de mão de obra disponível e barata; c) **financeiro-comerciais** - política de incentivo dos governos federal, estadual e municipal; existência de um “cinturão financeiro-comercial” formado por centros regionais metropolitanos, como Goiânia, Anápolis e Brasília. A função desse cinturão é alimentar as empresas com capital de empréstimos e viabilizar as transações comerciais de veículos e acessórios, de máquinas e ferramentas, de implementos e insumos de toda natureza.

Com a modernização das áreas do Cerrado, a partir da década de 1970, as políticas e os programas governamentais subsidiam essas áreas implantando programas como o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-brasileiro de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER).

Para Estevam (2004), o crédito rural foi um dos instrumentos básicos da modernização agrícola e fortaleceu, de maneira acelerada, o processo de capitalização no campo. Para concessão de financiamento era exigido certo padrão tecnológico, elevada densidade de capital, monetarização, além de farta aquisição de fertilizantes e outros insumos. A diversidade de linhas de crédito e as taxas de juros subsidiadas estimularam grande número de interessados a se instalarem nos Cerrados.

Segundo Mendes e Ferreira (2013), o POLOCENTRO<sup>7</sup> foi criado através do Decreto Federal n. 75.370, janeiro de 1975, com vigência até 1982. Considera-se este o programa de maior impacto sobre o crescimento da fronteira agropecuária do Centro-Oeste, abrangendo 70% das áreas territoriais dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e 30% das áreas de Goiás e Minas Gerais. O programa oferecia linhas de crédito fundiário, de investimentos e de custeio. As taxas de juros eram fixadas em níveis reduzidos, sem correção monetária e concedidos também longos períodos de carência. Como nesse período a taxa inflacionária do mercado financeiro era alta, o crédito foi comparado a uma doação para seus usuários.

Sobre o PRODECER<sup>8</sup>, Silva (2011) esclarece que o mesmo foi criado na década de 1980 e se constitui em um programa administrado por organizações de direito privado, sendo dirigido por executivos brasileiros e japoneses, isto é, não é um programa governamental. Esse programa possuía recursos financeiros limitados, número de beneficiários reduzidos e estimulava a abertura de terras para o cultivo agrícola.

Tanto o PRODECER quanto o POLOCENTRO contribuíram para impulsionar o processo de modernização da agricultura, porém, como era preciso ter capital e padrão tecnológico, os pequenos agricultores foram impossibilitados de adquirir financiamentos para melhoria e sobrevivência no campo. Podemos concluir que o estado de Goiás passou por grandes transformações desde a colonização brasileira até a modernização da sua agricultura. Transformações essas que trazem desigualdades ao campo, excluindo o pequeno agricultor e promovendo melhoras para os grandes agricultores.

---

<sup>7</sup> Sobre o assunto ver: (TANURE, 2013).

<sup>8</sup> Sobre o assunto ver: (TANURE, 2013).

## 2.2 O processo de modernização no estado de Goiás

O estado de Goiás se destaca pela produção agropecuária, pois é o quarto maior produtor de grãos do país. Na década de 1970, a agricultura passou por transformações, incorporou técnicas modernas de produção e se tornou uma das mais produtivas do Brasil. A construção de Goiânia e de Brasília e o sistema rodoviário contribuíram para a modernização da agricultura em Goiás. O estado de Goiás se localiza na região Centro-Oeste do país, e esta localização é de melhor acesso para a exportação de alimentos.

Segundo IMB (2013), o estado de Goiás está localizado na região Centro-Oeste do Brasil, ocupa uma área de 340.111,780 km<sup>2</sup>. É o sétimo estado do País em extensão territorial. Limita-se ao norte com o estado do Tocantins, ao sul com Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, a leste com a Bahia e Minas Gerais e a oeste com Mato Grosso. Goiás possui 246 municípios e envolve quase todo o Distrito Federal, exceto seu extremo sudeste.

Em sua vegetação dominam formações florestais, conhecidas como Mato Grosso Goiano; a maior parte do território do estado de Goiás apresenta o tipo de vegetação escassa do Cerrado, com árvores e arbustos de galhos tortuosos, cascas grossas, folhas cobertas por pelos e raízes muito profundas. O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro e da América do Sul, depois da Amazônia, e concentra nada menos que 1/3 da biodiversidade nacional e 5% da flora e da fauna mundiais. A flora do Cerrado é considerada a mais rica Savana do mundo e se estima que entre 4.000 a 7.000 espécies compõem esta região (IMB, 2013).

Os solos do Cerrado do Centro-Oeste foram considerados, até o final dos anos 1960, impróprios para a agricultura. De fato, é mínima a quantidade de solos com fertilidade natural para plantações. A pesquisa científica, entretanto, tornou os Latossolos – que no Centro-Oeste ocupam 90 milhões de hectares (15 milhões em Goiás) – a área mais propícia para as culturas de grãos: solos profundos, bem drenados, com inclinações normalmente inferiores a 3%. São áreas privilegiadas para expansão da agricultura especializada em grãos pela facilidade que oferecem à mecanização. A projeção de Goiás no cenário agropecuário do Brasil se deve particularmente ao domínio tecnológico do ecossistema dos Cerrados. Com a adequada correção dos solos e a consequente inserção dos Campos de Cerrado no processo produtivo, a agricultura no Estado deu um salto rumo ao desenvolvimento – quer pelo plantio de culturas anuais quer pelo plantio de pastagens (IMB, 2013).

Goiás é o estado mais populoso do Centro-Oeste, conforme estimativa populacional de 2013 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo 6.434.052 habitantes e densidade demográfica de 18,5 habitantes/km<sup>2</sup>. Na década 2000/2010,

foi constatada taxa de crescimento de 1,74%, maior que a média nacional, que foi de 1,11%. Um dos principais fatores que explicam o crescimento da população é o crescente número de imigrantes que Goiás vem recebendo, principalmente nas últimas décadas. Conforme a última estatística disponível, de 2009, o saldo líquido migratório foi de 129.056 habitantes (diferença entre os imigrantes e emigrantes). O estado de Goiás se caracterizou por receber indícios dados de migrantes de vários estados. Além do Distrito Federal, pode-se citar Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Tocantins e Maranhão, sendo classificados como área de média absorção migratória (IMB, 2013).

Conforme a PNAD/IBGE, em termos de gênero, a população feminina é predominante em Goiás, são 3,199 milhões de mulheres e 3,097 milhões de homens, o que resulta numa proporção de 97 homens para cada 100 mulheres. No Brasil, a proporção é de 94 homens para cada 100 mulheres. Os dados dá continuidade do processo de diminuição do volume da população rural em Goiás (Tabela 1). Em 2000, a população rural era de 607 mil habitantes, passando para 530 em 2012, com queda de 12,7%. Na comparação 2000/1991 o recuo foi de 21,3%. Contudo, revela-se redução na taxa de êxodo rural. A população urbana em 2000 era de 4,397 milhões de habitantes, passando para 5,765 em 2012, ou seja, um incremento de 1,368 milhões de habitantes na área urbana.

**Tabela 1** – Estado de Goiás: População residente, por sexo, situação do domicílio e densidade demográfica – 1980, 1991, 2000, 2008 – 12 (mil habitantes).

Ano	População total (hab.)	Sexo		Situação do domicílio		Densidade demográfica (hab./km <sup>2</sup> )
		Homem	Mulher	Urbana	Rural	
1980 (1)	3.121	1.585	1.535	2.108	1.013	9,14
1991	4.019	2.016	2.003	3.248	771	11,78
2000	5.003	2.492	2.511	4.397	607	14,71
2008 (2)	5.965	2.950	3.015	5.355	611	17,26
2009 (2)	6.053	2.960	3.094	5.401	652	17,5
2010	6.004	2.982	3.022	5.421	583	17,65
2011 (2)	6.218	3.012	3.206	5.729	489	18,28
2012 (2)	6.296	3.097	3.199	5.765	530	18,51

Fonte: Instituto Mauro Borges / Segplan-GO / Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas - 2014.

(1) Relativo ao Estado de Goiás após a divisão territorial.

(2) PNAD. Org.: Silva, G. B. (2015).

A partir dos dados da tabela 1 salienta-se que de 1980 o estado de Goiás teve um aumento na população. Estevam (1998) considera que nesse período o do estado esteve condicionado aos investimentos governamentais, principalmente à construção de Brasília, que

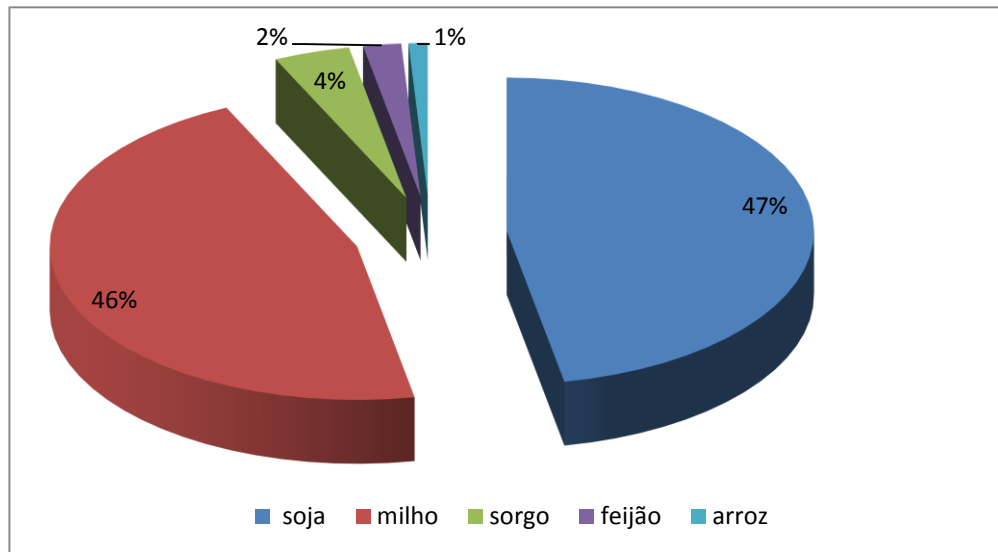
atraiu a imigração tanto para o Distrito Federal como para seu entorno. Soma-se a isso a diminuição do índice de mortalidade. No entanto, o crescimento demográfico em Goiás se caracterizou por um processo de intensa urbanização e ostentou acelerada redução do contingente rural. Os maiores adensamentos estiveram no centro-sul do estado em função principalmente das influências de Goiânia, Anápolis e entorno do Distrito Federal. Porém, o Estado passa por uma diminuição da população rural, nesse sentido, o autor destaca que a esse declínio rural em Goiás foi decorrente do processo de modernização agropecuária. Assim, o êxodo rural em Goiás foi mais expressivo na década de 1980.

Goiás se consolidou nas últimas décadas como um dos maiores celeiros da federação. A produção agropecuária do estado está entre as mais importantes do país. Na produção de grãos, o estado é a quarta maior do país. No setor pecuário, Goiás possui o terceiro maior rebanho bovino e a quarta maior produção leiteira nacional.

Para IMB (2013), os bons resultados possuem reflexos em termos regionais, assim, Goiás ampliou sua participação no PIB da região Cento Oeste e no PIB do Brasil. Sua participação no PIB nacional, que era de 2,5% em 2008, passou para 2,7% no ano de 2011. Em termos agregados, o PIB goiano atingiu o valor de R\$ 111,269 bilhões em 2011, se comparado aos R\$ 98 bilhões de 2010 representou um incremento de R\$ 13,693 bilhões, o maior incremento em termos de produto da sua história. Esses resultados fizeram com que o Estado se mantivesse na 9ª posição no ranking nacional. Embora o PIB *per capita* goiano se situe abaixo do PIB *per capita* nacional, o mesmo obteve elevado crescimento entre 2010 e 2011, saltando de R\$ 16.251,70 no primeiro período para R\$ 18.298,59 no segundo, isto é, um incremento de R\$ 2.046,89 em termos *per capita*. Um dos fatores que impactam negativamente o PIB *per capita* goiano é a dinâmica migratória nacional que contemplou Goiás com o maior saldo migratório do país na última década.

A modernização agrícola foi fundamental para o incremento do PIB e para criar as condições para o desenvolvimento do setor industrial por meio da agroindústria. A maior parte dos insumos utilizados pelo setor industrial goiano é proveniente da produção agrícola. No Gráfico 1 são apresentados os principais produtos agrícolas produzidos no estado de Goiás.

**Gráfico 1** – Estado de Goiás: Produção dos principais produtos agrícolas – 2014.



Fonte: Instituto Mauro Borges / (Segplan-GO) - Gerência de Sistematização e Disseminação de Informações Socioeconômicas (2014). Org.: Silva, G. B. (2015).

O estado é um dos grandes produtores de grãos do país, ocupando a quarta posição no ranking em 2014, com participação de 9,1% da produção nacional. A soja se mantém como o principal produto agrícola, representando 47% dos grãos produzidos no estado.

O maior incremento no volume de produção, em Goiás, ocorreu no trigo, 122,2% em relação ao ano anterior, seguido pela produção do girassol e algodão herbáceo, com aumento respectivo de 44,9% e 30,2%. Desses três produtos o trigo também apresentou maior crescimento no valor de produção, 56,2%, enquanto o valor de produção do girassol subiu 42,7% e o algodão herbáceo 15,5% (IMB, 2014).

Destaca-se que na produção de sorgo e tomate, Goiás mantém na 1ª posição no *ranking* nacional e na cana-de-açúcar o 3º lugar. Ainda vale destacar que os municípios goianos de Cristalina, Itaberaí, Morrinhos e Vianópolis ocupam as primeiras posições, nessa sequência, no *ranking* nacional de municípios na produção de tomate. Na produção de sorgo Cristalina desponta em 1º nesse ranking e Rio Verde obteve o 2º lugar (IMB, 2014).

Foi o processo de modernização agrícola iniciado no final da década de 1970 que fortaleceu a fronteira agrícola do estado de Goiás, aproveitando-se do grande potencial agrícola, das políticas públicas voltadas para o desenvolvimento do setor, como os programas destinados à área de Cerrado (POLOCENTRO e PROCEDER), da grande extensão territorial e da proximidade com os principais centros do país.

### 2.3 Definição e caracterização da agricultura familiar

O conceito de agricultura familiar não é um termo novo, na verdade, é uma das terminologias para caracterizar e definir a produção rural familiar. Nesse sentido, podemos destacar algumas terminologias como: pequeno camponês, pequeno agricultor, agricultura de baixa renda, e agricultor familiar, cuja terminologia é usada na pesquisa.

Martins (1986) salienta que o homem rural pode ser chamado de vários modos. Nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná é mais conhecido como roceiro e caipira. Na região do Nordeste é chamado de tabaréu. Em outras regiões é chamado de caboclo. Para o autor, todas as palavras possuem duplo sentido e fazem referência ao agricultor, a quem vive no campo, pessoa rústica, atrasada e ingênua.

Agricultor familiar é um termo utilizado em vários estudos no campo da Economia, Sociologia e recentemente da Geografia. Autores como Abramovay (1992), Lamarche (1993, 1998), Tedesco (1999, 2001), Schneider (2003), Mendes (2005), entre outros, além do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) caracterizam a produção rural familiar e destacam a importância da mesma no Brasil e no mundo.

O conceito do Dossiê Estatístico elaborado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO, 1996) define a agricultura familiar a partir de três características centrais: a) a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento; b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família; e c) a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (INCRA/FAO, 1996, p. 4).

Lamarche (1993), em estudo sobre a agricultura familiar nos países como Brasil, Canadá, França, Polônia e Tunísia, salienta que, independentemente de quais sejam os sistemas sociopolíticos, as formações sociais ou as evoluções históricas, em todos os países onde um mercado organiza as trocas, a produção agrícola é sempre, em maior ou menos grau, assegurada por explorações familiares, ou seja, por explorações em que a família participa na produção. O autor ainda ressalta que:

é forçoso admitir, entretanto, uma grande diversidade de situações: em alguns lugares, a exploração familiar é a ponta da lança de desenvolvimento da agricultura e de sua integração na economia de mercado; em outros, permanece arcaica e fundada essencialmente sobre a economia de subsistência; em alguns lugares, ela é mantida, reconhecida, como a única forma social de produção capaz de satisfazer as necessidades essenciais da sociedade como um todo; em outros, ao contrário, é excluída de todo desenvolvimento, sendo desacreditada e a custo tolerado, quando não chegou a ser totalmente eliminada. (LAMARCHE, 1993, p. 13).

Podemos entender que a agricultura familiar é uma relação entre terra, trabalho e família. Schneider (2003) ressalta que o primeiro elemento para se definir agricultura familiar está relacionado com a forma de uso do trabalho. Unidades familiares funcionam, predominantemente, com base na utilização da força de trabalho da família e de seus membros.

Abramovay (1992) estabelece uma definição conceitual mais objetiva da agricultura familiar, em que reconhece a necessidade de considerar os elementos endógenos de funcionamento das unidades familiares, atribuindo-lhes, portanto, um papel muito mais destacado. Assim, em sua obra, encontra-se a seguinte definição de agricultura familiar:

a agricultura familiar é aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantem entre si laços de sangue ou de casamento. Que esta definição não seja unânime em muitas vezes tampouco operacional é perfeitamente compreensível, já que os diferentes setores sociais e suas representações constroem categorias científicas que servirão a certas finalidades práticas: a definição de agricultura familiar, para fins de atribuição de crédito, pode não ser exatamente a mesma daquela estabelecida com finalidades de quantificação estatística num estudo acadêmico. O importante é que esses três atributos básicos (gestão, propriedade e trabalho familiares) estão presentes em todas elas. (ABRAMOVAY, 1992, p. 3).

Com relação à comunidade Ribeirão utilizamos a definição de agricultura familiar estabelecida pela FAO/INCRA e pelo autor Abramovay (1992), pois as propriedades vivem do trabalho familiar, e, além disso, são integradas ao mercado para comercialização do seu trabalho na terra.

Para Lamarche (1997), a situação em que se expressa à agricultura familiar na atualidade, no caso brasileiro, é resultado de um processo histórico iniciado a partir da colonização, sendo influenciada principalmente pelos acontecimentos políticos, econômicos e sociais dos últimos séculos especialmente das últimas décadas. A respeito disso, Lamarche (1992) considera um quadro mais amplo, e disserta que “evidentemente a exploração familiar tem passado também por profundas transformações nestas últimas décadas, todavia foi

bastante afetada pelo caráter ‘conservador’ da modernização agrícola: discriminatório, parcial e incompleto.” (LAMARCHE, 1997, p. 184, grifos do autor).

Em 1996 surge o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Esse programa foi formulado como resposta às pressões do Movimento Sindical Rural, realizadas desde o início da década de 1990. O PRONAF tem a finalidade de promover crédito agrícola e apoio institucional aos pequenos produtores rurais que estão com dificuldades de se manterem no campo.

O Manual Operacional do PRONAF (1996) visa o fortalecimento da agricultura familiar, mediante técnico e financeiro, para promover o desenvolvimento rural sustentável. Seu objetivo geral consiste em fortalecer a capacidade produtiva da agricultura familiar. Quatro objetivos específicos complementam os propósitos do Programa: a) ajustar as políticas de acordo com a realidade dos agricultores familiares; b) viabilizar a infraestrutura necessária à melhoria do desempenho produtivo dos agricultores familiares; c) elevar o nível de profissionalização dos agricultores familiares através do acesso aos novos padrões de tecnologia e de gestão social; e d) estimular o acesso desses agricultores aos mercados de insumos e produtos.

O PRONAF (1996) atende especificamente os agricultores familiares, caracterizados a partir dos seguintes critérios: a) possuir, pelo menos, 80% da renda familiar originária da atividade agropecuária; b) deter ou explorar estabelecimentos com área de até quatro módulos fiscais de terra, quantificados conforme a legislação em vigor ou, no máximo, seis módulos, quando se tratar de pecuária familiar; c) explorar a terra na condição de proprietário, meeiro, parceiro ou arrendatário; d) utilizar mão de obra exclusivamente familiar, podendo, no entanto, manter dois empregados permanentes; e) residir no imóvel ou em aglomerado rural ou urbano próximo; e f) possuir renda bruta familiar anual de até R\$60.000,00.

Além disso, existe o PRONAF Mulher, que tem como finalidade o atendimento de propostas de crédito à mulher agricultora, conforme projeto técnico ou proposta simplificada.

Segundo informações do Banco do Brasil (2015) são beneficiárias as mulheres agricultoras integrantes de unidades familiares de produção enquadradas nos Grupos A, A/C e B e aquelas classificadas como Agricultoras Familiares no Pronaf. O grupo A são Agricultores familiares assentados pelo Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA) ou beneficiários do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) que não contrataram operação de investimento do Programa de Crédito Especial para a Reforma Agrária

(PROCERA) ou que ainda não contrataram o limite de operações ou de valor de crédito de investimento para estruturação no âmbito do Pronaf (BANCO DO BRASIL, 2015).

O grupo A/C são os agricultores familiares assentados pelo Instituto Nacional Colonização e Reforma Agrária ou beneficiários do Programa Nacional de Crédito Fundiário (pncf) que: a) tenham contratado a primeira operação no Grupo “A”; e b) não tenham contratado financiamento de custeio, exceto no próprio Grupo “A/C”. E, por último, o grupo B, que são beneficiários que possuem renda bruta familiar nos últimos 12 meses de produção normal, que antecedem à solicitação da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), não superior a R\$20.000,00 (vinte mil reais) e que não contratem trabalho assalariado permanente.

O PRONAF Mulher tem o objetivo de dar reconhecimento à condição das mulheres enquanto trabalhadoras em situações de independência, retirando-as do modelo familiar (e que ainda existe); é um programa que tem valorizado o trabalho da mulher em sua família. Veremos sobre a questão da mulher agricultora na seção 3.

Podemos destacar, também, a importância da agricultura familiar no Brasil. Nesse sentido, ressaltamos os dados apresentados em 1996 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e pelo Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). Os dados revelaram que, aproximadamente, 85% do total de propriedades rurais do país pertencem a grupos familiares. São 13,8 milhões de pessoas que têm na atividade agrícola sua única alternativa de sobrevivência. Cerca de 4,1 milhões de estabelecimentos familiares, o que corresponde a 77% da população ocupada, concentra-se na agricultura. Em torno de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira é oriundo da agricultura familiar (FAO/INCRA, 1996)

Segundo a pesquisa de Toscano (2003), a agricultura familiar responde por cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira e aproximadamente 40% do valor bruto da produção agropecuária nacional, além de se apresentar como o segmento que mais cresceu durante a década de 1990. Esses dados comprovam a importância da agricultura familiar para a sociedade e para a diminuição das desigualdades sociais no campo brasileiro.

Diante das afirmações apontadas no texto, a agricultura familiar assume grande importância para colocar alimentos na mesa da população, além disso, contribui também para a preservação dos recursos naturais e para a reprodução socioeconômica e cultural das famílias rurais. A pesquisa na comunidade Ribeirão é um exemplo disso, os(as) agricultores(as) familiares comercializam seus produtos (hortaliças, leite, queijo, doces, quitandas e entre outros) nas feiras livres no município de Catalão, varejões e supermercados.

Diante dessas considerações, apesar de o agricultor familiar assumir uma relevância para o município de Catalão, as pessoas que moram no urbano o consideram como um roceiro ou caipira atrasado. Vimos aqui que os agricultores familiares desempenham um papel fundamental no desenvolvimento econômico brasileiro. Na pesquisa, a comunidade Ribeirão produz seus alimentos para comercializar na cidade, alimentos esses que sempre estão na mesa da população do município de Catalão. Na próxima seção serão apresentadas as estratégias usadas pela família agricultora. As mulheres assumem um papel importante na família agricultora da comunidade Ribeirão, no município de Catalão (GO).

### 3 A COMUNIDADE RIBEIRÃO: procedimentos metodológicos da pesquisa

**Foto 3** - Hortaliças na comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

### **3 A COMUNIDADE RIBEIRÃO: procedimentos metodológicos da pesquisa**

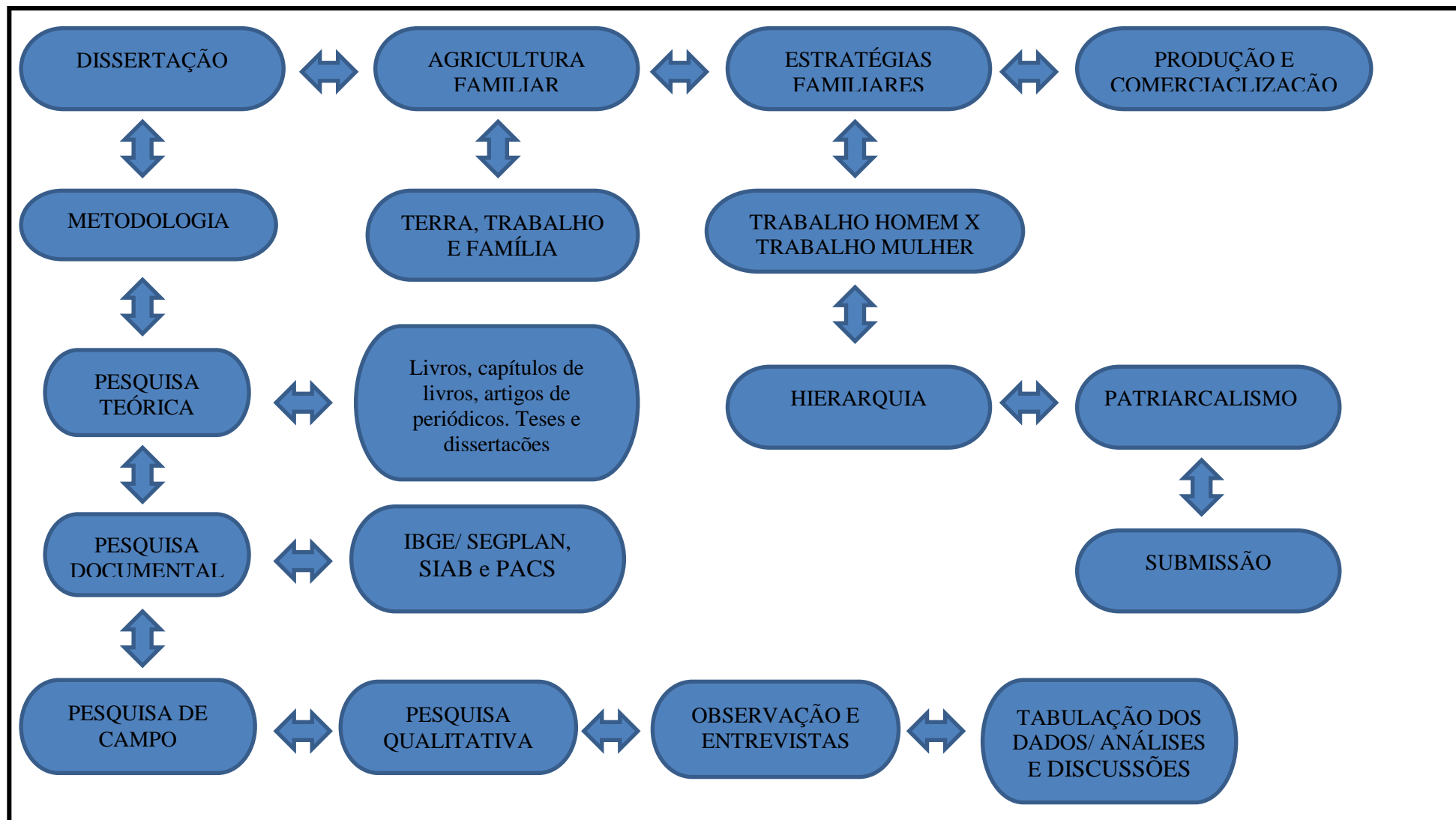
Essa seção tem como objetivo descrever os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Nesse sentido, utilizamos a pesquisa teórica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo. Para a pesquisa teórica adotamos obras que tratam da seguinte temática: comunidade, modernização e transformações no estado de Goiás e no município de Catalão, definição e caracterização da agricultura familiar, a questão da mulher no rural como patriarcalismo e hierarquia e sua influência na comunidade e feiras livres.

Na pesquisa documental utilizamos dados estatísticos advindos dos seguintes órgãos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (SEGPLAN), Sistema de Informação e Atenção Básica (SIAB) e Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Assim, foi possível obtermos dados referentes à proposta do estudo sobre: população residente por sexo, caracterização do estado de Goiás e município de Catalão, entre outros. Na pesquisa de campo utilizamos a pesquisa qualitativa, que nos proporcionou realizar as entrevistas através de formulários com agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão, no município de Catalão.

Para Gil (1989), a ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Nesse sentido, não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que este tem como característica fundamental a sua verificabilidade. Desta feita, para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. A pesquisa então pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento. Para D'Incão (1979), torna-se impossível a prática de um estudo sem a devida combinação de uma metodologia. Portanto, no presente trabalho traçamos alguns caminhos para que a pesquisa se tornasse mais confiável. A pesquisa é definida como o processo formal e sistemático do desenvolvimento do método científico, assim, pesquisar é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

Nesse contexto, descrevemos os procedimentos (fluxograma 1) que foram utilizados para desenvolver as pesquisas teórica, documental e de campo. Além disso, enfocamos as principais teses e autores utilizados para fornecer o embasamento teórico, os documentos analisados na pesquisa documental, os instrumentos utilizados na pesquisa de campo.

Fluxograma 1 – Esquema metodológico da dissertação



Org.: Silva, G. B. (2015).

### 3.1 Pesquisa teórica: dialogando com os autores

A pesquisa teórica possibilitou a compreensão dos temas utilizados para a construção da pesquisa, como o conceito de comunidade, a modernização e as transformações do estado de Goiás do município de Catalão e a caracterização da Agricultura familiar. Utilizamos livros, capítulos de livros, artigos de periódicos, teses e dissertações para que o objetivo fosse alcançado.

Para a construção de uma pesquisa há a necessidade da aquisição/compreensão do conteúdo teórico e conceitual por meio de leituras específicas. A pesquisa teórica tem por objetivo conhecer as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto, como é ressaltado por Luna (2005) ao descrever sobre a revisão teórica, assim, nenhuma pesquisa pode ocorrer antes de um completo trabalho de revisão da literatura relacionada ao problema da pesquisa.

Para Alves-Mazzotti e Gewandznajder (2002), a exigência de um referencial teórico nos trabalhos de pesquisa, frequentemente um fator de ansiedade para os alunos de mestrado e doutorado, merece algumas considerações iniciais. Nesse sentido, podem ser admitidos como pertencendo ao campo teórico diversos tipos de esforços para ir além da pura descrição, atribuindo significados aos dados observados. Colaborando com o assunto, os autores afirmam que:

o nível da teorização possível em um dado estudo vai depender do conhecimento acumulado sobre o problema focalizado, da capacidade do pesquisador para avaliar a adequação das teorizações disponíveis aos fenômenos por ele observados ou, no caso de este ter optado por uma “teoria fundamentada”, de sua capacidade de construção teórica. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDZNAJDER, 2002, p. 182, grifos dos autores).

Na verdade, esse esforço de fazer uma elaboração teórica é essencial, pois nos dá mais clareza sobre o objeto de pesquisa, construindo relevantes e antecipadas hipóteses e também o principal instrumento para a interpretação dos resultados da pesquisa.

A teoria é fundamental, pois, por meio do diálogo com o leitor, adquire-se a capacidade de ler e pensar a realidade de forma criteriosa, indo além da aparência. Assim, estabelecemos uma revisão teórica sobre: a) comunidade: Woortmann (1995), Claval (1999), Marques (2004); b) a modernização e a transformação da Agricultura do estado de Goiás e no município de Catalão: Brum (1988), Estevam (1998; 2004), Chaul (2000; 2002), entre outros; c) sobre a Agricultura familiar: Silva (1980), Prado Júnior (1981), Abramovay (1992), Lamarche (1993, 1998), Woortmann (1995), Caume (1997), Tedesco (1999, 2001), Martins

(2000), Blum (2001), Schneider (2003), entre outros; d) a questão da mulher no rural: Wootmann (1985), Paulilo (1987), Rose (1993b), Instraw (1995), Scott (1995), Woortmann e Woortmann (1997), Tedesco (1999), Schneider (2003), Brumer (2004), Saffioti (2004), Mendes (2005), Saco do Anjos (2005), Castells (2008), Okin (2008), Follador (2009), Cisne (2012), Dourado (2012). As teses e dissertações de Mendonça (2004), Mendes (2005), Venâncio (2008), Guimarães (2010), Silva (2011), Matos (2011), Mesquita (2013) também foram utilizadas, entre outras.

Além desses materiais, o acervo do Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (NEPSA/CNPq/UFG), dentre outros, possibilitou-nos a elaboração de um corpo teórico-conceitual sobre as temáticas abordadas.

### **3.2 Pesquisa documental:** compreendendo os fatos

A pesquisa documental representa um recurso capaz de contribuir significativamente para o estudo, porque auxilia na compreensão dos fatos. É entendida como uma análise de documentos que não receberam tratamento analítico/científico ou podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa. A escolha do documento depende da questão para a qual se busca resposta, representando uma importante contribuição para a pesquisa.

As informações que foram coletadas através dos documentos nos possibilitaram a caracterização da comunidade Ribeirão, em Catalão (GO). Realizamos um levantamento de dados estatísticos e censitários no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Agência Catalão) e na Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento Goiás (SEGPLAN). Por meio do referido levantamento conhecemos as realidades econômica e social do município. Utilizamos o Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB), vinculado à Secretaria Municipal de Saúde de Catalão, para obtermos dados e informações referentes às comunidades em estudo, como: as características da população relativas a sexo e idade. Esse sistema é elaborado a partir dos dados e informações do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS).

### **3.3 Pesquisa de campo:** buscando as informações para a pesquisa

A pesquisa de campo é uma atividade relevante para as investigações de qualquer natureza. A pesquisa em questão possibilitou o conhecimento e a compreensão dos fenômenos

da realidade investigada e, ainda, a interação com os sujeitos. Tem o objetivo de levantar informações e conhecimentos sobre o problema para o qual se procura uma resposta, sendo assim, a pesquisa empírica possibilitou conhecer a realidade da comunidade Ribeirão e compreender as características da agricultura familiar e a participação da mulher na Comunidade.

Os sujeitos da pesquisa são os(as) agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão, no município de Catalão (GO) (Anexo A). Esses contribuíram para a compreensão das características peculiares da comunidade, tanto no que se refere ao âmbito socioeconômico, quanto ao cultural e às opiniões dos sujeitos.

O levantamento de informações sobre a comunidade se iniciou em abril de 2015. Partimos de um ponto zero, ou seja, uma conversa informal por meio do Agente Comunitário de Saúde (ACS)<sup>9</sup>. Posteriormente, fizemos visitas de sondagem e estabelecemos conversas informais com os(as) agricultores(as) familiares. Por meio das conversas fizemos levantamento de informações da área de pesquisa e estabelecemos a delimitação geográfica para definir o quantitativo de famílias a serem entrevistadas. Logo em seguida começamos as atividades de campo na Comunidade.

A comunidade foi escolhida por existir produção diversificada (leite, queijos, requeijão, doces, hortaliças) destinada ao consumo familiar e à comercialização e por haver propriedades menores que 160ha<sup>10</sup>. De acordo com o Sistema de Informação de Atenção Básica (SIAB)<sup>11</sup>, a comunidade Ribeirão possui aproximadamente 60 famílias que são cadastradas no Programa de Agentes comunitários de Saúde (PACS)<sup>12</sup>.

A produção agropecuária na comunidade se baseia na produção de hortaliças, grãos e criação de animais, como bovinos, suínos e aves, tendo a atividade leiteira predominando nas famílias. Os alimentos são vendidos no comércio local e também nas feiras livres (feira livre no bairro Ipanema) no município de Catalão (GO).

---

<sup>9</sup> O Agente Comunitário de Saúde (ACS) resultou da criação do Programa dos Agentes Comunitários de Saúde (PACS) em 1991. O mesmo é capacitado para reunir informações de saúde sobre uma comunidade.

<sup>10</sup> O agricultor familiar é aquele que detém área menor que quatro (04) módulos fiscais. O módulo fiscal de Catalão é de 40 hectares, o que equivale a 160 hectares. Lei n.11.326, de 24 de julho de 2006.

<sup>11</sup> Segundo o Portal da Saúde, o Sistema de Informação Atenção Básica é um sistema (software) desenvolvido pelo DATASUS em 1998, cujo objetivo é agregar, armazenar e processar as informações relacionadas à Atenção Básica (AB) usando como estratégia central a Estratégia de Saúde da Família (ESF).

<sup>12</sup> O programa de Agentes Comunitários de Saúde é hoje considerado parte da Saúde da Família. No PACS, as ações dos agentes comunitários de saúde são acompanhadas e orientadas por um enfermeiro/supervisor lotado em uma unidade básica de saúde que possui as principais especialidades médicas (pediatria, clínica médica e ginecologia-obstetrícia) e demanda espontânea e/ou encaminhada por unidades elementares de saúde.

Utilizamos a pesquisa qualitativa, pois consideramos os sujeitos estudados como um dos elementos do fazer científico, por isso nos apoiamos em alguns instrumentos de pesquisa, como a observação e a entrevista.

Para Godoy (1995), os estudos qualitativos começaram a se difundir na investigação social a partir da segunda metade do século XIX em pesquisas da Antropologia e da Sociologia. A partir da metade do século XX, a abordagem qualitativa passou a ser utilizada em estudos de outras ciências como Geografia, Psicologia e Administração. Sendo assim, Godoy (1995) enumera um conjunto de aspectos capazes de identificar uma pesquisa de natureza qualitativa: a) o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; b) o caráter descritivo; c) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; e d) o enfoque indutivo na análise dos dados.

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem se valoriza o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Godoy (1995) afirma que:

no trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar a sua própria pessoa como instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. (GODOY, 1995, p. 62).

A escolha entre pesquisa quantitativa e qualitativa deve ser feita a partir dos objetivos que se deseja alcançar, isto é, desde que o benefício seja da pesquisa e não do pesquisador. Matos (2011) afirma que:

a abordagem qualitativa é propícia para estudos complexos que não exigem a quantificação. Normalmente, é adequada quando o contexto social ou cultural estiver presente como elemento norteador da pesquisa. A pesquisa quantitativa é mais apropriada quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis a partir de amostras. Por isso, utiliza-se a estatística para testar hipóteses e teorias científicas. As diferenças entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa são muitas. Porém, as diferenças não excluem a possibilidade de utilizá-las em combinação e/ou em integração. (MATOS, 2011, p. 53).

A pesquisa qualitativa tem o caráter necessariamente interpretativo para poder traduzir e expressar o fenômeno estudado, também se constitui em um trabalho com pessoas,

fatos e locais como objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis que somente são perceptíveis a uma atenção sensível visto que é necessário registrar as informações, coletar dados, organizá-los e analisá-los.

Na pesquisa qualitativa foi utilizada a observação e os formulários através das entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Para Marconi e Lakatos (2003), a observação é um instrumento que visa à produção de informações, e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Para as autoras não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se almeja estudar.

Triviños (1987) explica que observar não é simplesmente olhar. É destacar num conjunto (objetos, pessoas e animais) algo específico, aferindo atenção as suas características (cor, tamanho, entre outros). Para o autor, esse recurso permite descobrir seus aspectos aparentes e mais profundos, até captar sua essência numa perspectiva, ao mesmo tempo, específica e ampla de contradições e dinamismos de relações.

Sobre a entrevista, Gil (1989) esclarece que é considerada como um encontro entre duas pessoas por meio de uma conversação formal e interesseira, sendo, portanto, uma interação social. A finalidade principal dessa técnica é a obtenção de informações sobre determinado objetivo ou problema.

Fizemos entrevistas em forma de formulário, pois este é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado. Nogueira (1968) define o formulário como sendo

uma lista formal, catálogo ou inventário destinado à coleta de dados resultantes quer da observação, quer de interrogatório, cujo preenchimento é feito pelo próprio investigador, à medida que faz as observações ou recebe as respostas, ou pelo pesquisado, sob sua orientação. (NOGUEIRA, 1968, p. 129).

O formulário é o nome geral usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com a pessoa. Portanto, o que caracteriza o formulário é o contato face a face com o informante. Para Ander-Egg (1978), são três as qualidades essenciais do formulário: a) adaptação ao objeto da investigação; b) adaptação aos meios que se possuiu para realizar o trabalho; e c) precisão das informações em um grau de exatidão suficiente e satisfatório para o objetivo proposto.

Marconi e Lakatos (2003) explicam sobre as vantagens e as desvantagens do uso do formulário em uma pesquisa. Sobre as vantagens citam: a) utilizado em quase todos os segmentos da população: alfabetizados, analfabetos, populações heterogêneas etc., porque seu

preenchimento é feito pelo entrevistador; b) oportunidade de estabelecer *rapport* devido ao contato pessoal; c) presença do pesquisador, que pode explicar os objetivos da pesquisa, orientar o preenchimento do formulário e elucidar significados de perguntas que não estejam muito claras; d) flexibilidade, para se adaptar às necessidades de cada situação, podendo o entrevistador reformular itens ou ajustar o formulário à compreensão de cada informante; e) obtenção de dados mais complexos e úteis; f) facilidade na aquisição de um número representativo de informantes em determinado grupo; e g) uniformidade dos símbolos utilizados, pois é preenchido pelo próprio pesquisador.

Quanto às desvantagens, seguem: a) menos liberdade nas respostas em virtude da presença do entrevistador; b) risco de distorções pela influência do aplicador; c) menos prazo para responder às perguntas; não havendo tempo para pensar, elas podem ser invalidadas; d) mais demorado, por ser aplicado a uma pessoa de cada vez; e) insegurança das respostas por falta do anonimato; e f) pessoas possuidoras de informações necessárias podem estar em localidades muito distantes, tornando a resposta difícil, demorada e dispendiosa.

Na pesquisa identificamos uma série de vantagens e desvantagens sobre a utilização dos formulários. Porém, as vantagens utilizadas na obra de Marconi e Lakatos (2003) nos deram embasamento para utilizar o formulário. Assim, obtivemos características como: a) caracterização do imóvel/identificação e localização do estabelecimento, b) identificação do entrevistado, c) caracterização da família e do proprietário do imóvel, d) renda agrícola e não agrícola e) identificação de famílias no imóvel, f) composição familiar, g) escolaridade, h) força de trabalho, i) contratação de serviços no estabelecimento, j) bens de consumo, comunicação e transporte, l) características da pecuária, o) produtos cultivados, e p) produção e comercialização.

Através dos formulários, fizemos entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Para Marconi e Lakatos (2003), a entrevista estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro/formulário previamente estabelecido, isto é, as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Assim, ela se realiza por meio de um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano. Já a entrevista semiestruturada tem a vantagem de uma maior flexibilidade em relação à duração e às perguntas podendo repeti-las e/ou reformulá-las. Oferece, ainda, maior oportunidade para avaliar e registrar as reações e gestos do entrevistado, além de contribuir para obtenção de respostas mais espontâneas e possibilitar o surgimento das questões inesperadas ao entrevistador que podem ser úteis para a pesquisa.

Aplicamos 18 formulários na comunidade, o que representou um total de 30% das famílias. A escolha dos sujeitos foi a partir das famílias que residem perto e envolta do centro comunitário. Para Duarte (2002), numa metodologia de base qualitativa, o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado *a priori* – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas.

À medida que se colhem os depoimentos, vão sendo levantadas e organizadas as informações relativas ao objeto da investigação e, dependendo do volume e da qualidade delas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente e denso. Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos. (DUARTE, 2002, p. 144, grifos do autor).

Sendo assim, terminamos a coleta de dados quando vimos que todas as informações obtidas nos deram respostas para confirmar nosso objetivo por meio das entrevistas.

A realização das entrevistas foi algo que dependeu exclusivamente da experiência em campo. Não foi fácil encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar as respostas de cada questão, ter algum controle das expressões de cada participante (evitando o máximo possível os gestos de aprovação, rejeição, desconfiança, dúvida, entre outros); estas são competências que só se constroem balizadas na reflexão sobre as leituras e no exercício de trabalhos dessa natureza. Os dados adquiridos com a aplicação do formulário foram codificados, tabulados e incorporados ao texto por meio de tabelas, gráficos e outras ilustrações, sendo esses indispensáveis à compreensão da discussão. E, posteriormente, realizamos a análise e interpretação dos mesmos.

Outra metodologia que usamos como processo de investigação da nossa pesquisa foi o registro fotográfico na Comunidade. Para Pontes (2012), a fotografia surge como construção de uma imagem que se quer real, autêntica e verdadeira. Dessa maneira, seus usos, tanto como objeto quanto como forma de apreensão das realidades observadas, dependeram desde os primórdios de certas transformações e afiliações a áreas distintas como a sociologia, a antropologia e entre outras disciplinas.

Dessa maneira, podemos delinear os usos da fotografia como pertencentes a uma análise ancorada na lógica funcional do seu uso cotidiano e na leitura

contextual de seus elementos internos (posicionamento dos indivíduos no plano fotográfico, distância e proximidade de indivíduos em relação aos outros, uso ou não de cores etc.) ou ao seu uso como método de construção de imagens esteticamente estudadas e construídas a partir da intencionalidade do fotógrafo como forma de capturar significados e construir um discurso independente da área que esteja. (PONTES, 2012, p. 3).

Neste caso a fotografia pode nos fornecer muito mais do que está exposto externamente, sobre a realidade retratada e também sobre o olhar daquele que a produziu. Através da fotografia o leitor poderá reconstituir parte do ambiente e do estilo de vida e certas características do cotidiano dos(as) agricultores(as) pesquisados(as), possibilitando uma maior compreensão analítica do objeto/sujeito.

Portanto, conforme mencionado, os procedimentos metodológicos foram utilizados para alcançar os objetivos e resultados esperados da pesquisa. A pesquisa de campo trouxe muitas dificuldades, porém, não prejudicou o desenvolvimento do estudo. Adiante apresentaremos a caracterização e a localização da área de estudo, a comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO), para melhor entendermos sua escala espacial.

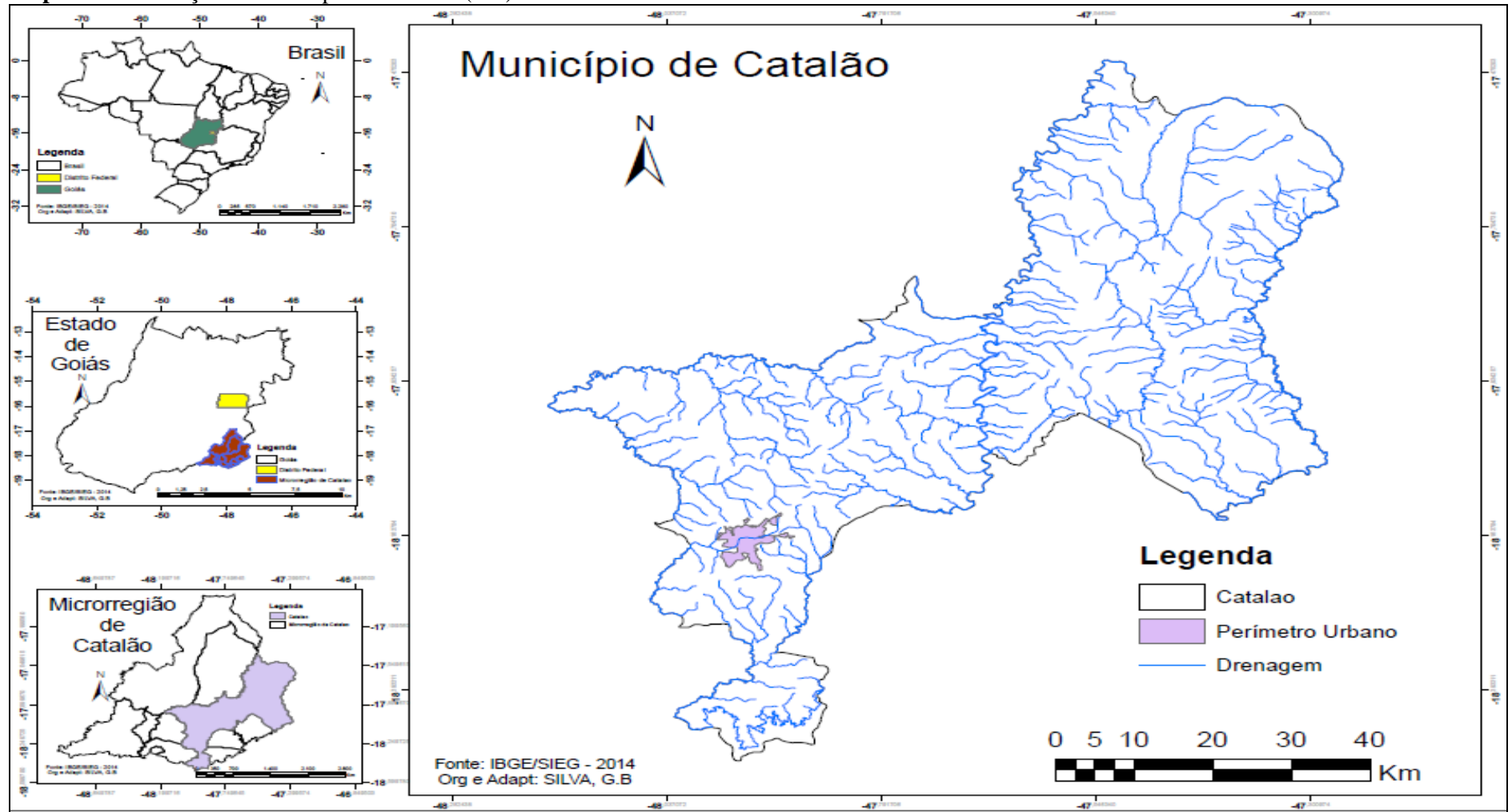
### **3.4 Caracterização e localização da área de estudo**

A partir da localização geográfica é que se reconhece a escala espacial da área a ser estudada, dessa forma, as características e a localização da área de estudo se tornam imprescindíveis em estudos geográficos. O município de Catalão está situado no Sudeste de Goiás (Mapa 1). De acordo com o IBGE, a população censitária em 2010 foi de 86.597, sendo 81.020 residentes no meio urbano, o que representa 93,55%, e 5.577 no meio rural, o que corresponde a 6,44%. Sua população, segundo estimativas do IBGE 2014<sup>13</sup>, é de 96.836 habitantes e o PIB (R\$ mil) em 2010 correspondia a 3.970.852, colocando o município como a quinta maior economia do estado de Goiás.

---

<sup>13</sup> Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais – Estimativas da população residente com data de referência 1 de julho de 2014 publicadas no Diário Oficial da União em 28 agosto 2014.

**Mapa 1** – Localização do município de Catalão (GO) – 2014



Fonte: IBGE/ SIEG (2014). Org.: Silva, G. B. (2014).

Possui uma área aproximada de 3.821,463 km<sup>2</sup>. A microrregião de Catalão é composta por onze municípios<sup>14</sup>, dois distritos<sup>15</sup>, quatro povoados<sup>16</sup> e cerca de 20 comunidades<sup>17</sup> rurais (Mapa 2). A sede do município está localizada em um eixo dinâmico, devido à ampla estrutura de transportes, com destaque para a rodovia BR-050 (acesso a Brasília e São Paulo). As rodovias estaduais e a ferrovia Centro-Atlântica (FCA) são utilizadas para o escoamento de minérios e fertilizantes para a fronteira agrícola (Bahia, Mato Grosso e Goiás). A sede do município está distante cerca de 100km de Uberlândia (MG), interligada pela rodovia BR-050, 248km de Goiânia, capital do estado de Goiás, pela rodovia GO-330, e a 305km de Brasília (DF), pela rodovia BR-050 e, ainda, pela GO-352, às cidades de Goiandira e Corumbáiba.

Há no município duas instituições de ensino superior, a Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão, e o Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC - instituição particular). Criada em 1983, a UFG, Regional Catalão, oferece 24 cursos de graduação<sup>18</sup>, distribuídos nas diversas áreas do conhecimento. A pós-graduação *Stricto sensu* oferece quatro programas de mestrado nas áreas de Geografia, Educação, Química, Letras, e também um mestrado profissional em Administração. Um curso de doutorado na área de Química e Física está aprovado.

---

<sup>14</sup> Os municípios que fazem parte dessa microrregião são: Catalão, Ouvidor, Três Ranchos, Davinópolis, Cumari, Anhanguera, Corumbáiba, Nova Aurora, Goiandira, Ipameri e Campo Alegre de Goiás.

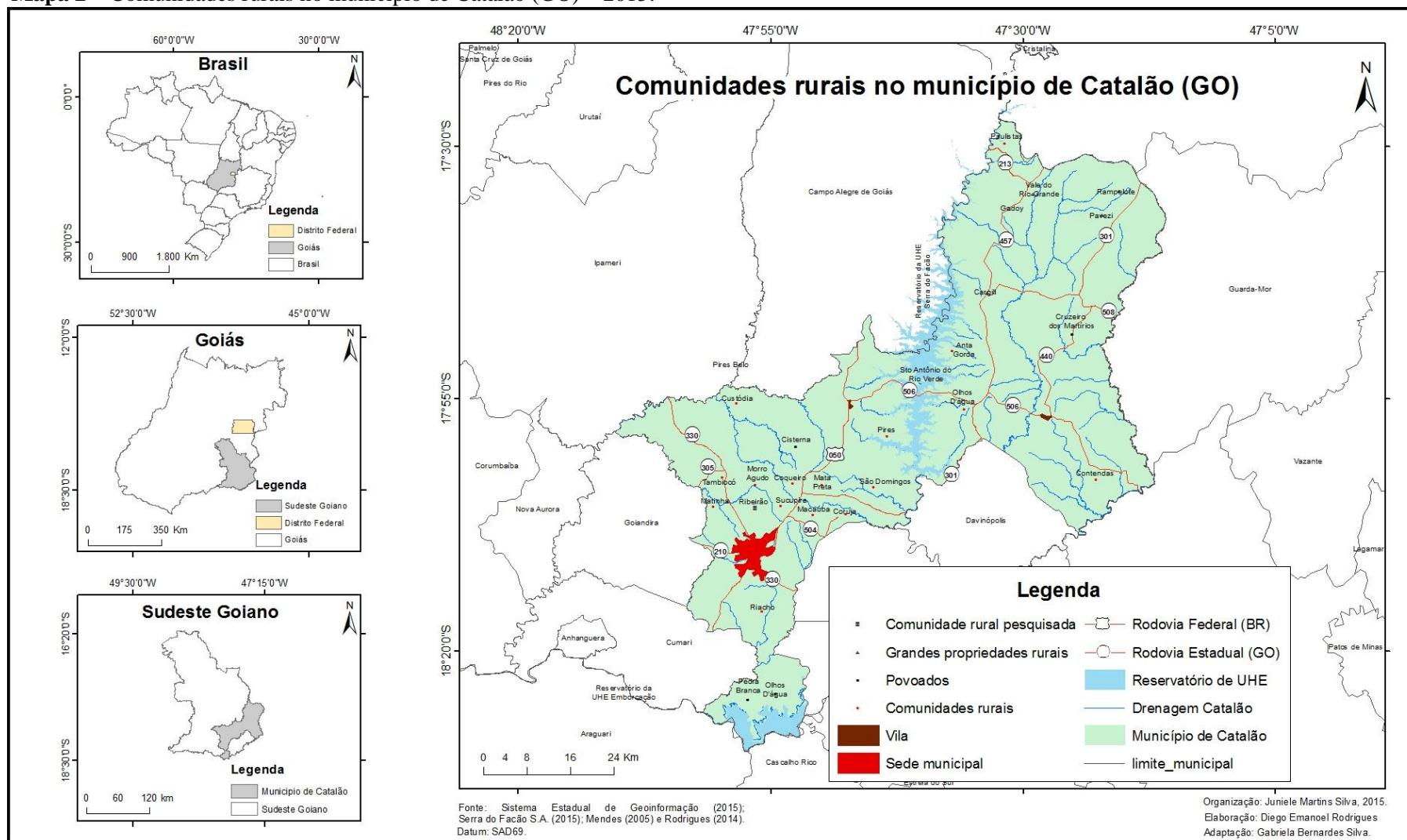
<sup>15</sup> Santo Antônio do Rio Verde e Pires Belo. De acordo com o IBGE, os distritos são as unidades administrativas dos municípios. Têm suas criações norteadas pelas leis orgânicas dos municípios.

<sup>16</sup> Olhos D'água, Pedra Branca, Cisterna e Cruzeiro dos Martírios. Povoado é descrito como uma localidade que tem a característica definidora de aglomerado rural isolado e possui pelo menos 1 (um) estabelecimento comercial de bens de consumo frequente e 2 (dois) dos seguintes serviços ou equipamentos: 1 (um) estabelecimento de ensino de 1º grau em funcionamento regular, 1 (um) posto de saúde com atendimento regular e 1 (um) templo religioso de qualquer credo. Corresponde a um aglomerado sem caráter privado ou empresarial ou que não está vinculado a um único proprietário do solo, cujos moradores exercem atividades econômicas primárias, terciárias ou mesmo secundárias na própria localidade ou fora dela (IBGE).

<sup>17</sup> Pedra Branca, Olhos D'água, Matinha, Riacho, Tambiocó, Sucupira, Coqueiro, Macaúba, Morro Agudo, Cisterna, Ribeirão, Custodia, Mata Preta, Coruja, São Domingos, Pires, Olhos D'água, Anta Gorda, Contendas, Cruzeiro dos Martírios e Paulistas.

<sup>18</sup> Os cursos oferecidos pela UFG/Catalão são: Engenharia de Minas, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Enfermagem, Ciências Sociais (licenciatura), Ciências Sociais (bacharelado), Administração, Educação Física, Química (licenciatura), Química (bacharelado), Matemática, Matemática Industrial, Ciências Biológicas (licenciatura), Ciências Biológicas (bacharelado), Geografia (licenciatura), Geografia (bacharelado), História (licenciatura), História (bacharelado), Letras (Português), Letras (Português/Inglês), Pedagogia, Psicologia, Ciências da Computação e Física. Além dos cursos de Educação a Distância: Administração Pública e Matemática.

**Mapa 2 – Comunidades rurais no município de Catalão (GO) – 2015.**



Fonte: Sistema Estadual de Geoinformação (2015); Serra do Facão S.A (2015); Mendes (2005); Rodrigues (2014). Org.: Silva, J. M. (2015). Adap.: Silva, G. B. (2015).

Criado em 1985, o CESUC conta com os cursos de graduação em Administração, Sistemas de informação, Engenharia de Produção, Ciências Contábeis, Direito, Fisioterapia e Sistemas para Internet. Além de vários cursos de pós-graduação *Lato sensu* - especializações.

O município conta com as escolas profissionalizantes: o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Foi implantado também em 2008 o Centro de Educação Profissional Aguiinaldo de Campos Netto (CEPAC).

Sobre os aspectos socioeconômicos, o município de Catalão conta com o Distrito Minero-Industrial (DIMIC), que se localiza a 2km da área central do município. O Distrito se situa em uma área de 278ha às margens da BR-050, com acesso, também, às rodovias GO-330 e GO-504 e à Ferrovia Centro-Atlântica (FCA). É composto por um conjunto de 38 empresas instaladas, com destaque para as montadoras John Deere (Cameco do Brasil), de colhedoras de cana e pulverizadores, e Mitsubishi Motores Corporation, de veículos automotores.

O município de Catalão se sobressai no cenário econômico de Goiás devido ao seu potencial de geração de riquezas e sua contribuição para o crescimento do estado, mas também é destaque pela qualidade de vida que oferece à sua população. No aspecto econômico, os destaques ficam por conta do comércio e das indústrias minero-químicas, montagem de automóveis, máquinas agrícolas e agropecuária. Há indústrias de mineração como a Mineração Catalão (extração e beneficiamento de nióbio<sup>19</sup>) e a Copebrás (extração e beneficiamento de fosfato<sup>20</sup>), ambas pertencentes ao grupo Anglo American e a Vale Fertilizantes (extração e beneficiamento de fosfato).

Sobre o crescimento econômico apresentado por Catalão, Moya (2000) explica que, no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1991, a cidade se tornou fator de atração de habitantes de municípios próximos, de outras regiões do Estado e do país, com destaque para migrantes originários dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Bahia, Tocantins e Distrito Federal. Em 1970, é relevante a participação de migrantes de outras regiões do país (38,69%) e do Estado (7,75%) no incremento populacional do Município. Em 1980, os migrantes de outras regiões do país já

---

<sup>19</sup> O nióbio é utilizado em ligas metálicas com o ferro, o aço, com o zircônio e essas ligas são utilizadas na fabricação de estruturas, soldas, gasodutos, superligas para fabricação de motores a jato e na fabricação de joias em virtude da resistência à corrosão, altas temperaturas, e como supercondutor em meio criogênico. (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

<sup>20</sup> Os fosfatos são compostos muito encontrados em minerais, como, por exemplo, a fosfopirita, a apatita e a uranita. Os fosfatos, quando solúveis, são utilizados em larga escala na agricultura e no tratamento do solo para renovação de culturas. O fosfato de cálcio é um constituinte essencial de dentes e ossos.

respondiam por 38,6% do total, enquanto 61,4% eram provenientes de outros municípios Goianos.

O município de Catalão (GO) é a quinta maior economia do estado de Goiás, o valor do PIB (R\$ mil) em 2010 correspondia a 3.970.852 (IMB, 2013) (Tabela 2).

**Tabela 2** – Maiores economias de Goiás – 2010.

<b>Município</b>	<b>Valor PIB (R\$ mil)</b>
Goiânia	24.445.744
Anápolis	10.059.557
Aparecida de Goiânia	5.148.640
Rio Verde	4.160.501
Catalão	3.970.852

Fonte: Goiás - visão geral. Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan - GO. Gerência de Contas Regionais e Indicadores – 2013. Disponível em: <[http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000)>. Acesso em: 6 maio 2015.

Sobre a agricultura no município de Catalão, Matos (2011) salienta que a expansão da modernização da agricultura no Cerrado priorizou as áreas de chapadas ou chapadões. Pela topografia plana, as chapadas são ideais, sobretudo para lavouras que têm maior capacidade de mecanização, como a soja e o milho. As chapadas também são dotadas de excelentes recursos hídricos, que possibilitam a irrigação da produção no período seco (de maio a setembro). Sendo assim, as condições geoambientais (água, relevo e clima) foram relevantes para a expansão do processo de modernização da agricultura nas áreas de Cerrado e, conseqüentemente, no município de Catalão.

Atualmente, verifica-se a expressiva produção de grãos no município de Catalão (GO). Em 2011, a quantidade de grãos produzidos correspondia a 383.030(t). Destaca-se, principalmente, a produção de soja, milho e cana-de-açúcar, conforme demonstra a (Tabela 3).

**Tabela 3** - Principais produções agrícolas (t): município de Catalão (GO) – 2014.

Produtos	Anos	
	2013	2014
Soja	250.560	312.000
Milho	124.800	61.200
Cana-de-açúcar	72.000	64.000

Fonte: Perfil Socioeconômico de Catalão. IMB/Segplan/Governo de Goiás (2015). Disponível em: <[http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/perfil\\_bde.asp](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/perfil_bde.asp)>. Acesso em: 06 maio de 2015.

Mendes (2005) afirma que as transformações no espaço agrário do município de Catalão são compreendidas como parte de um processo que vem ocorrendo em nível nacional e no estado goiano. Todavia, esse processo, a partir da década de 1980, contribuiu para a intensificação da concentração fundiária no município. Paralelamente a essas mudanças, assistiu-se à concentração da propriedade fundiária, à liberação de mão de obra familiar do meio rural e à diminuição da população das áreas rurais.

### 3.4.1 O conceito de comunidade

O termo comunidade usado para se referir à comunidade Ribeirão é utilizado para caracterizar um agrupamento de pessoas que estão ligadas por laços afetivos e tradicionais e que possuem entre si relações de solidariedade e companheirismo, além de crença e comportamentos comuns.

Woortmann (1995) trabalha a questão do parentesco como uma categoria central para se compreender uma comunidade camponesa. Sendo assim, a autora ressalta que os habitantes da comunidade estão ligados pelos laços de parentesco, de compadrio e afetividade. Os casamentos entre os membros são frequentes, pois garante a circulação do patrimônio dentro da comunidade, sendo a união entre primos muito comum. Nesse sentido, essa autora comenta que as relações de parentesco dentro de uma comunidade estão estruturadas no comportamento, na linguagem, no compadrio e na consanguinidade entre os membros.

Para Claval (1999), a comunidade serve de modelo a toda uma série de unidades sociais e culturais. Trata-se de um grupo coeso, no qual os membros estão ligados por relações de confiança mútua. Sendo assim, a comunidade pode ser construída também a partir de elos de sangue e de aliança, que unem os membros de uma mesma família. Também pode

ser formada por membros organizados em associação e unidos por um mesmo ideal ou projeto. Pode, enfim, resultar em pequenos grupos em um mesmo lugar.

Marques (2004) segue na linha de Worrtnmann (1995) e de Claval (1999), pois salienta que uma comunidade camponesa se caracteriza por um modo de vida tradicional: estruturado em torno da família e dos laços de solidariedade construídos a partir de relações pessoais e imediatas e informados pela linguagem de parentesco. Nesse sentido, essa autora fala em uma comunidade onde os membros utilizam o pasto de forma coletiva, existindo uma rede de solidariedade formada por parentes vizinhos.

Para Silva (2011), o conceito de comunidade é compreendido como um fenômeno histórico e social, que assume diferentes significados no tempo e no espaço. As reflexões sobre formação comunitária são repletas de possibilidades de definições pautadas em diferentes referenciais como interesses, organização social e política, valores em comum, sentimento comunitário e etnia.

Podemos notar que esses autores trazem o conceito de comunidade para ressaltar as características de união, solidariedade e principalmente convívio entre as pessoas. Sendo assim, Silva (2011) afirma que:

a partir, principalmente, da década de 1990 os cientistas sociais vem tratando o termo comunidade com receio, dada a carga ideológica que possui, na qual pode criar uma confusão por sua abrangência semântica e pelo apelo emocional que apenas a sua pronuncia é capaz de trazer. No entanto, não deve desconsiderar os aspectos trabalhados anteriormente, pois nas comunidades rurais, principalmente, existem relações de amizade, vizinhança e solidariedade. Observa-se a influencia do sentido de pertencimento, ou seja, os indivíduos possuem um pertencer com o local, contribui nas constituições das identidades, através dos valores, signos e crenças presentes em seu cotidiano, é outro aspecto considerado pelos cientistas, passando a considerar a territorialidade. Analisam, ainda, as relações impostas pelo sistema capitalista, que dão novo significado aos aspectos de ajuda mútua e solidariedade. (SILVA, 2011, p. 62).

Mendes (2008), em estudo sobre comunidades rurais do município de Catalão (GO), considera que a identificação das comunidades rurais dá-se em pequenas aglomerações mais ou menos concentradas e que apresentam um alto índice de parentesco. As famílias estabelecem uma organização de vizinhança, criando um sentimento de localidade e identificação. Esses aspectos conferem às famílias, de uma determinada comunidade rural, uma identidade geográfica e social. A interação desses aspectos caracteriza um dos mundos manifestos e suas representações. Para a autora, esse universo de representações é construído

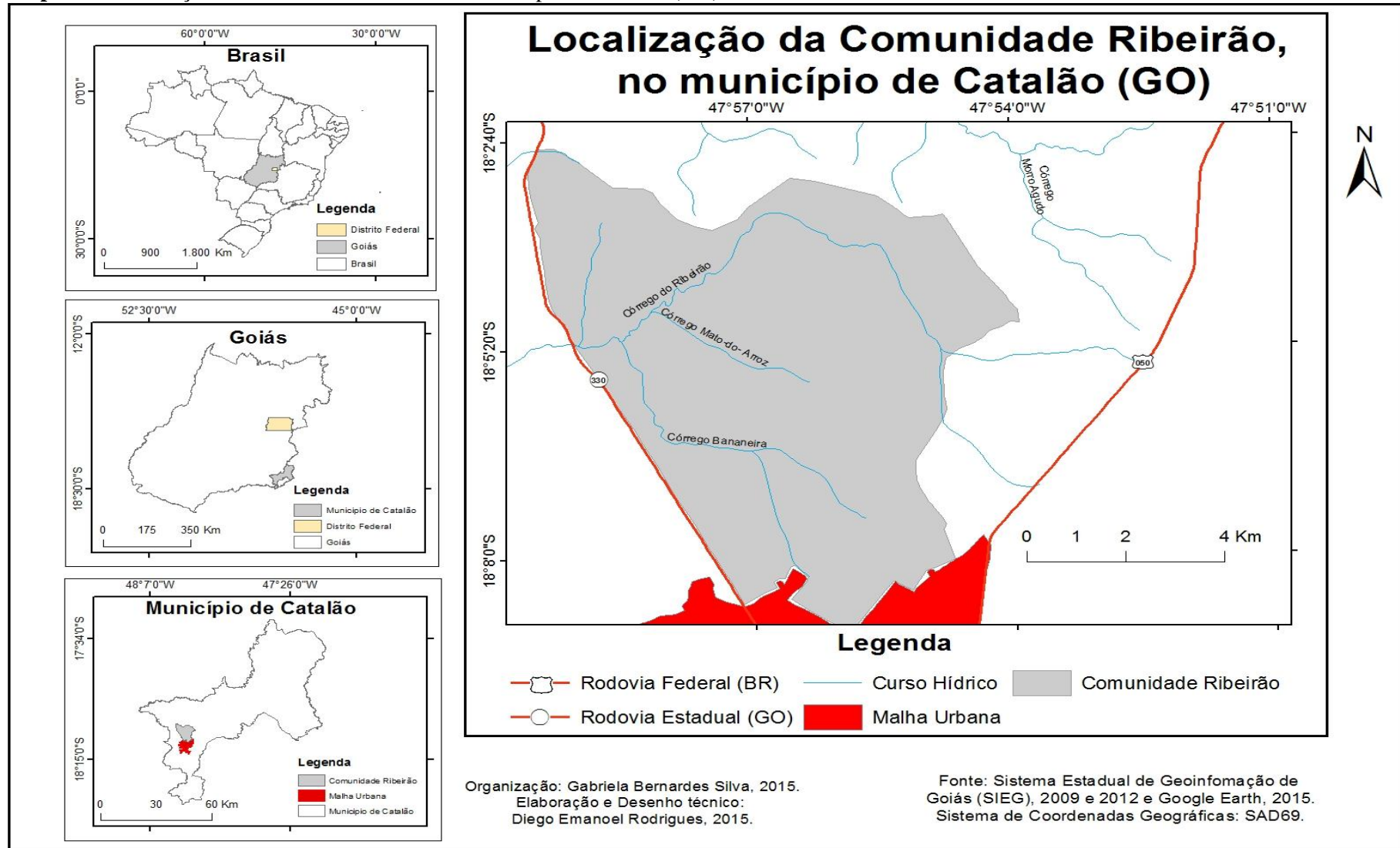
através do cotidiano dos moradores das comunidades rurais por meio da interação com a própria comunidade, com demais comunidades rurais e com a sociedade como um todo.

Venâncio (2008), com estudo sobre a comunidade São Domingos no município de Catalão (GO), considera que a comunidade se caracteriza por grupos cujos estilos de vida são semelhantes, sendo frequente o auxílio mútuo, surgindo através das relações múltiplas impostas pela coabitação. Acrescenta-se a isso um sentimento de lugar, do território como patrimônio comum.

Podemos considerar, por meio das afirmações dos autores citados, que a comunidade Ribeirão é constituída pela união, tendo como condições as suas histórias e culturas. As características como as relações de parentesco, a base territorial comum, a amizade, os sentimentos partilhados e as crenças comuns permaneceram no cotidiano dos(as) moradores(as) fazendo com que as famílias pertencentes à comunidade vivam em harmonia. Diante disso, a comunidade se constitui como um grupo de estilos e vida semelhantes.

A comunidade Ribeirão se situa no município de Catalão (Mapa 3), a aproximadamente 10 quilômetros da sede municipal, com uma área de aproximadamente 7400ha fazendo divisa ao sul com a sede do município. Seu acesso é pela BR-050, situada ao sudeste da Comunidade, e pela GO-330, sendo esta a rodovia estadual que liga o município à capital do estado, Goiânia. Limita-se também com as comunidades Coqueiros, Morro Agudo-Olaria e Tambiocó. Encontra-se, nessa comunidade Ribeirão, a bacia do Ribeirão Samambaia, principal manancial de abastecimento público do município de Catalão.

**Mapa 3** – Localização da comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO) – 2015.



Fonte: SIEG (2009 e 2012) e Google Earth (2015). Org.: Silva, G. B. (2015).

A proximidade com o município facilita o transporte e a comercialização dos produtos na feira livre do bairro Ipanema. Consideramos um ponto de referência na comunidade o nucleamento, pois há um Centro Comunitário (Foto 4), uma escola desativada, a Escola Municipal Limírio Marinho da Fonseca (Foto 5), e a quadra de esportes (Foto 6). O Centro Comunitário é ponto de partida da pesquisa – entrevistas.

Segundo o Agente Comunitário, a comunidade possui 60 famílias cadastradas ao Programa dos Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Possui, ainda, uma produção agropecuária, como a produção de hortaliças, grãos e animais (bovinos, suínos e aves), sendo a atividade leiteira predominante nas propriedades pesquisadas.

A proximidade à sede do município facilita a comercialização de hortaliças, animais e produtos oriundos da produção caseira, queijos, requeijão, doces, quitandas, os quais são vendidos no comércio local e também nas feiras livres, especialmente na feira organizada pelas mulheres no bairro Ipanema (veremos sobre o assunto na quarta seção da pesquisa).

**Foto 4** - Centro Comunitário: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

**Foto 5** - Escola Municipal Limírio Marinho da Fonseca (escola desativada): comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

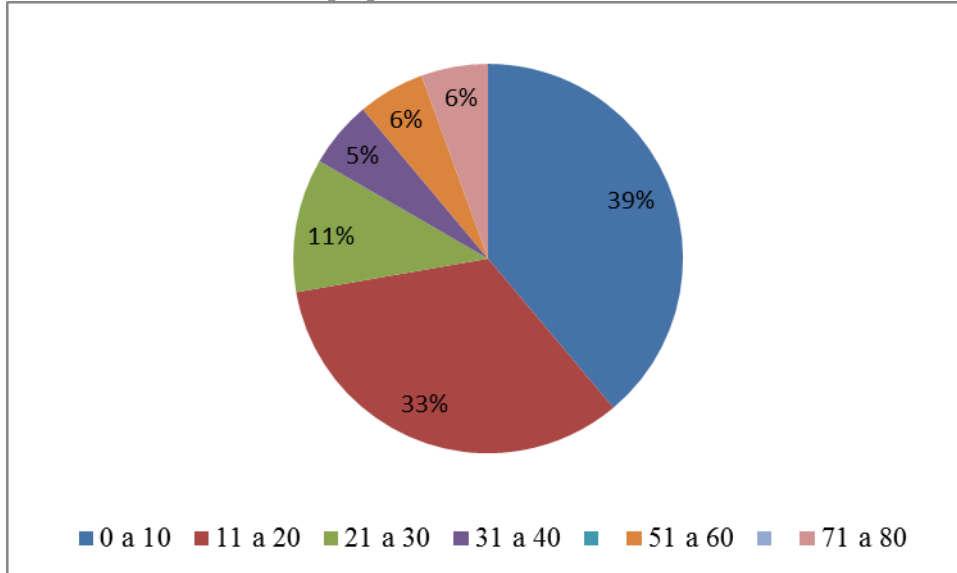
**Foto 6** – Quadra de esportes desativada: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

Podemos verificar (Gráfico 2) que o tamanho das propriedades das famílias entrevistadas estão entre 0 a 10ha. Sendo que 33% tem entre 11 a 20ha, 11% tem entre 21 a 30ha, 5% tem entre 31 a 40ha e 6% tem entre 51 a 60 e 71 a 80ha.

**Gráfico 2** – Tamanho das propriedades: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autora: Silva, G. B.

Podemos confirmar que o tamanho das propriedades nos assegura a justificativa sobre a definição do agricultor familiar, que é aquele que detém área menor que quatro (04) módulos fiscais. Conforme a lei n.11.326, de 24 de julho de 2006, o módulo fiscal do município de Catalão é de 40 hectares, o que equivale a 160 hectares.

A seguir, apresentaremos a caracterização do grupo familiar na comunidade Ribeirão. Como as características sociais e sucessão hereditária.

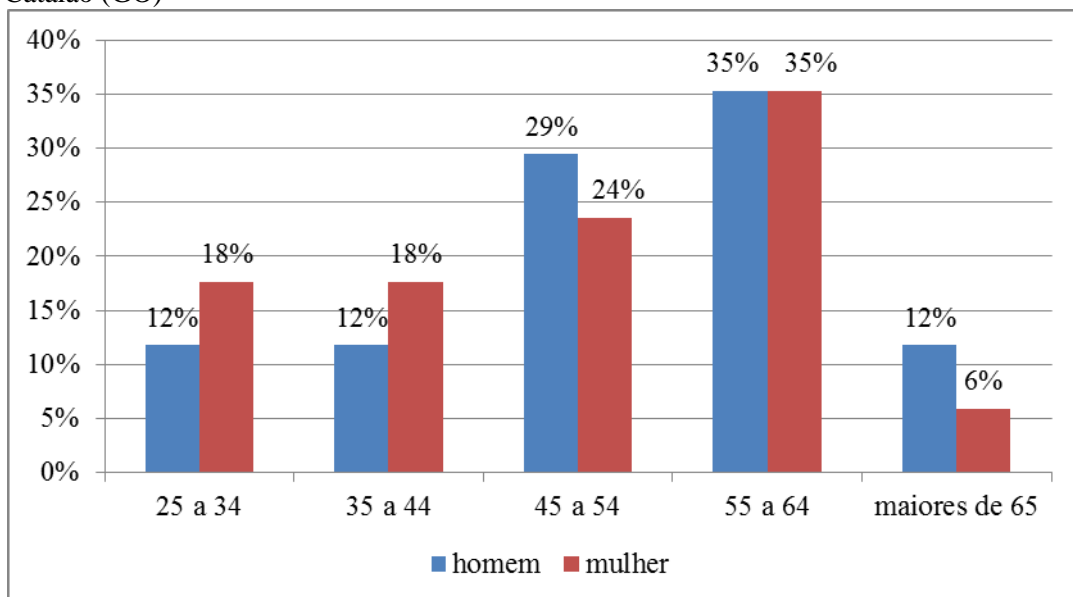
### 3.5 Caracterização do grupo familiar

Em se tratando de estudos relacionados à agricultura familiar é essencial considerar a composição familiar, como forma de compreender a disponibilidade para o trabalho no estabelecimento, pois esse se apresenta como uma das principais características do segmento e representa as perspectivas sociais e de sucessão hereditária das propriedades. Nesse sentido, os(as) agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão tem conseguido se reproduzir mesmo com dificuldades como: baixa renda, falta de investimentos creditícios, baixa escolaridade, envelhecimento da população, número de filhos nas famílias, e a migração dos jovens.

Verifica-se que a média de idade dos homens na comunidade é de 52,58% anos e das mulheres 48,88%. Esse envelhecimento da população do meio rural é consequência das relações com o modo de vida urbano, o vestuário e a alimentação contribuem para a valorização da cultura urbana. Outro fator importante sobre o meio urbano é a atração que ele exerce, principalmente nos jovens que migram para as cidades em busca de emprego e de estudos. Sobre o assunto, o autor Abramovay (1999) ao analisar sobre o êxodo rural, e o envelhecimento no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1990, adverte que no fluxo migratório rural está acontecendo um rejuvenescimento, ou seja, a maior saída dos jovens.

A distribuição da idade dos homens e das mulheres, o (Gráfico 3) indica que as idades dos homens estão, predominantemente, entre 55 a 64 anos. Sendo que 12% estão entre 25 a 34 anos, 12% estão entre 35 a 44 anos, 29% estão entre 45 a 54 anos e 12% estão acima de 65 anos. Quanto às mulheres 35% também estão entre 55 a 64 anos, 18% tem a idade entre 25 a 34 anos, 18% tem a idade entre 35 a 44 anos, 24% tem a idade entre 45 a 54 anos e 6% estão com idade superior a 65 anos.

**Gráfico 3** – Distribuição da idade entre homens e mulheres em %: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



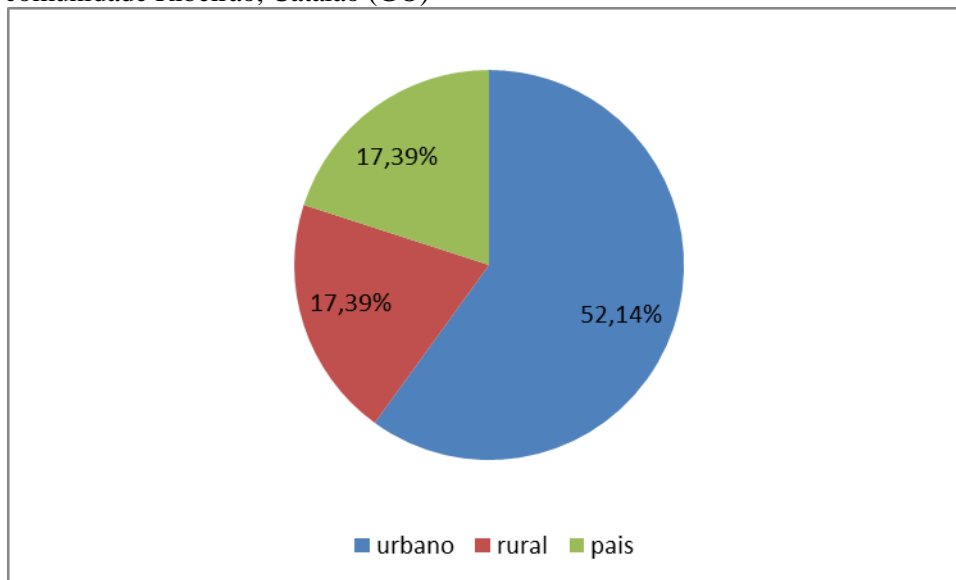
Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Org.: Silva, G. B.

Um fator relevante que contribui para a diminuição dos jovens no meio rural e, consequentemente, na comunidade estudada é a queda de fecundidade. Moreira (1998) ao discutir o envelhecimento da população brasileira, enfatiza que uma das mais significativas mudanças demográficas verificadas no Brasil nos últimos decênios do século XXI foi a redução dos níveis de fecundidade nacional, que se dá em todas as classes sociais e regiões do

país. A partir desse fenômeno, constata-se o processo de envelhecimento da população, principalmente, no meio rural como verificado na comunidade em estudo.

O número médio de filhos por família na comunidade é de 2,87%. O (Gráfico 4) mostra, os filhos que possuem menos de 10 anos na comunidade 17,39% residem com os pais. Os outros 17,39% são filhos casados que moram no rural, e 52,14% moram no urbano. Podemos verificar que a migração para a cidade é elevada. Como mencionado, os jovens procuram a cidade em busca de emprego e estudos. É bom salientar que os jovens vão para a cidade em busca de maior oportunidade pela falta de incentivos de escolas. No caso da comunidade Ribeirão, os filhos dos agricultores(as) que fazem até o nono ano, menores de 10 anos, vão para comunidade Cisterna, onde há a Escola Maria Barbara Açucena. O transporte é feito pela Prefeitura.

**Gráfico 4** – Residência dos filhos dos(das) agricultores(as) familiares: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Org.: Silva, G. B

Os jovens têm encontrado dificuldades quanto o acesso a terra, com isso fica difícil permanecer no campo. Abramovay (2001) salienta para aqueles jovens que desejam continuar na profissão de agricultor, o grande desafio é estabelecer políticas públicas de acesso à terra que permitam transmitir estas propriedades aos jovens.

Os jovens desejam independência financeira através do trabalho remunerado, por isso migram para a cidade em busca de trabalho e melhor condição de vida, como os estudos também. A cidade tem dado oportunidades aos jovens para seguirem os estudos e conseqüentemente se inserirem ao mercado de trabalho.

**4 OS(AS) AGRICULTORES(AS) NA COMUNIDADE RIBEIRÃO: estratégias familiares para viverem e sobreviverem no campo**

**Foto 7** – Centro Comunitário: comunidade Ribeirão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

#### **4 OS(AS) AGRICULTORES(AS) NA COMUNIDADE RIBEIRÃO: estratégias familiares para viverem e sobreviverem no campo**

Retratamos a partir da teoria analisada e o procedimento metodológico resposta a partir da empiria. Nesse sentido, essa seção analisa a participação das mulheres na família agricultora na comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO). Para entendermos como as mulheres participam nas famílias agricultoras, é necessário uma análise sobre as estratégias de produção e reprodução familiares.

Essas são utilizadas pelos(as) produtores(as) e são realizadas conforme a realidade em que cada um está inserido, pois só assim podem garantir a sua permanência no campo. Uma análise sobre a hereditariedade e a sociedade patriarcal e suas influências na comunidade, as dificuldades enfrentadas pelo(as) agricultores(as), e as feiras livres e sua importância para a comunidade.

A agricultura familiar segue um modelo de produção baseado no trabalho da família e se caracteriza como aquele em que a direção do processo produtivo está assegurada diretamente ao proprietário(a) da terra, no qual a própria força de trabalho e a gestão da propriedade estão a cargo da mesma pessoa ou do mesmo núcleo familiar. Esta é ao mesmo tempo unidade de produção e consumo, na qual a quantidade de trabalho despendido é definida de acordo com as necessidades do grupo.

A respeito dos valores sociais e culturais predominantes cabe ao homem prover a casa com meios de subsistência. Porém, as dificuldades do dia a dia tornam indispensável à participação das mulheres na provisão do lar. As mulheres agricultoras possuem um papel importante na família, não apenas como elemento da produção ou do trabalho, mas também como de reprodução dentro da família. As mulheres reorganizam o cotidiano doméstico e buscam novas estratégias de sobrevivência. Os laços familiares permanecem vivos, pois elas se mantêm junto aos filhos, e mudam de atividade produtiva se adaptando às demandas do grupo doméstico

##### **4.1 As estratégias de produção e reprodução familiar**

Os(as) agricultores(as) da comunidade Ribeirão representam uma amostra da diversidade de características e estratégias de reprodução, apresentadas pela produção rural familiar no Município. As desigualdades econômicas, o tamanho das propriedades, a força de trabalho doméstico disponível, o uso e a falta de tecnologia, os recursos e o perfil do produtor

justificam as diferentes estratégias produtivas das famílias e sua maior ou menor inserção no mercado.

A utilização do conceito de estratégia, segundo Crow (1989), coloca em evidência conceitos centrais da Sociologia, tais como a escolha, o poder, a interpretação social, a reprodução, e suscita uma discussão sobre o tipo de ação, racional ou não racional, que é compreendida por aqueles que colocaram em prática as estratégias. O autor utiliza três níveis para compor sua obra, destas, utilizaremos o terceiro nível, que fala sobre as estratégias familiares e dos grupos domésticos, que também variam de acordo com interesses individuais e coletivos de cada indivíduo.

Para Schneider (2003), as estratégias familiares são interpretadas como resultado das escolhas, opções e decisões dos indivíduos em relação à família e da família em relação aos indivíduos. Estas ocorrem nos limites de determinados condicionantes sociais, culturais, econômicos e até mesmo espaciais, e são mediadas por uma racionalidade informada pela realidade que é adquirida das relações materiais presentes ou daquelas herdadas do passado e transmitidas culturalmente, sendo consideradas como resultado da ação humana frente às contingências e situações objetivas.

Com a modernização do campo, os pequenos(as) agricultores(as) passam por mudanças, enfrentando problemas econômicos e sociais na família. Com isso, utilizam estratégias familiares para viverem e sobreviverem no campo. Dentre essas estratégias, está o trabalho feminino, que contribui de maneira significativa para a sobrevivência do grupo familiar. Sobre o assunto, Vaistman (1994) mostra que a modernização da família está ligada ao processo de industrialização, que retirou a mulher do mundo considerado privado, alterou a dicotomia entre papéis instrumentais de gênero em direção a uma coexistência de características diferentes, porém interdependentes.

Quando casada, a mulher, além de dever obrigações ao marido, como ajuda-lo na lavoura, assume a responsabilidade por determinados saberes imprescindíveis ainda hoje, tais como saber cozinhar, plantar hortaliças, passar e costurar (TEDESCO, 1999. p. 213). A pesquisa nos indica mais do que o autor comenta. A mulher assume papéis diferenciados do que as do homem, pois além de assumirem a educação e cuidado dos filhos, assumem novas estratégias para viverem e sobreviverem na Comunidade.

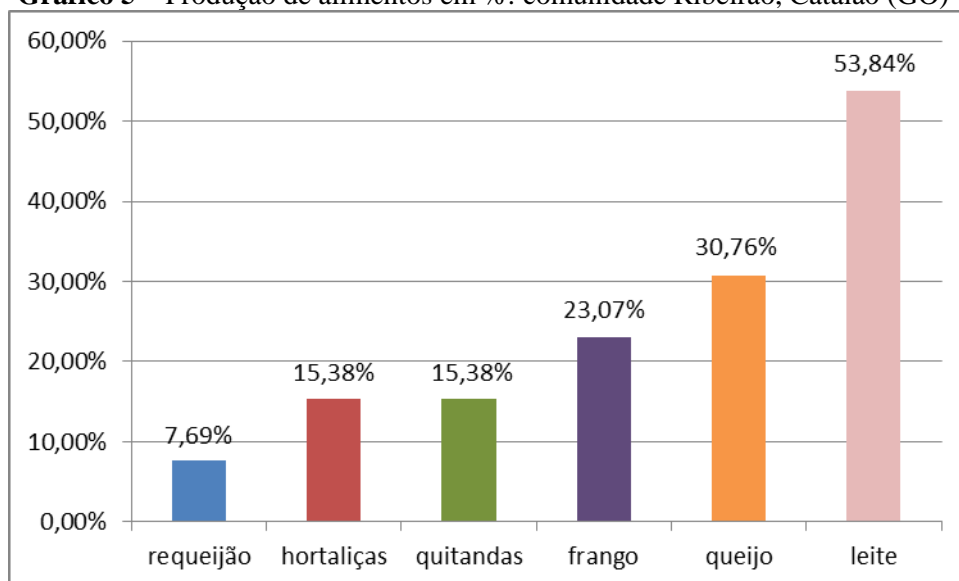
Segundo Mendes (2005), o agricultor familiar recorre à combinação de diversas fontes de renda e de trabalho, ele constitui seus espaços e combina espécies e variedades de vegetais, organizando a produção e a vida social com base em modelos de saber e de conhecimento construídos pela família e apreendidos no decorrer da formação cultural dos

seus descendentes, e que são considerados como essenciais para assegurar a própria reprodução dessas unidades.

A variedade dos produtos faz com que ocorra uma amenização frente aos problemas apresentados no comércio, como o baixo preço agregado aos produtos e o alto preço dos insumos agrícolas que eles necessitam adquirir. Com isso, é mais uma estratégia de sobrevivência criada pelas famílias que ainda resistem no campo (MENDES, 2005, p. 200).

Dentre as famílias entrevistadas, pudemos perceber que os(as) agricultores(as) familiares produzem vários produtos como: produtos oriundo do leite como o queijo e o requeijão, quitandas, hortaliças e o frango (preparado)<sup>21</sup> (gráfico 5).

**Gráfico 5** – Produção de alimentos em %: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

Esses produtos são vendidos no comércio local e nas feiras livres do município, e também na feira organizada pelas mulheres no bairro Ipanema, no município de Catalão (GO).

A quantidade média de leite produzida nas propriedades da comunidade varia de 30 a 60 litros/dia. Esses são vendidos à Cooperativa Agropecuária de Catalão Ltda. (COACAL), com o valor médio do litro de leite entre R\$0,79 e R\$1,00. A média do preço do queijo varia entre R\$10,00 a R\$12,00 o kg. E o valor do requeijão varia entre R\$12,00 e R\$15,00 o kg.

As hortaliças (alface, couve, cebolinha) são vendidas à R\$1,50 (Foto 8). E as quitandas, como o doce de queijo ou conhecida como Ameixa é vendido por R\$5,00 cada 5

<sup>21</sup> Os(as) agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão, comercializam o frango limpo, próprio para o consumo (Informação verbal, abr. 2015).

unidades (Foto 9). E o valor do frango custa entre R\$25,00 e R\$30,00 a unidade. Salientamos que esses produtos são comercializados na cidade, especificamente em supermercados, varejões, por encomenda. Os produtos comercializados nas feiras livres serão tratados ao longo da seção.

**Foto 8** – Produção de hortaliças: comunidade Ribeirão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

**Foto 9** – Produção de doce de queijo (ameixa): comunidade Ribeirão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

Há também os suínos e galináceos como fonte de consumo próprio nas propriedades (Fotos 10, 11). Esses animais são criados soltos pelo quintal ou em chiqueiros. Assim como os produtos cultivados, a criação de suínos destina-se prioritariamente, ao consumo familiar. Os galináceos são destinados ao consumo familiar e ao comércio. Em relação a essas criações, 100% das famílias pesquisadas criam galináceos, dos quais, além da carne, são utilizados os ovos, e 100% criam suínos, dos quais utilizam a carne e a banha.

**Foto 10** – Criação de suínos: comunidade Ribeirão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

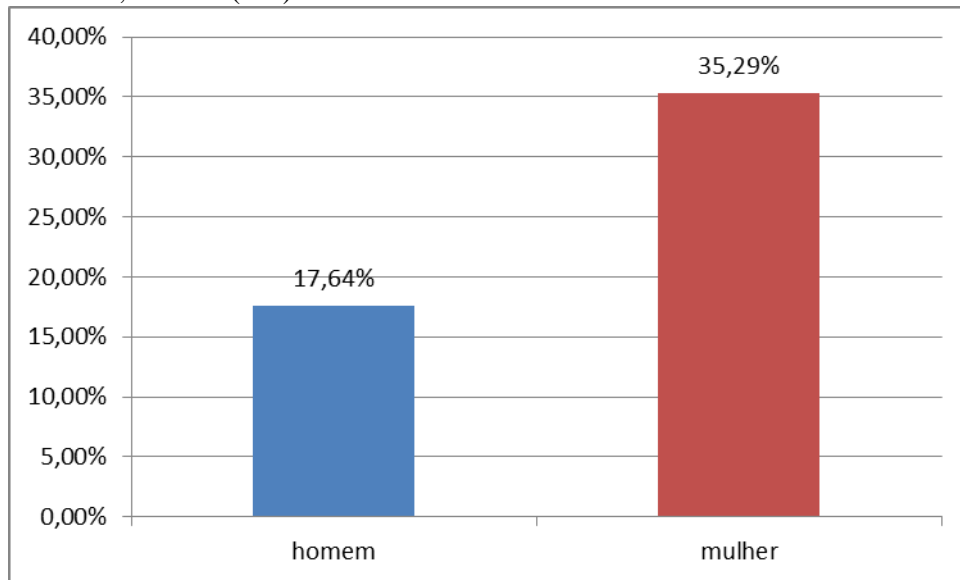
**Foto 11** – Criação de galináceos: comunidade Ribeirão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

Os(as) agricultores(as) também contam com a renda não agrícola, como a aposentadoria, que auxilia a complementar a renda no estabelecimento (gráfico 6). Verifica-se que 35,29% das mulheres e 17,64% dos homens são aposentados. Destacamos que a porcentagem referente às mulheres dobra referente aos homens pelo fato das mulheres aposentarem mais cedo (por idade).

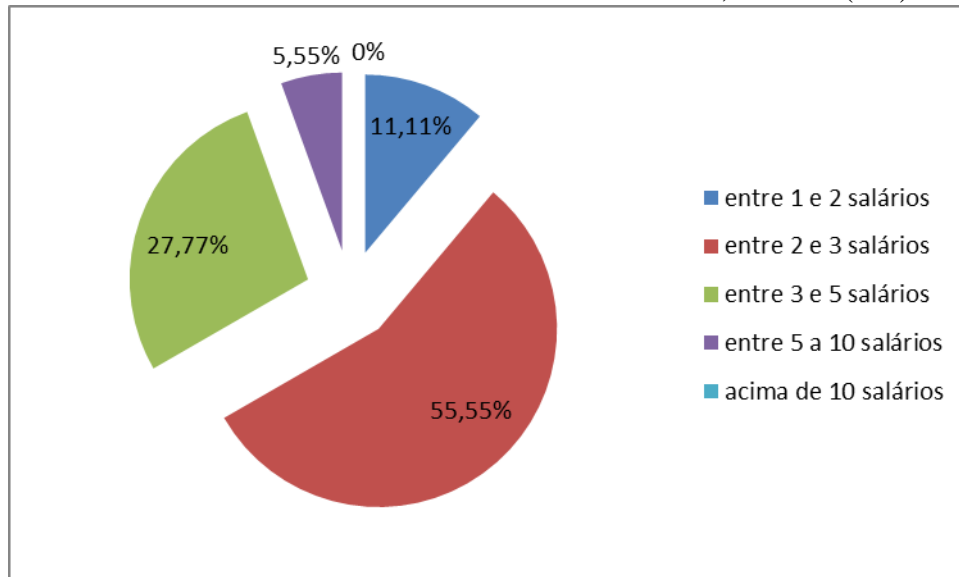
**Gráfico 6** – Índice de aposentadoria de homens e mulheres: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) em %



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

A renda mensal familiar na Comunidade encontra-se entre 2 e 3 salários<sup>22</sup> mínimos (gráfico 7). Porém, o trabalho da família na agricultura familiar não envolve uma renda fixa mensal para cada membro que trabalha na propriedade, e sim trabalho em conjunto, visando à aquisição de uma única renda através do produto final ou mercadoria, que reproduz os valores sociais da mesma e supre as suas necessidades básicas de sobrevivência.

<sup>22</sup> Valor do salário mínimo R\$788,00 (2015)

**Gráfico 7 – Renda mensal familiar: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)**

Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

Diante dessas considerações e dos dados analisados, acredita-se que o conhecimento prático, a experiência dos(as) agricultores(as), a relação de trabalho entre os membros da família, a produção diversificada de alimentos e de animais têm viabilizado a reprodução dessas unidades. Os(as) agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão constituem seus patrimônios através das estratégias adotadas, assim, sua permanência na propriedade depende do investimento em atividades que apresentem estabilidade e rentabilidade. As rendas não agrícolas e as atividades para fins comerciais que se aliam as de autoconsumo complementam os rendimentos familiares e contribuem para possibilitar uma melhor qualidade de vida à família agricultora. Nesse sentido, nota-se a importância do trabalho de todos(as) os membros da família, dentre eles o trabalho das mulheres.

#### **4.2 O desenvolvimento da categoria gênero para entender as relações entre os(as) agricultores(as)**

O conceito de gênero é uma construção social que representa uma clara crítica ao essencialismo biológico e a suposição de que existe uma natureza masculina ou feminina que seja invariável na história. A opção por trabalhar com esse conceito é devido a sua importância para a compreensão das relações de poder que são desenvolvidas social e culturalmente entre os sexos, nesse caso, entre agricultoras e agricultores familiares da

comunidade Ribeirão. A discussão objetiva dar visibilidade ao trabalho da mulher agricultora, tanto na esfera doméstica quanto na produtiva.

Para Scott (1995), o termo gênero fez sua aparição inicial entre as feministas americanas, que buscavam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual. Além disso, o termo enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.

Segundo INSTRAW (1995), gênero é um conceito que se refere a um sistema de papéis e de relações entre mulheres e homens, os quais não são determinados pela biologia, mas pelo contexto social, político e econômico. Para o autor, os papéis de gênero são construídos socialmente e culturalmente, ou seja, a sociedade, em função da sua história, ideologia, cultura, religião, desenvolvimento econômico, impõe diferentes papéis de acordo com o sexo e a pessoa.

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens de teoria social formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas destas teorias construíram sua lógica a partir das analogias com a oposição entre o masculino e o feminino, outras reconhecem uma questão feminina, outras ainda se preocuparam com a formulação da identidade sexual subjetiva.

De acordo com Singh (2006), o paradigma do desenvolvimento e gênero tem ocupado lugar de destaque nos estudos de desenvolvimento e modernização em sociedades em desenvolvimento, no entanto, a natureza dinâmica destas sociedades e a complexidade dos processos de mudanças levaram a resultados contraditórios e conduziram a demarcação de quatro fases dentro do paradigma: mulheres no desenvolvimento (WID); mulheres e desenvolvimento (WAD); gênero e desenvolvimento (GAD); e mulheres, cultura e desenvolvimento (WCD). Todas as fases objetivam explicar a situação das mulheres em países em desenvolvimento e planejar um programa de trabalho para o bem estar das mesmas.

Sintetizaremos as principais características de cada fase: o WID foi desenvolvido no período de 1960 a 1970, fase que coincidiu com o surgimento do movimento feminista ocidental em 1968 e, sofria influencia do feminismo liberal ocidental, o qual estava relacionado à teoria econômica neoclássica. Nessa fase, ressalta-se a busca do desenvolvimento com base na eficiência e no combate à pobreza, promovendo a integração e o desenvolvimento com objetivos voltados para as mulheres.

Sobre o WID, na década de 1970 e 1980 questionava o papel da mulher no desenvolvimento econômico e colocava a necessidade de criar estratégias capazes de proporcionar às mulheres maior acesso à educação e capacitação, para que, qualificadas, integrassem os modernos setores econômicos e participar do processo de desenvolvimento. Este enfoque foi criticado pela sociedade por concentrar apenas na mulher, não levando em consideração a situação feminina como resultado das relações entre gêneros.

O WAD desenvolvido entre 1975 e 1985, pela Organização nas Nações Unidas (ONU), teve como ponto de partida a reação adversa ao capitalismo influenciado pelo marxismo. Nesta fase, ONGs desenvolveram trabalhos com mulheres baseados na teoria da dependência, uma vez que se acreditava que o desenvolvimento é um processo autossuficiente e auto-organizado que incorpora as mulheres no processo de desenvolvimento com o objetivo de criar uma nova estrutura econômica.

Neste momento, negava-se a importância do sistema patriarcal, uma vez que pela sua essência a discriminação se baseia em classes sociais. Defendiam uma cultura unificada e homogênea, capaz de promover a igualdade econômica. As críticas a essa fase se deviam à ausência do reconhecimento das diferenças entre homens e mulheres, ao focalizar o papel produtivo e ignorar o papel reprodutivo.

Já o GAD, foi elaborado na metade dos anos de 1980 e segue até o presente, dentro de um contexto de críticas dos acadêmicos ocidentais a organizações, como o Banco Mundial e as políticas do Fundo Monetário Internacional para mudança estrutural nas economias do Terceiro Mundo. Esse período também é marcado pela crescente compreensão da ineficiência de programas destas organizações e pela queda de economias do sudeste asiático. Teve origem nos grupos feministas do Terceiro Mundo, dentro de grupos radicais e socialistas. Essa fase do paradigma promove a incorporação da construção social de gênero no desenvolvimento e considera a cultura patriarcal opressiva e mantida pelo patriarcalismo.

Por fim sobre o WCD, Singh (2006) salienta que essa fase foi elaborada no período de 1990 a 2000, num contexto de aversão das feministas do Terceiro Mundo. Essa fase valoriza o equilíbrio entre o ambiente local e o global, ciência e tecnologia, valores e identidades, instituições e produção. A mulher é incluída no processo de desenvolvimento e vê a necessidade de resgatar a cultura tradicional como forma de manter o sistema local de valores, convicções e ações. Concebe o sistema patriarcal como uma das muitas realidades na vida das mulheres e considera que os papéis produtivos e reprodutivos são inseparáveis.

Esses debates levaram ao desenvolvimento de um novo enfoque no decorrer da década de 1990, onde se pregava a igualdade legal, política e social para as mulheres, o direito

de controlar suas funções reprodutivas e alcançar a independência econômica. Singh (2006) considera que as mulheres foram excluídas do desenvolvimento, sendo necessário criar mecanismos para incorporá-las no processo, objetivando reduzir a desigualdade entre os gêneros.

No meio acadêmico, o termo gênero foi incorporado por diversas disciplinas (antropologia, sociologia, psicologia) das quais recebeu diferentes nuances, que contribuíram para que a definição do conceito de gênero fosse construída e utilizada conforme a bagagem teórica específica que cada disciplina trazia.

A geografia, assim como as outras ciências, é um saber que se desenvolve atrelado aos contextos histórico-geográficos e aos recursos de interpretações disponíveis, como as técnicas e as teorias. Nesse sentido, geógrafas inglesas a partir de movimentos feministas nos anos 1970, assumiram o compromisso político de desenvolver estudos teóricos sobre gênero e promover as mulheres dentro das instituições acadêmicas e científicas (SILVA, 2009. p. 27).

Rose (1993b) define a geografia como um conhecimento masculino que se sustenta nas práticas acadêmicas mais comuns, como na escolha de temas a serem estudados, na eleição de aparatos teóricos e metodológicos consagrados e na elaboração dos perfis de congressos e seminários.

No entanto, a Geografia brasileira apresenta um pequeno número de pesquisadores(as), dentre os(as) estudiosos(as) podemos citar Rossini, da Universidade de São Paulo, que tem uma expressiva contribuição desde a década de 1980 e enfoca a exploração da força de trabalho feminina, tanto nas atividades rurais como urbanas; Silva, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que juntamente com outros pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais (GETE-UEPG), têm abordado a temática de gênero e Geografia trazendo para o Brasil o conceito de “Espaço Paradoxal”, proposta teórica discutida pela geógrafa americana Rose (1993), como uma possibilidade de subversão da construção masculina do conhecimento geográfico (MESQUITA, 2013).

Rose (1993b) afirma que o status do conhecimento científico só é adquirido mediante a razão e a objetividade, e se a qualidade da racionalidade é masculina, então o conhecimento produzido pelas mulheres é desconsiderado, uma vez que elas são vistas como seres regidos por emoções. Sendo assim, além de um substituto para o termo mulheres, a palavra gênero, é também utilizada para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro.

Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Nesse sentido, Scott (1995):

O termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidades para dar a luz e de que os homens tem uma força muscular superior. (SCOTT, 1995, p. 75).

Dentre as leituras mencionadas no texto, optamos por Scott (1995). De acordo com a autora, o conceito de gênero é para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro.

Sobre o assunto, Cisne (2012) diz que o conceito de gênero veio também no sentido de analisar de maneira relacional a subordinação da mulher ao homem, ou seja, os estudos sobre as mulheres não deveriam apenas limitar-se à categoria mulher, mas esta deve sempre ser analisada de forma relacional ao homem.

Scott (1995) propõe uso do gênero mais abrangente, incluindo o homem e a mulher em suas múltiplas conexões, suas hierarquias, precedências e relações de poder. Sendo assim, sua análise é fundamental para o estudo das relações de gênero e suas respectivas relações de poder entre agricultoras e agricultores familiares na comunidade Ribeirão, e fornece subsídios para a construção da história das mulheres agricultoras.

No meio rural as relações de gênero entre agricultores e agricultoras são marcadas por uma distribuição desigual de poder, que leva a ‘invisibilidade’ do papel desempenhado pelas mulheres, questão abordada na próxima subseção. Nesse sentido, há a necessidade da construção de relações entre homens e mulheres mais igualitárias, equilibradas e justas. Isso implica em uma tomada de consciência e de atitude para mudar normas, poderes e preconceitos estabelecidos na história e na cultura de nossa sociedade.

### **4.3 A organização da família agricultora**

Nessa subseção veremos sobre a organização da família agricultora, buscando identificar e entender as classificações e hierarquias construídas e estabelecidas sobre suas atividades relacionadas à família e a terra, como a alimentação. Trataremos a questão da

hierarquia envolvendo os homens e as mulheres e os idosos. Os jovens não serão tratados, pois como já mencionado, os filhos dos(das) agricultores(as) permanecem na família quando crianças, depois de jovens vão para a cidade em busca de melhores condições de vida, como emprego e estudo.

Para Dumont (1997), a hierarquia e a organização das mais diversas sociedades, que está permeada por classificações envolvendo hierarquizações referentes a tempo, a espaço, aos homens e as mulheres, aos jovens e os idosos, que por sua vez, não se confundem com autoridade e poder, ainda que possam, em determinados casos, estar a esses relacionados. Para o autor, as classificações e hierarquias são correspondentes e estão associadas à oposição, distinção, valorização e identidade.

Brumer (2004), Paulilo (1987) e Woortmann e Woortmann (1997) sobre a organização do trabalho em famílias camponesas, e concluíram que há diferenças de gênero e geração, em que o homem (pai), mulher (mãe), os filhos(as), os avôs(as) ocupam-se de atividades diferenciadas, umas mais valorizadas do que outras, ocorrendo assim, uma hierarquização do trabalho, associada a uma hierarquização de pessoas. Esses elementos também foram notados ao longo da pesquisa, pois a divisão das atividades realizadas no cotidiano das famílias agricultoras é permeada pelas relações de gênero, entendidas como atribuição social e cultural de papéis a homens e mulheres.

A partir da naturalização dos papéis atribuídos aos homens e as mulheres, operam-se desigualdades que, em muitos casos, têm significado a subordinação das mulheres. Contra as concepções que reconheciam as mulheres como seres inferiores, relacionando características biológicas e desigualdades sociais, vêm se organizando desde o século XIX uma série de movimentos sociais feministas em busca de reconhecimento às mulheres.

Observamos e identificamos nas famílias agricultoras as classificações que associam espaços a pessoas e mais especificamente ao gênero. Nesse contexto, a cozinha é o de (dentro), é o espaço reservado às mulheres, e a roça, a lavoura, espaço de (fora) é do domínio masculino. Os autores Woortmann e Wortmann (1997) que dedicaram analisar o trabalho e a vida dos sitiantes nordestinos observaram que *fora* é o espaço do homem, que produz os alimentos para *fora* destinado ao mercado. Já as mulheres trazem os alimentos de *fora* para *dentro*, ou seja, do domínio do roçado para a casa, onde serão transformados em comida.

Além da hierarquização de gênero relacionado aos espaços, foi observado também os espaços relacionados ao trabalho. Brumer (2004) salienta que a divisão sexual do trabalho na agricultura são as mulheres que ocupam uma posição subordinada e seu trabalho é visto

como *ajuda*, mesmo quando trabalham tanto quanto os homens e inclusive realizando as mesmas atividades.

Nessa divisão sexual do trabalho, a responsabilidade do trabalho considerado produtivo (da produção destinada à comercialização) é incumbência masculina, enquanto o trabalho reprodutivo (cuidado com as crianças, com a casa, preparação da comida, cuidado com a horta e animais (suínos e galináceos) é considerado de responsabilidade das mulheres e, sendo menos reconhecido, causando certa inviabilidade (BRUMER, 2004).

Na pesquisa verifica-se que em 83,33% das famílias é o homem que tem a responsabilidade de cuidar da propriedade. E 16,66% das famílias, é a mulher que assume a responsabilidade da família. O pai de família ocupa uma posição central, é o chefe de casa, sendo que apenas em ocasiões excepcionais, como viuvez e quando não há filho em idade que o habilite a assumir o posto, que as mulheres assumam este papel. Nesse sentido, esses 16,66% das famílias em que a mulher assume a responsabilidade na propriedade são pelo fato de serem solteiras. Elas cuidam dos pais juntamente com a aposentadoria dos mesmos.

Entre os(as) agricultores(as) são realizadas também classificações que opõem simbolicamente o trabalho *pesado* e o trabalho *leve*. Paulilo (1997) salienta que o trabalho é considerado *leve* ou *pesado* dependendo de quem o realiza, ou seja, as diferentes atividades são valorizadas a partir da classificação hierárquica dos membros da família que as realizam. A autora observou que *capinar* é atividades realizadas pelas mulheres agricultoras, na pesquisa realizada em Santa Catarina, é considerada *leve*. A mesma atividade, realizada por homens, em pesquisa realizada no estado da Paraíba se considera *pesada*. Os agricultores(as) estudados por essa autora são tratados como o trabalho *leve* quando são feitos pelas mulheres, e enquanto o trabalho *pesado* são feito pelos homens.

Na pesquisa, pudemos observar que o trabalho das mulheres é preparar as refeições da família, ou seja, tudo que é do doméstico é a mulher que executa. Nos quadros, mostraremos por família, quais os trabalhos feitos pelas mulheres e quais são os trabalhos executados pelos homens.

**Quadro 1** – Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015

<b>TRABALHO NA FAMÍLIA</b>		
<b>Famílias</b>	<b>Sexo</b>	
	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>
Família 1	Ordenha manual de leite	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio) Preparo de frangos para comercialização
Família 2	-	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio) Preparo de frangos para comercialização
Família 3	Manejo na pecuária (leiteiro) Ordenha manual de leite Produção queijo e requeijão (consumo próprio e comercialização)	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio) Produção queijo e requeijão (consumo próprio e comercialização)
Família 4	Manejo de máquinas e equipamentos (trator, motosserra) Pedreiro	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio)
Família 5	Manejo de máquinas e equipamentos (trator, motosserra) Manejo na pecuária (corte e leiteiro) Ordenha manual de leite Produção queijo (consumo próprio e comercialização)	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio) Produção queijo (consumo próprio e comercialização)
Família 6	Manejo de máquinas e equipamentos (trator, motosserra) Manejo na pecuária (leiteiro)	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio)
Família 7	Manejo na pecuária (corte e leiteiro) Ordenha manual de leite	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio)

Família 8	Trabalha na cidade (empresa Mitsubishi)	Afazeres domésticos Cuidados com galináceos Horta doméstica (consumo próprio)
Família 9	Manejo na pecuária (leiteiro) Horta doméstica (consumo próprio)	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Preparo de frangos para comercialização Produção de quitandas e doces (comercialização) Manejo na pecuária (leiteiro)
Família 10	Horta (comercialização)	Afazeres domésticos Cuidados com galináceos Horta doméstica (consumo próprio)
Família 11	Trabalha na cidade (empresa Mitsubishi)	Afazeres domésticos Cuidados com galináceos Horta doméstica (consumo próprio)
Família 12	Manejo na pecuária (leiteiro) Horta doméstica (consumo próprio)	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Produção de quitandas (comercialização)
Família 13	Manejo na pecuária (corte e leiteiro) Ordenha manual de leite Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio)	Afazeres domésticos Horta doméstica (consumo próprio) Produção queijo (consumo próprio e comercialização)
Família 14	Manejo na pecuária (leiteiro) Ordenha manual de leite (consumo próprio)	Afazeres domésticos Cuidados com galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio)
Família 15	Horta (comercialização) Afazeres domésticos	-

Família 16	Manejo na pecuária (corte e leiteiro) Ordenha manual de leite Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Produção queijo (consumo próprio e comercialização)	Afazeres domésticos Horta doméstica (consumo próprio) Produção queijo (consumo próprio e comercialização)
Família 17	Manejo na pecuária (leiteiro) Ordenha manual de leite	Afazeres domésticos Cuidados com suínos/galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio)
Família 18	Horta (comercialização) Manejo na pecuária (corte)	Afazeres domésticos Cuidados com galináceos (consumo próprio) Horta doméstica (consumo próprio)

Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Org.: Silva, G. B.

Sobre o quadro 1, podemos comparar a pesquisa com estudo de Woortmann (1978), que se evidencia em uma divisão sexual do trabalho no âmbito do grupo doméstico, em que compete à mulher realizar certos serviços e produzir certos bens, assim como gerenciar o regime alimentar da família, sendo ela quem determina quem come o quê e quando. Sobre o assunto Woortmann (1985) salienta que:

em todos os grupos sociais sobre os quais existem estudos de práticas alimentares, as refeições são preparadas pela mãe de família. Na divisão do trabalho familiar o domínio culinário é feminino. É no âmbito da refeição que a mãe exerce sua autoridade e controle, determinando, dentro das possibilidades geradas pelo trabalho do pai, o que irá compor a refeição e como esta será atribuída entre os membros da família. (WOORTMANN, 1985, p. 12).

A preparação da comida é sempre feito pelas mulheres, são elas que cozinham, transformando o alimento cru em cozido. É ela que põe a mesa e, quando falta algo, ela levanta e busca a comida. Geralmente há uma exceção sobre o fazer à comida, o churrasco na maioria das vezes é preparado pelo homem.

Atualmente, há o envelhecimento da população na comunidade Ribeirão, 35% dos homens e das mulheres têm idade entre 55 e 64 anos. Já 12% dos homens têm mais de 65 anos e 6% das mulheres têm mais de 65 anos. Esse fato é reflexo do êxodo rural, principalmente pelo fato da modernização da agricultura. Um elemento importante para os idosos terem maior autonomia é a aposentadoria.

Os idosos contam que pelo fato da idade, reduziram as atividades na roça, mas continuam trabalhando, pois só a aposentadoria não é suficiente para viver. Mesmo aqueles que já abandonaram o trabalho pesado na roça, não deixam de continuar plantando a horta, em um pedaço de terra próximo a propriedade onde produzem alface, couve, salsinha, continuam tendo uma vaca ou outra para o consumo próprio do leite e os alimentos derivados dele como o queijo. E também continuam criando os suínos e os galináceos em seus quintais para o consumo próprio.

Muito dos alimentos de consumo diário vêm da produção própria, porém não deixam de ir aos supermercados na cidade para complementar sua alimentação. Sendo assim, os idosos se dedicam a produção para o autoconsumo.

Podemos concluir que há diferenças de gênero e geração, em que o homem (pai), mulher (mãe), os filhos(as), os avôs(as) ocupam-se de atividades diferenciadas, umas mais valorizadas do que outras, ocorrendo assim, uma hierarquização do trabalho, associada a uma

hierarquização de pessoas. A seguir, veremos como a sociedade patriarcal é influenciada na comunidade Ribeirão.

#### **4.4 A sociedade patriarcal e sua influência na comunidade**

A mulher sempre foi considerada como um sexo frágil em relação ao homem, justificando então a submissão. Ela se constitui de acordo com a cultura e a educação em que se encontra inserida, através das vivências e das relações construídas no interior da família. Assim, a mulher que vive de acordo com uma cultura patriarcal, que prega a superioridade masculina sobre a feminina, terá o seu comportamento moldado com base nessa forma de vivência. Atualmente, através das lutas das mulheres há mudanças em relação às práticas da cultura patriarcal. Podemos observar na pesquisa realizada na comunidade Ribeirão há cultura patriarcal, porém em algumas famílias, notam-se mudanças e avanços quanto à cultura.

De acordo com contexto histórico, as relações de gênero sempre estiveram presentes na sociedade pelas ações sociais, econômicas e culturais. Nesse sentido, sempre houve a divisão de papéis entre homem e mulher, ou seja, a mulher representa o frágil, a cuidadora dos filhos, e o homem tem o papel de forte, protetor, formando uma hierarquia. Como vimos na sessão anterior, à hierarquia se representa pelo poder do homem sobre a mulher, do idoso sobre os jovens, formando um modelo patriarcal de família. Para Engels (2002), o modelo patriarcal se constitui na ordem da organização do trabalho e da família.

O autor (ENGELS, 2002) afirma que os modelos de famílias vão se formando e se transformando, e que essas transformações ocorrem desde o modelo primitivo, caracterizado pelo consanguíneo, e que hoje representa o patriarcado. Para Castells (2008), o patriarcado é uma das estruturas sobre as quais se assentam as sociedades contemporâneas e este se caracteriza pela autoridade do homem imposta à mulher e aos filhos no âmbito familiar. Segundo esse autor, o patriarcalismo permeia toda organização da sociedade, da produção e do consumo.

Saffioti (2004) diz que há uma disputa de poder, que não deve ser apenas pela igualdade, pois esta serve para afirmar a dominação, e há uma diferença entre os homens e as mulheres, começando pelo sexo. Há valores diferenciados às atividades desenvolvidas pelos homens e pelas mulheres, e conseqüentemente, legitima o controle da sexualidade, do corpo e da autonomia feminina, além de estabelecer papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens em relação ao feminino.

Segundo Mesquita (2013), a cultura patriarcal foi introduzida no Brasil por meio dos ocidentais, em razão da colonização do país ter sido realizada pelos portugueses. Estes tinham o patriarcado como forma de organização familiar. Assim, os homens brasileiros passaram a possuir os mesmos conceitos em relação à mulher que os moradores do velho continente. Nesse sentido, as condições em que se encontrava o Brasil no início da colonização, com a descentralização administrativa local, a excessiva concentração fundiária e a dispersão populacional, favoreceram o estabelecimento de uma sociedade colonial baseada no latifúndio, no escravismo e na monocultura a qual se caracterizava por famílias extensas ligadas à figura do pai enquanto modelo de autoridade.

Para Jucely (2011), a mulher, no período colonial, deveria ser preparada para o casamento, sendo obediente ao seu marido, não podendo fazer coisa alguma sem seu conselho, usando sempre véstias honestas, cobrindo o corpo, até mesmo os pés. Ela não poderia discordar do marido, podendo este castigá-la caso isso ocorresse.

Historicamente, o poder sempre foi praticado e exercido pelos homens, pois as mulheres eram consideradas subalternas, devendo obediência e respeito às pessoas do sexo masculino. Esse processo envolve relações de gênero porque as relações existentes são desiguais, ocorrendo uma forma de dominação patriarcal dos homens sobre as mulheres, em um modelo masculino de dominação, tanto na esfera privada (ambiente familiar), quanto na esfera pública (organizações que envolvem o trabalho).

Sendo assim, o homem é tido como o chefe da casa, responsável pelo trabalho remunerado e exerce autoridade sobre a mulher e os filhos. A mulher entra nesse contexto apenas como responsável pelas funções domésticas, dedicando-se aos filhos e ao marido. Por meio do regime patriarcal, o homem transformou a mulher em um ser diferente de si, esta é considerada como o sexo frágil e o homem como sexo forte, distinção que passou a existir em praticamente todas as esferas da sociedade.

Portanto, a subordinação da mulher ao marido era a lei que regia os princípios morais da época. Para Paula (2011), na privacidade dos lares era reservado para as mulheres o direito de opinar e aconselhar seus maridos que poderiam ou não ter certa consideração com seus argumentos. Os homens estão nesse contexto, do lado da razão e da inteligência que fundam a cultura, sendo que a eles cabe a decisão, a ação e, conseqüentemente, a esfera pública.

A autora ainda salienta que as mulheres se enraízam na natureza, na terra, no espaço onde estão os laços afetivos, onde elas têm o coração, a sensibilidade, e é claro a fraqueza. Portanto, o privado do qual o homem continua sendo o senhor em última instância é

deixado para as mulheres, cujo papel doméstico e familiar se vê valorizado, e em específico, exaltando no âmbito religioso. Nesse sentido, as relações no limite do lar (família) são distintas das relações de poder que acontecem no universo público. Okin (2008) afirma que:

No passado, muitos teóricos políticos, costumavam discutir ambas as esferas, pública e privada e ser explícitos em suas afirmações de que elas eram separadas e operavam de acordo como os princípios diferenciados. Locke, por exemplo, define o poder público distinguindo-o das relações de poder que operam dentro dos limites da casa. (OKIN, 2008, p.3).

Segundo a autora (OKIN, 2008), na dicotomia público/doméstico permanece uma ambiguidade, resultado diretamente das práticas e teorias patriarcais do passado, as quais têm sérias consequências, em especial às mulheres. Pois a divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia onde os homens são vistos, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada, da domesticidade e reprodução.

As mulheres nesse universo têm sido vistas como naturalmente inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas a família. Esses pressupostos, afirma Okin (2008), têm efeitos de grande alcance na estruturação da dicotomia e de cada uma das esferas que a compõe. Soihet (2005) acrescenta:

Quanto à circulação das mulheres pobres por diversos espaços, nas ruas e nas praças, isto lhes era vital, já que precisavam trabalhar e, na maioria das situações, manterem a família. Assim, era mais difícil para os homens controlarem-nas. As condições concretas de existência dessas mulheres, com base no exercício do trabalho, partilhando com seus companheiros da luta para a sobrevivência, contribuem para o desenvolvimento de um forte sentimento de auto respeito, o que lhes possibilita reivindicar uma relação mais igualitária, ao contrário dos estereótipos vigentes acerca da relação homem/mulher que previam a subordinação e a aceitação passiva das mulheres, no que se refere aos percalços provenientes da vida em comum. (SOIHET, 2005, p. 320).

Nesse sentido, neste universo de dominação, a relação de dominador e dominado, sofre inúmeras variáveis, pois as mulheres como membros da família e parte dessa esfera privada, dominadas, vivenciam a dominação. Follador (2009) acrescenta mais:

O controle exercido pelos homens sobre elas atingia todos os campos de suas vidas, como o controle dentro de casa desde a infância, o controle ideológico mantido pelos ideais de recato, respeito, humildade e pela falta de instrução; por fim, a escolha de um marido que certamente manteria o mesmo controle sobre ela. (FOLLADOR, 2009, p. 9).

Sobre a educação, segundo Follador (2009), as mulheres eram educadas de acordo com o que a sociedade esperava delas, assim dava-se destaque as habilidades domésticas em detrimento da escrita e aritmética. A autora diz que a primeira lei referente à educação das mulheres foi em 1827 e mencionava que as meninas podiam frequentar a escola somente até o nível elementar, sendo-lhes vedado o ingresso nas instituições de ensino superior. Somente a partir da segunda metade do século XIX é que as mulheres tiveram a oportunidade de cursar o ensino primário e secundário. Ressaltamos que esta instrução era disponível apenas para as mulheres pertencentes às famílias que tinham maior poder econômico, as mulheres pobres ainda não tinham acesso à educação.

No entanto, apesar desse tipo de sistema ser predominante na sociedade brasileira, havia mulheres que desempenhavam importantes atividades fora do ambiente doméstico, da mesma forma, havia mulheres que rejeitavam ser submissas aos homens e iam contra os padrões da sociedade patriarcal. A partir disso, as mulheres iniciaram as lutas contra a dominação masculina na sociedade patriarcal.

No Brasil, por volta do século XIX, as mulheres começam a lutar pelos seus direitos, como o trabalho, a educação e a política. No mesmo século, na América e na Europa houve mudanças, porém, a cultura patriarcal permanecia em decorrência das características da sociedade que se mantiveram.

Follador (2004) comenta que as mulheres brasileiras reclamaram publicamente o inconformismo sentido pelas restrições impostas pela sociedade patriarcal e começaram a exigir seus direitos de cidadãs e maiores participações na vida pública. Elas desejavam uma maior participação na economia, na política e principalmente almejavam serem reconhecidas como cidadãs, sendo livres e tendo os mesmos direitos que aqueles que séculos antes se declaravam donos e senhores de suas vidas.

Carvalho (2011) diz que mulher nunca teve noção do grau de subordinação em que se encontrava. Sempre cumpriu árdua jornada em seu lar como mantenedora da ordem, como uma “doméstica”, tendo baixa autoestima, realizando atividades sem reconhecimento de seus familiares e que não eram consideradas como um trabalho produtivo.

Sabe-se que, antes do ingresso da mulher no mercado de trabalho, ela vivia em um isolamento doméstico. A partir desse ingresso, passou a colaborar na renda familiar, mas isso não gerou sua autonomia como sujeito feminino, acarretando uma sobrecarga de trabalho, jornadas duplas de responsabilidades, deixando os filhos à mercê de cuidados alheios e se colocando vulnerável a assédios e violência sexual.

Ao longo da pesquisa de campo verificamos várias evidências que comprovavam a influência do patriarcalismo na comunidade, entre elas: o trabalho do homem e o trabalho da mulher, as mulheres na esfera do doméstico serviço leve (cuidado com pequenos animais) o serviço pesado fica por conta do homem (lavoura, cuidados com o gado) (Fotos 12 e 13). Além dessas evidências claras, pudemos observar também a submissão que a mulher tem com o seu esposo. Ao longo das entrevistas, sentimos a mulher oprimida, medo ou vergonha de dialogar com a gente perto do seu esposo. Quando a mulher estava sozinha em sua propriedade, as entrevistas fluíam, havia um maior diálogo.

**Foto 12** – Mulheres na esfera do doméstico: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

**Foto 13** – Homens com o trabalho oriundos da pecuária: comunidade Ribeirão, Catalão (GO) – 2015



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

O comportamento dos esposos nos mostrava que eles são os chefes da família, pelo respeito que impunha sobre a mesma. Porém, houve exceção. Nas entrevistas, em uma única propriedade, a esposa é a chefe da família, e que cuida da renda da mesma:

Eu que cuido da minha casa. Se eu não tivesse tomado frente, não teríamos nem comida pra comer. Não tenho incentivo do meu marido. Ele não me apoia. Não existe companheirismo aqui. Por isso tomei frente de tudo. Eu faço os produtos e ele me leva pra cidade pra gente vender na feira. (Família 9, informação verbal, comunidade Ribeirão, Catalão, abr. 2015).

Essa esposa não é submissa ao esposo, porém não recebe incentivo e companheirismo da parte dele. Ou seja, como ela mesma disse: “*Apenas vivemos juntos. Não somos mais casados.*”

A cultura patriarcal está presente na vida das famílias da comunidade Ribeirão, esta se manifesta na questão da divisão dos espaços de acordo com o sexo. A esfera do doméstico permanece reservada às mulheres e os homens continuam sendo os responsáveis pelo mundo público, mesmo quando a mulher também realiza tarefas nesse espaço. A ideia que o masculino, pelas suas características biológicas, possui mais vantagens que o feminino também permanece, assim como, o modo de pensar que coloca o homem como o chefe da família, responsável por melhor administrar e gerir a propriedade.

Nesse sentido, nota-se que as relações desiguais de gênero, provenientes de uma cultura que prega a superioridade do homem sobre a mulher, está presente na Ribeirão. Esta tem como consequência a ‘invisibilidade’ do papel da mulher na agricultura familiar e a sua exploração, através da dupla jornada. Aos poucos está havendo mudanças na cultura patriarcal, uma vez que com as conquistas dos movimentos feministas a mulher passa a ter mais autonomia, com a sua inserção cada vez maior no mercado de trabalho, e os seus direitos passaram a ser questionados e respeitados.

Na seção seguinte veremos sobre as feiras livres e sua influência na comunidade. As mulheres têm assumindo um papel de destaque e sua participação é indicadora de mudanças no papel da mulher na divisão do trabalho na unidade familiar.

#### **4.5 As feiras livres e sua importância para a comunidade**

As feiras livres são lugares frequentados pelos produtores familiares, que as utilizam como espaço para a comercialização de seus produtos; eles nem sempre vendem exclusivamente aquilo que produzem em sua propriedade, assim, muitos, além de comercializarem os produtos do trabalho familiar, acabam expandindo a variedade dos produtos que comercializam. Durante a semana, os agricultores trabalham na lavoura e cuida do gado e, no dia de realização da feira, monta uma barraca em que comercializa o que produziu na unidade familiar. Podemos considerar que uma característica marcante das feiras livres é a presença da mulher, que assume papel de destaque.

Para Sacco dos Anjos (2005), no Brasil, a origem das feiras data do período colonial, foi um momento em que se multiplicaram rapidamente, cumprindo a função de abastecimento de alimentos aos primeiros adensamentos humanos. Cumpriu assim outro papel, o de verdadeiro elemento estruturante da organização social e econômica das populações.

Figueiredo (2003) salienta que o mercado relativo às feiras tem as seguintes características: mercado atomizado; a entrada/saída de feirantes não altera os preços praticados; preços são fixados de acordo com os concorrentes (preço médio); preço recebido pelo produtor é igual ao pago pelo consumidor; grande oscilação de preço entre o início e o fim da feira; vendas feitas geralmente em dinheiro; volume comercializado pequeno; grande variedade de produtos; ocorre fidelização pela qualidade.

Os vínculos sociais nas relações comerciais são estreitos: há oportunidade para a proximidade, para a conversa e a negociação e a possibilidade de contato direto entre o

produtor de um bem e seu consumidor final. São lugares de vivência, de agregação e de comunicação. Podem ser ricas em tradições e cultura, onde uma identidade pode ficar impressa, contando a história de um lugar.

A feira camponesa (Foto 14) organizado pelos agricultores(as) do Movimento Camponês Popular (MCP)<sup>23</sup>, está localizada no Bairro Ipanema, no município de Catalão (GO) (Mapa 4). Há 08 anos, a feira acontece às quartas-feiras, com início às 17h. Das 18 famílias entrevistadas da comunidade, 04 fazem parte da feira livre. Além da feira, os(as) agricultores(as) comercializam em outros locais, como supermercados, varejões e por encomendas.

**Foto 14** – Feira camponesa: bairro Ipanema no município de Catalão (GO) – 2015

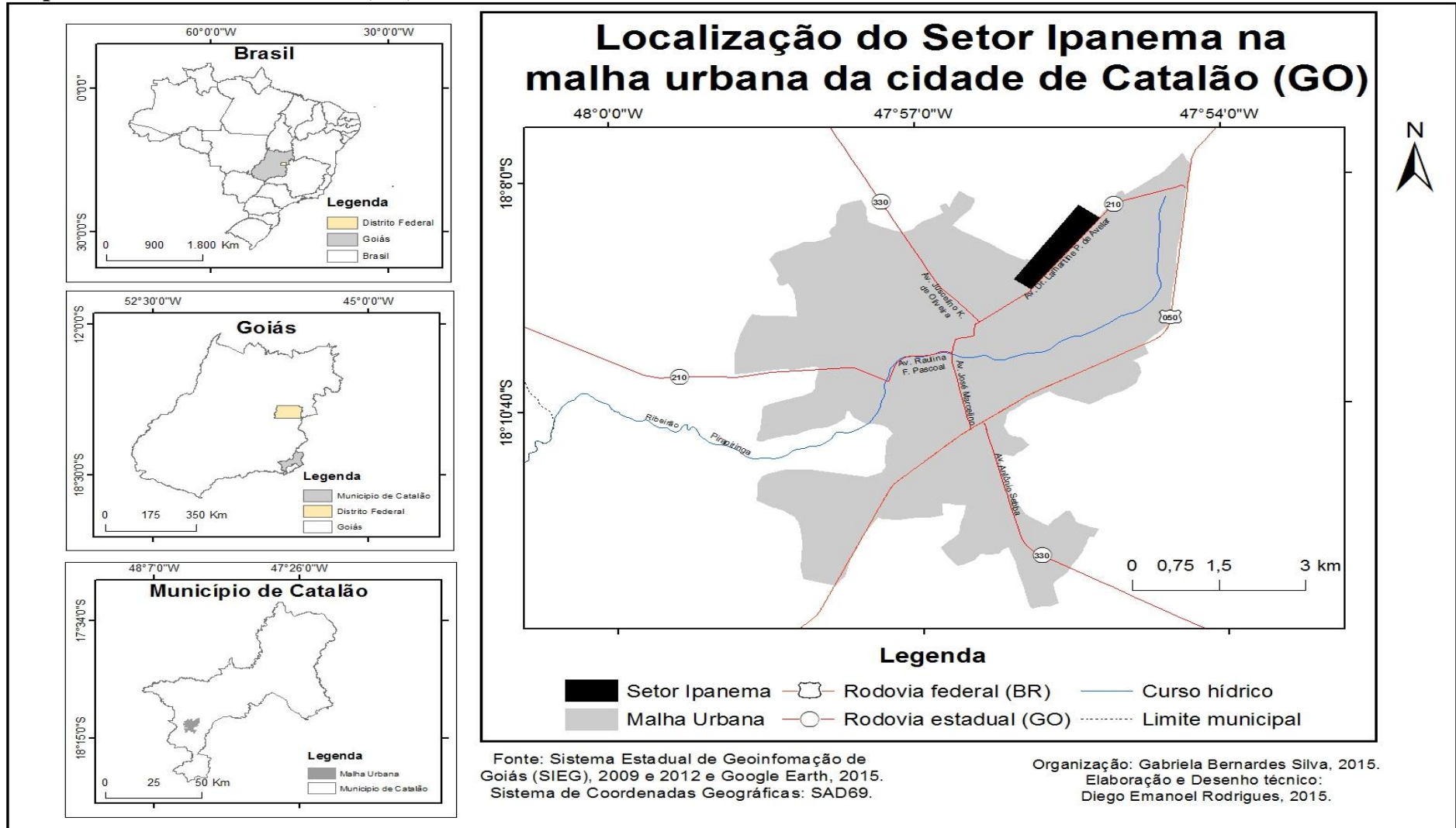


Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

---

<sup>23</sup> Sobre o assunto ver ALVES, S. A; COSTA, C. L (2012).

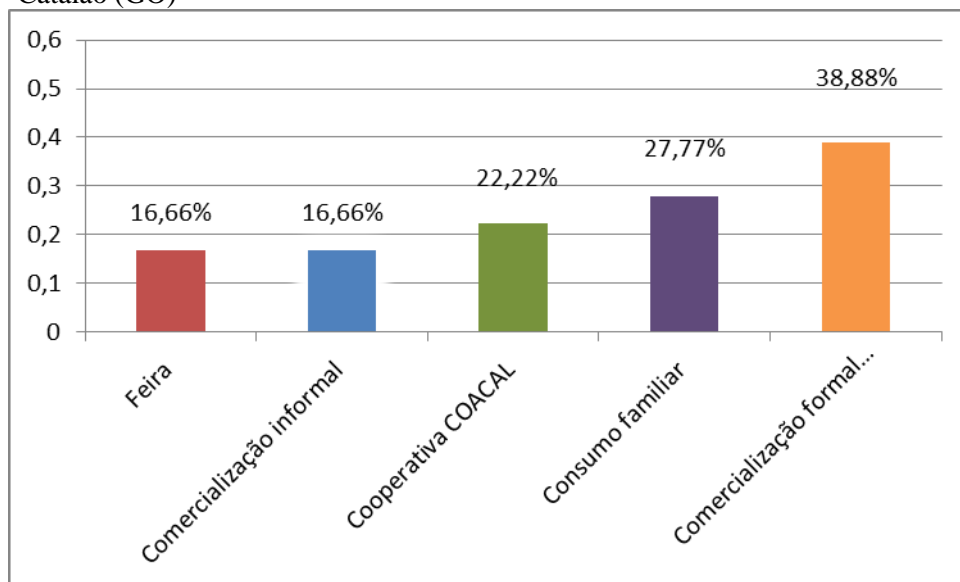
Mapa 4 - Malha urbana de Catalão (GO) – 2015



Fonte: SIEG (2009 e 2012) e Google Earth (2015). Org.: Silva, G. B. (2015)

De acordo com o gráfico 8, verifica-se que 38,88% da produção dos alimentos, é destinado para comercialização formal<sup>24</sup>, 27,77% consumo próprio, 22,22% na cooperativa COACAL, 16,66% nas feiras e na comercialização informal<sup>25</sup>. Os(as) agricultores(as) trazem uma variedade de produtos para comercializar na feira, como frango caipira, caldo, suco, doces caseiros, quitandas como bolos e salgados (Fotos 15, 16, e 17). Através da pesquisa, das famílias que fazem parte da feira, comercializam seus produtos produzidos pelas mulheres (Foto 18).

**Gráfico 8** – Comercialização da produção de alimentos: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

Os produtos comercializados na feira chamam a atenção pela sua aparência como os doces, e quitandas. Quanto ao preço, não apresenta muita diferença em relação ao comércio local, como nas frutarias, e nos supermercados. A preferência pelo consumo dos produtos das feiras é verificada pelo movimento nessa localidade.

<sup>24</sup> A comercialização formal se baseia na venda dos produtos em supermercados, varejos e frutarias.

<sup>25</sup> A comercialização informal se baseia na venda dos produtos através das encomendas.

**Foto 15** – Produção do caldo para comercialização na Feira do bairro Ipanema em Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

**Foto 16** – Produção de doces caseiros para comercialização na Feira do bairro Ipanema em Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

**Foto 17** – Alimentos (quitandas) produzidos pelas mulheres: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

**Foto 18** – Comercialização de quitandas na Feira do bairro Ipanema em Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (2008). Autor: Guimarães, R.R

Sobre a qualidade do produto, Toledo (1993) diz que a qualidade de um produto alimentício é o resultado da interpretação de suas características. Nos produtos hortifrutícolas, essas características podem ser sensoriais, nutricionais e higiênicas. Frente à diversidade de características nos produtos alimentícios, a qualidade do produto pode ser avaliada sob dois pontos de vista: objetivo e subjetivo. Do ponto de vista objetivo, a qualidade do produto refere-se às características intrínsecas ou ocultas do produto, ou seja, características nutricionais e higiênicas do produto, que são características não percebidas pelos consumidores, mas que comprometem a sua saúde.

Do ponto de vista subjetivo, a qualidade do produto refere-se às características de preferência dos consumidores que podem ser subdivididas em dois grupos de atributos. Os atributos internos referem-se à maciez, consistência, sabor, suculência e os atributos externos referem-se ao brilho, ausência de lesões, frescor, ausência de manchas, coloração, tamanho, maturação, formato característico. Muitos desses atributos apesar de não comprometerem a saúde e segurança do consumidor, interferem na decisão de adquirir ou não o produto.

De acordo com Azevedo (2001), entende-se por comercialização a troca de bens e serviços entre agentes econômicos. O fruto dessas trocas são as transações, que pode ser considerada a unidade fundamental da análise do funcionamento do sistema econômico. Os bens fluem pelos canais de comercialização e de distribuição - arranjos intrincados ou diretos que conduzem as mercadorias do produtor ao consumidor final. De acordo com o autor, quanto maior a coordenação entre os componentes do sistema, menores serão os custos de transação associados.

Como observa Wilkinson (2003), os estudos sobre a dinâmica da agricultura familiar revelam pelas suas formas comerciais. Entre os limites da subsistência e da entrada em sistemas produtivos especializados, está presente a combinação de vários arranjos, desde atividades tipicamente de autoconsumo, trocas entre vizinhos, vendas diretas e atividades que incorporam circuitos formais de comercialização e distribuição, até aquelas relacionadas com a agroindústria, por meio dos contratos de integração.

O autor ressalva que os canais de comercialização dos produtos da agricultura familiar podem ser classificados em quatro níveis de integração: venda direta ao consumidor, integração vertical com o agronegócio processador, vendas para o setor de distribuição e mercados institucionais. Conforme segue:

*Vendas diretas*: todas as operações de entrega direta da mercadoria ao consumidor final pelo produtor, tais como: entregas ao domicílio, tele-entregas, feiras livres, feiras especializadas,

eventos comerciais promocionais, loja, balcão ou quiosque do produtor, vendas na propriedade;

*Integração vertical:* venda de produtos como matéria-prima para beneficiamento pelo comprador (os principais produtos no Brasil são leite, fumo, tomate, suínos e aves);

*Vendas para distribuição:* atacadistas, varejistas, distribuidores, restaurantes, lojas especializadas de agricultura orgânica e produtos naturais, supermercados e hipermercados, exportação;

*Mercados institucionais:* um exemplo são os mercados criados pelo Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA). O PAA é um instrumento de política pública que realiza a compra de produtos da Agricultura Familiar. A aquisição é feita por diferentes modalidades, sendo as principais: 1) compra para o atendimento de populações em situação de insegurança alimentar e nutricional, distribuição nas escolas, creches, hospitais públicos, restaurantes populares, entre outros; 2) formação de estoques estratégicos.

Azevedo e Faulin (2003), sobre a comercialização de produtos agrícolas, advertem que a alta perfectibilidade das hortaliças pode ser considerada uma especificidade temporal e indicar, em alguns casos, as formas contratuais, que se afastam do mercado. Em outro estudo, Azevedo e Faulin (2005) indicam que a maioria das transações envolvendo os produtores familiares e canais de venda, como quitandas, varejões, feiras, intermediários, se realizam no livre mercado ou mercado *spot*, no qual preço, quantidade, pagamento e entregas são definidos no momento e a transação não se prolonga no tempo. Conforme os autores, também são comuns transações via contratos informais, baseados em confiança, contratos formais e parceria.

Segundo Dourado (2012), outra característica marcante das feiras livres é a presença da mulher, que assume papel de destaque, participação essa indicadora de mudanças no papel da mulher na divisão do trabalho na unidade camponesa. Trata-se de uma nova perspectiva para as mulheres que ficavam ocupadas e submetidas aos trabalhos “menos importantes” na unidade familiar para assumir destaque na busca pelo sustento da família camponesa.

Verificamos que a viabilidade da feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar, pois a produção e consumo são importantes para a dinamização da economia local, para a geração de trabalho e renda no campo, além de oferta de alimentos saudáveis para populações urbanas. Na questão das mulheres, com sua importância na produção familiar passam agora a serem reconhecidas como fundamentais no tocante à manutenção econômica da família. Havendo uma valorização pelo seu trabalho.

#### **4.6 Viver e sobreviver:** os(as) agricultores(as) da comunidade Ribeirão

Com as transformações e a modernização da agricultura no estado de Goiás, que ocorreu por volta de 1970, há fatores positivos e negativos para os(as) agricultores(as) familiares. O fator negativo é que a modernização atingiu somente os grandes produtores. Sendo assim, os pequenos produtores utilizam estratégias para viver e sobreviver no campo, como foi mencionado nesse capítulo. O fator positivo, é que de uma forma ou de outra, os(as) agricultores(as) familiares receberam alguns benefícios, como a ampliação da rede elétrica na zona rural.

Sobre o fator positivo da modernização da agricultura destacamos, em relação às famílias entrevistadas, que todas as casas possuem rede elétrica, assim a obtenção de utensílios domésticos, como televisão, antena parabólica, geladeira, micro-ondas, fogão a gás, freezer, máquina de lavar roupa, ferro elétrico, telefone celular, além de outros utensílios, como aparelho de som e de DVD. Essas famílias acompanharam a evolução que ocorreu na tecnologia, o que antes era restrito somente para as pessoas que viviam nas cidades, as famílias que moram no campo também podem desfrutar desses aparelhos.

Além desses bens de consumo utilizados principalmente pelas mulheres da comunidade, 94,4% dos(das) entrevistados(as) possuem automóveis, facilitando o transporte e a venda dos seus produtos na cidade.

Além dos fatores positivos e negativos da modernização da agricultura no Brasil e no estado de Goiás, hoje (2015), a maior dificuldade que os(as) agricultores(as) sofrem por viver e sobreviver, é a falta de água no Ribeirão Samambaia no município de Catalão (GO).

Segundo Santos e Lima (2002), a bacia do Ribeirão Samambaia, localiza-se ao norte do município de Catalão (GO), a bacia destaca-se por ser a fonte hídrica que garante o abastecimento de aproximadamente 65 mil habitantes instalada no perímetro urbano e de cerca de 800 pessoas que vivem na zona rural, servindo também como meio de manutenção de diversas atividades agropecuárias ali praticadas.

Segundo a Superintendência Municipal de Água e Esgoto de Catalão (SAE, 2015), informou que o Ribeirão Samambaia, principal afluente que abastece a cidade de Catalão, está com o nível de água cada vez mais baixo (foto 19). A falta de chuvas e o consumo elevado agravam o problema.

**Foto 19** – Nível de água do Ribeirão Samambaia: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

Conforme as entrevistas de campo, desde 2013 os(as) agricultores(as) passam por dificuldades com a falta de água. No ano de 2013 e 2014, a SAE foi à comunidade e lacram as bombas de água de suas propriedades. Com isso, houve muitas perdas de alimentos, acarretando grandes prejuízos. Foram prejuízos entre R\$ 20.000,00 e R\$ 120.000,00.

Hoje (2015), além dos(das) agricultores(as) familiares, a população do município de Catalão sofrem com a falta de água. Para amenizar esse problema, no mês de outubro/2015 houve reuniões com representantes de entidades de classe, conselheiros, engenheiros da SAE e produtores rurais que têm propriedades às margens do manancial.

Nessa reunião, conforme o site A Gazeta (2015), o secretário do Meio Ambiente e presidente do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Catalão (COMDEMA), salienta que o objetivo foi traçar alternativas para a recuperação do ribeirão, com ações a curto, médio e longo prazo. Entre elas, ficou decidido que campanhas educativas serão elaboradas para que a população, tanto urbana quanto rural, evite desperdício, como conscientização em lavar calçadas e carros.

O Secretário salientou ainda que no mês de novembro, com o início do período chuvoso, a secretaria iniciou o replantio de árvores nas áreas de preservação permanentes (APPs) às margens do ribeirão. De acordo com ele, o município de Catalão tem dois

agravantes para o desabastecimento: o manancial de abastecimento tem uma vazão cada dia menor, se comparando ao crescimento demográfico do município (sua vazão é de 225 mil litros por segundo) e também ao uso da água pela atividade agropecuária junto à bacia.

Segundo a SAE (2015), o ribeirão Samambaia está com 40% menos de sua capacidade de captação, nessa época de seca. Há a necessidade de aquisição de uma nova bomba para captar água do ribeirão, que sustentará o abastecimento de água no município. Além dessas alternativas, a SAE, no mês de outubro inicia o rodízio de água<sup>26</sup> no município de Catalão, com o objetivo de evitar transtornos aos(as) moradores(as), e distribuindo água nos bairros de forma justa.

Os(as) agricultores(as) familiares da comunidade Ribeirão tem permanecido no meio rural devido as estratégias de produção e reprodução social, pelo sentimento de pertencimento ao lugar e aos vínculos de parentesco, vizinhança e amizade. Contudo, eles enfrentam dificuldades para viver e sobreviver em suas propriedades. Sobre a questão da falta de água no município, o que resta da população é no mínimo a conscientização de uso da água.

---

<sup>26</sup> A cidade de Catalão foi dividida em dois grandes grupos, sendo que cada grupo receberá água por um período médio de três horas, a cada trinta e seis horas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Figura 1** – Mosaico da Pesquisa: comunidade Ribeirão, Catalão (GO)



Fonte: Pesquisa de campo (abr. 2015). Autor: Silva, G. B.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs compreender as principais características da agricultura familiar, e a participação da mulher na comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO). Para isso, buscamos compreender as estratégias utilizadas pelos(as) agricultores (as), com a hierarquização, como o trabalho do homem e da mulher são divididos, ou seja qual é a função de cada um. Além disso, propomos compreender como e de que forma a comercialização dos alimentos produzidos na comunidade faz-se importantes na vida dos(as) agricultores(as), e de que forma os mesmo tem vivido e sobrevivido.

A modernização da agricultura é marcada pela dependência do mercado externo dos meios de produção e sua consolidação ocorreu a partir de 1960 e 1970, com a adoção das inovações tecnológicas no processo produtivo (inovações agrônômicas, físico-químicas, biológicas) e a constituição dos complexos agroindustriais, o que gerou uma nova configuração socioeconômica e espacial para o campo brasileiro.

As políticas e os programas governamentais subsidiam essas áreas implantando programas como o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-brasileiro de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER). O crédito rural foi um dos instrumentos básicos da modernização agrícola e fortaleceu, de maneira acelerada favorecendo os grandes proprietários de terras.

O estado de Goiás se destaca pela produção agropecuária, pois é o quarto maior produtor de grãos do país. A construção de Goiânia e de Brasília e o sistema rodoviário contribuíram para a modernização da agricultura em Goiás. O estado de Goiás se localiza na região Centro-Oeste do país, e esta localização são de melhor acesso para a exportação de alimentos.

A modernização agrícola foi fundamental para o incremento do PIB e para criar as condições para o desenvolvimento do setor industrial por meio da agroindústria. A maior parte dos insumos utilizados pelo setor industrial goiano é proveniente da produção agrícola. Atualmente, verifica-se a expressiva produção de grãos no município de Catalão (GO). Destaca-se, principalmente, a produção de soja, milho e cana-de-açúcar.

Com relação à comunidade Ribeirão utilizou a definição de agricultura familiar estabelecida pela FAO/INCRA e pelo autor Abramovay (1992), pois as propriedades vivem do trabalho familiar, e, além disso, são integradas ao mercado para comercialização do seu trabalho na terra.

A agricultura familiar responde por cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população brasileira e aproximadamente 40% do valor bruto da produção agropecuária nacional, além de se apresentar como o segmento que mais cresceu durante a década de 1990. Esses dados comprovam a importância da agricultura familiar para a sociedade e para a diminuição das desigualdades sociais no campo brasileiro.

Sobre o tamanho das propriedades na comunidade, nos assegura a justificativa sobre a definição do agricultor familiar, que é aquele que detém área menor que quatro (04) módulos fiscais. Conforme a lei n.11.326, de 24 de julho de 2006, o módulo fiscal do município de Catalão é de 40 hectares, o que equivale a 160 hectares.

Os pequenos agricultores(as) sofrem dificuldades para viver e sobreviver no campo. Devido a uma série de fatores, como: a) a modernização do campo, que trouxe vantagens como os bens de consumo no doméstico, automóveis para facilitar o transporte da comercialização dos seus produtos para a cidade, entre outros. Porém houve desvantagens como Políticas Públicas e Programas terem beneficiado somente os médios e grandes agricultores(as). Além disso, como mencionado ao longo do texto uma das maiores dificuldades que os(as) agricultores tem passado é a falta de água no Ribeirão Samambaia, que abastece parte da população catalana.

Com a falta de água no município de Catalão, destacamos alguns fatores. Uma delas é que durante o ano (2015) não choveu conforme esperado, nesse sentido, o Ribeirão Samambaia permaneceu com o nível de água baixo, não conseguindo abastecer o município. Por isso, a SAE no ano de 2014 e 2015 foram às propriedades da comunidade Ribeirão lacrar as bombas de água. Com isso houve um grande prejuízo, causando uma grande perda de plantações, principalmente de hortaliças que exigem muita água. Outro fator que podemos destacar com a falta de água, é o mau uso da população. Sabemos que o percentual de uso de água doméstica está entre 5% a 7%, porém há a necessidade de termos consciência para o uso e gasto da água.

A finalidade do trabalho familiar e de suas estratégias é a garantia de uma melhor oportunidade para a realização de suas necessidades familiares, sua reprodução enquanto unidade produtiva. Dessa forma, a propriedade da terra é vista como fundamental para a sobrevivência dos(as) agricultores(as). Dentre essas estratégias, está o trabalho feminino, que contribui para a sobrevivência do grupo familiar. Dentre as famílias entrevistadas, verifica-se que os(as) agricultores(as) familiares produzem vários produtos, oriundo do leite o queijo e o requeijão, quitandas, hortaliças e o frango (preparado).

Esses produtos são comercializados no comércio local e nas feiras livres do município, e também na feira organizada pelas mulheres no bairro Ipanema, no município de Catalão (GO). Além da comercialização, há também suínos e galináceos como fonte de consumo próprio nas propriedades pesquisadas.

Outra estratégia que os(as) agricultores utilizam são as rendas não agrícolas como a aposentadoria. Destacamos que há um envelhecimento no campo, pois 35% dos homens e das mulheres possuem idade entre 55 e 64 anos. Tem prejudicado a reprodução da agricultura familiar. A aposentadoria complementa a renda no estabelecimento, principalmente pelo fato da idade, pois não trabalham como antes. Verificamos que 35,29% das mulheres são aposentadas e 17,64% dos homens na comunidade Ribeirão.

Sobre o trabalho feminino consideramos que *fora* é o espaço do homem, que produz os alimentos pra *fora* para o mercado. Além da hierarquização de gênero relacionado aos espaços, também os espaços relacionados ao trabalho. Pois, a divisão sexual do trabalho na agricultura nos mostra que as mulheres ocupam uma posição subordinada e seu trabalho é visto como *ajuda*, mesmo quando trabalham tanto quanto os homens e inclusive realizando as mesmas atividades.

Nessa divisão sexual do trabalho, a responsabilidade do trabalho considerado produtivo (da produção destinada à comercialização) é incumbência masculina, enquanto o trabalho reprodutivo (cuidado com as crianças, com a casa, preparação da comida, o cuidado com a horta e animais pequenos como suínos e galináceos), é considerado de responsabilidade das mulheres. Verificamos que em 83,33% das famílias é o homem que tem a responsabilidade de cuidar da propriedade. E em 16,66% das famílias, é a mulher que assume a responsabilidade da família.

Em relação à hierarquia e ao patriarcado, consideramos que mesmo que entre os homens e as mulheres há um papel diferenciado na família em relação ao trabalho, é através também do trabalho das mulheres que muitas famílias tem se mantido e sobrevivido no campo. Esse trabalho muitas vezes é considerado como *ajuda*, porém são elas que estão sempre na cozinha preparando os alimentos, por exemplo, oriundos do leite, como o queijo e o requeijão, as quitandas e os caldos para serem comercializados na cidade.

Afirmamos que os(as) agricultores familiares sobrevivem na comunidade Ribeirão através das estratégias familiares e as relações existentes com os(as) outros (as) agricultores(as) das outras propriedades, como vínculos de proximidade, convivência e confiança.

Apesar de o agricultor familiar assumir uma relevância para o município de Catalão, as pessoas que moram no urbano o consideram como um roceiro ou caipira atrasado. Vimos aqui que os agricultores familiares desempenham um papel fundamental no desenvolvimento econômico brasileiro.

O trabalho feminino encontra-se presente em quase todas as etapas do processo produtivo. Os homens ficam responsáveis pela representação social externa, pois são eles que levam os produtos a serem comercializados para a cidade e enquanto para mulher fica a incumbência do gerenciamento interno da propriedade, pois é nesta que se centra o papel da mulher agricultora no rural e no contexto da agricultura familiar.

É necessário que haja melhores manutenções e/ou benefícios através de políticas públicas através do estado, para que os(as) agricultores familiares continuem vivendo e sobrevivendo no campo. Há também a necessidade da valorização da mulher agricultora no campo, pois elas têm buscado a manutenção do seu grupo familiar no espaço rural, assim como manter a produção e a reprodução da família.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1992. 275 p. (Estudos Rurais, 12).
- ALVES, S. A; COSTA, C. L. Resistir na terra: a luta pela moradia camponesa no movimento camponês popular – MCP. In: **Anais... XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, Uberlândia, 2012.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualificativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 147-176.
- AMARAL, L. **História geral da agricultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. v. 1.
- ANDER-EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978. Parte III.
- AZEVEDO, P. F. Comercialização de produtos agroindustriais. In: BATALHA, M. O. (Coord.). **Gestão agroindustrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 64-99.
- AZEVEDO, P. F.; FAULIN, E. J. Comercialização na agricultura familiar. In: SOUZA FILHO, H. M.; BATALHA, M. O. (Org.). **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: Edufscar, 2005.
- AZEVEDO, P. F.; FAULIN, E. J. Distribuição de hortaliças na agricultura familiar: uma análise das transações. **Revista Informações Econômicas**. Instituto de Economia Agrícola. v. 33, n. 11, p. 24-37, nov. 2003. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/tec3-1103.pdf>>.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/portallbb/page100,8623,500557,0,0,1,1.bb?codigoNoticia=342&codigoMenu=18682>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?PRONAFFAQ>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- BLUM, R. Agricultura familiar: um estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 57-104.
- BORGES, B. G. **Goiás na divisão regional do trabalho 1930-1960**. Goiânia: UFG, 1995.
- BORGES, B. G. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: UFG, 2000.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 160 p.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 315 p.

BRUM, A. J. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Petrópolis: Vozes, 1988.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

CARDOSO, C. F. **Escravo ou Camponês?** O Protocampesinato Nero nas Américas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARDOSO, C. F. O trabalho na Colônia. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.) **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000. p. 95-109.

CARVALHO, D. J. A conquista da cidadania feminina. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, jun. 2011.

CASTELLS, M. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 69-238, 2008. (A era da informação, economia, sociedade e cultura, 2).

Catalão notícias. Disponível em: <<http://agazeta24horas.com.br/noticia/reuniao-discute-alternativas-para-o-abastecimento-de-agua-em-catalao/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

Catalão notícias. Disponível em: <<http://www.catalao.go.gov.br/noticias/2015/10/20/sae-define-rod%C3%ADzio-de-%C3%A1gua-em-catal%C3%A3o/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

CAUME, D. J. **A agricultura familiar no estado de Goiás**. Goiânia: UFG, 1997. 71 p. (Quiron).

CHAUL, N. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: UFG, 2001.

CHAUL, N. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 2. ed.1 reimpr. Goiânia: Ed. da UFG, 2002.

CISNE, M. Gênero, **divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p. 144.

CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Tradução de L. F. Pimenta; M. C. A. Pimenta. Florianópolis: UFSC, 1999.

CORDEIRO, R. de L. M. **Agricultura familiar, trabalho feminino e ação coletiva**. Local: UFPE, 2003. p. 13.

CROW, G. The use of the Concept of 'Strategy' in Recent Sociological Literature. *Journal of British Sociological Association*, London, v. 23, n. 1, p. 1-25, 1989.

D'INCAO, M. C A pesquisa. In: D'INCAO, M. C. **O "bóias" fria**: acumulação e miséria. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 32-35.

D'INCAO, M. C. O tema, o método e o universo teórico de referência. In: D'INCAO, M. C. **O “bóias”fria: acumulação e miséria.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 17-31.

Dicionário Informal - <Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/arraial/>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

Dicionário Livre de Geociências – Disponível em: [http://www.dicionario.pro.br/index.php/P%C3%A1gina\\_principal](http://www.dicionario.pro.br/index.php/P%C3%A1gina_principal). Acesso em: 28 de abr. de 2015.

DOURADO, J. A. L. Feiras livres e reprodução camponesa: interfaces da relação campo-cidade. In: **Anais... XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, Uberlândia, 2012.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

EMBRAPA. **Pesquisa e desenvolvimento: subsídios para o desenvolvimento da agricultura familiar brasileira.** Brasília, 1998. 40 p. (Agricultura Familiar, 1).

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** São Paulo: Centauro, 2002.

ESTEVAM, L. Agricultura tradicional em Goiás. In: PEREIRA, A. A (Org.). **Agricultura de Goiás: análise e dinâmica.** Goiânia: UCG, 2004. p. 25-47.

ESTEVAM, L. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás.** Goiânia: Ed. do autor, 1998.

FAO/INCRA, **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável: o resumo do relatório final do projeto UTF/BRA/036. 2. Versão, 1996.**

FERREIRA, I. M. **O afogar das veredas: uma análise comparativa espacial e temporal das veredas do Chapadão de Catalão (GO).** 2003. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

FIGUEIREDO, A. S. et al.; PANTOJA, M. J.; MELO, M. F. de; DIAS, R. de Lima. **Conhecendo seu canal de comercialização de hortaliças.** Universidade Católica de Brasília, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Brasília: Universa, 2003. 52 p.

FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fatos e versões**, Uberlândia, n. 2, v. 2, p. 3-16, 2009. Disponível em: <<http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes/article/viewFile/3/102>>. Acesso em: jun. 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 57 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 216 p.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1º sem. 2005. Disponível em: <[www.ead.fea.usp.br](http://www.ead.fea.usp.br)>. Acesso em: 19 mar. 2015.

GOMES, H. Paisagens do Cerrado: um estudo do subsistema de veredas. In: GOMES, Horieste. (Org.). **Universo do Cerrado**. v. 1. Goiânia: UCG, 2008. p. 165-230.

GRAZIANO DA SILVA, J. Do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. São Paulo: Unicamp, 1996. p. 1-40.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O que é questão agrária**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. 106 p. (Primeiros Passos, 18).

GRAZIANO DA SILVA, J. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999. 238 p.

GUIMARAES, R. R. **As estratégias de resistência camponesa: o Movimento Camponês Popular na comunidade Ribeirão em Catalão (GO)**. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO), 2010.

GUIMARAES, R. R.; MESQUITA, H. A. Feira camponesa: instrumento de luta e resistência das mulheres camponesas em Catalão (GO). In: XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009. **Anais...** São Paulo, 2009, p. 1-15.

IBGE CIDADES – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Catalão – **Estimativa de População, 2010**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_goiias.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_goiias.pdf)>. Acesso em: 6 abr. 2015.

IMB – Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Perfil Socioeconômico do município de Catalão**. Disponível em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/perfil\\_bde.asp?vprint=1&munic=3&ASP=4,5,7,2,3,6](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/perfil_bde.asp?vprint=1&munic=3&ASP=4,5,7,2,3,6). Acesso em: 6 abr. 2015.

IMB – Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Goiás em dados**. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pubview.asp?imagem=1208&caderno=Goi%Es%20em%20Dados%20-%202013>. Acesso em: 27 abr. 2015.

IMB – Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Goiás - Visão Geral**. Disponível em: <[http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000)>. Acesso em: 6 maio 2015.

INCRA/FAO. **Novo retrato da agricultura familiar: O Brasil Redescoberto**. Brasília. 2000.

INCRA/FAO. **Perfil da Agricultura Familiar no Brasil: dossiê estatístico**. Brasília, 1996.

INSTRAW. **Conceitos de gênero no planejamento do desenvolvimento**. Uma abordagem básica. DF: Conselho dos Direitos da Mulher do Distrito Federal - GDF, 1995.

LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar**: comparação internacional. Tradução de Ângela M. N. Tijiwa. v. 1. Campinas: Unicamp, 1993. (Coleção Repertórios).

LAMARCHE, H. **Agricultura familiar**: comparação internacional. Tradução Frédéric Bazin. Campinas: Unicamp, 1998. v. 2, 348 p. (Coleção Repertórios).

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2005. 108 p. (Série Trilhas).

MACHADO, L. Z. **Perspectivas em confronto**: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? Brasília: Série Antropologia, 2000, 20p. Disponível em: <[http://www.4shared.com/get/2VgT7GKf/machado\\_lia\\_zanotta\\_relaes\\_de\\_.html](http://www.4shared.com/get/2VgT7GKf/machado_lia_zanotta_relaes_de_.html)>. Acesso em: maio 2015.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 312 p.

MARQUES, M. I. M. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, A.U. de; MARQUES, M. I. M. (Org.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004. p. 145-156.

MARTINS, J. de S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MATOS, P. F. **As tramas do agronegócio nas “terras” do Sudeste Goiano**. 2011. 355 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MENDES, E. de P. P. **A produção rural familiar em Goiás**: as comunidades rurais no município de Catalão. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia – Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

MENDES, E. de P. P.; PESSÔA, V. L. S. Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevistas, registros de observação e aplicação de roteiro de entrevista. In: RAMIRE, C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 509-537.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MESQUITA, L. A. P. de. **O papel das mulheres na agricultura familiar**: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO), 2013.

MOREIRA, R. J. **Agricultura familiar**: processos sociais e competitividade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 204 p.

MOYA, G. L. C. **Subsídios à regionalização e classificação funcional das cidades: o caso de Catalão-GO**. 2000. 179 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2000.

NOGUEIRA, O. **Pesquisa social: introdução às suas técnicas**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1968. Parte II.

OKIN, S. M. **Gênero, o público e o privado**. Tradução: Flávia Biroli. Revista de Estudos Feministas, v. 16, n. 2. Florianópolis, 2008.

PALACIM, L. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PAULA, M. M. V. Geografia e Gênero: Mulheres na Política do município de Catalão (GO) entre 1970 e 2011. 116 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO), 2011.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PONTES, N, L, M, T. “**Uma imagem diz mais do que mil palavras**”? Os usos contemporâneos da fotografia como método e como objeto sociológico. In: 36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Águas de Lindóia (SP). **Anais...** 2012, p.16. Disponível em: <http://www.encontroanpocs.org.br/2012/>. Acesso em: 24 mar. 15.

Portal Catalão. Disponível em: <<http://www.catalaonoticias.com.br/natureza/nivel-de-agua-do-ribeirao-samambaia-esta-cada-vez-mais-baixo,MTczMTc.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

Portal Catalão. Disponível em: <<http://www.portalcatalao.com.br/portal/noticias/voce-reporter/voce-reporter-descaso-com-ponte-no-ribeirao-samambaia,MTUxNTA.html>>. Acesso em: 25 out. 2015.

PORTAL DA SAÚDE. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/siab.php>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PRADO JÚNIOR, C. **A questão agrária no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ROSE, Gillian. Progress in geography and gener – or something else. Progress in Human Geography, v. 17, n.4, p.531-537, 1993<sup>a</sup>.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, VELLEDA, N. **As Feiras-livres de Pelotas sob o Império da Globalização: Perspectivas e Tendências**. 1. ed. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, v. 1. 2005. 197 p.

SAFFIOTI, H. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, dos. L. T; LIMA, do. S. M. Diagnóstico para o zoneamento ambiental da bacia Ribeirão Samambaia – Catalão/Goiás. In: **Anais...** XIII Encontro Nacional de Geógrafos. João Pessoa, 2002.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e pluriatividade. In: SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 73-110.

SCHNEIDER, S. Teoria social, capitalismo e agricultura familiar. In: SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 21-72.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SEGPLAN; IMB – Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento; Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Goiás em Dados 2012**. Goiânia: SEGPLAN, 2013. 107 p. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/godados2012.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2015.

SEPLAN-GO – Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás. **Perfil competitivo das regiões de planejamento do Estado de Goiás**. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/anexos/201104/f40892f24f7def77a05e7bce682943ff.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2015.

SILVA, J. M. (Org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

SILVA, J. M. **Agricultura familiar e territorialidade**: as comunidades Cruzeiro dos Martírios e Paulistas no município de Catalão (GO). 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão, 2011.

SINGH, S. Deconstructing ‘gender and development’ for ‘identities of women’. **International Journal of Social Welfare**, v.16, n. 2, p. 100-109.

TANURE, T. M. do. P. **O processo de ocupação recente do Cerrado**. Revista CEPPG, Catalão, ano XVI n°29, 2° semestre, 2013.

TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. 405 p.

TEDESCO, J. C. **Terra, trabalho e família**: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. 331 p.

TOLEDO, J. C. **Gestão da mudança da qualidade de produto**. 1993. 240 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

TOSCANO, L. F. Agricultura familiar e seu grande desafio. **Diário de Votuporanga**, Ano 50, n. 12.769, 09 de Outubro de 2003, p. 2. Disponível em: Acesso em 24 de abr. de 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-175.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VENÂNCIO, M. **Território de esperança**: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO). 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

WILKINSON, J. **A pequena produção e sua relação com os sistemas de distribuição**. Ponencia realizada para El Seminario de Políticas de Seguridad Alimentaria y Nutricion em America Latina. FODEPAL. Campinas, Brasil, Outubro e 2003.

WOORTMAN, E.; WOORTMAN, K. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. 192 p.

WOORTMAN, K. A comida, a família e a construção do gênero feminino. **Série Antropologia**. Brasília, n. 50, 1985. p. 1-43.

WOORTMAN, K. Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda: relatório final. **Série Antropologia**, Brasília, n. 20, 1978. p. 1-114.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres**: herdeiros do sul e sitiante do nordeste. São Paulo: HUCITEC, 1995 p.

**ANEXOS**



**Anexo A - Roteiro de entrevista com os agricultores (as) familiares da comunidade Ribeirão do município de Catalão (GO)**

**IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DO QUESTIONÁRIO**

Data da entrevista: ____ / ____ / 2015	Número do roteiro: .....
Horário de início: .....	Término: .....

**IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

Nome da entrevistado: .....	Data de nasc.: .....
Telefone de contato: ( ) .....	
Estado civil atual: ( ) solteiro ( ) casado ( ) concubinato/união estável ( ) viúvo ( ) separado judicialmente	
Nome do cônjuge: .....	Data de nasc.: .....
Data da união: .....	Data da separação ou viúves: .....
Relação da entrevistado: ( ) Chefe ( ) Esposa ( ) Filha ( ) Outros: .....	
Tempo de residência na propriedade: .....	
Tempo de residência na região: .....	
Município de origem: .....	
Qual é o grau de escolaridade do entrevistado? Esposa: .....	

**CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA**

Grau de parentesco do casal: ( ) Não ( ) Sim Qual? .....
Número de filhos: ( ) H/idade .....
( ) M/idade .....
Onde os filhos moram? ( ) Com os pais ( ) Rural ( ) Urbano

**IMÓVEL**

Município: .....	UF: .....
Comunidade: .....	
Área da propriedade: .....	
De que forma adquiriu a propriedade?	
( ) Herança (Homem ( ) Mulher ( )	
( ) Compra de particular ( ) Compra e herança ( ) Concessão de uso ( ) Usucapião	

**RENDA MÉDIA MENSAL FAMILIAR EM SALÁRIOS MÍNIMOS – total (da propriedade + outras atividades)**

( ) Menos de 1 salário ( ) entre 1 e 2 salários ( ) mais de 2 até 3 salários ( ) mais de 3 até 5 salários ( ) mais de 5 até 10  
( ) mais de 10 salários mínimos

**NÚMERO DE PESSOAS QUE COMPÕEM A UNIDADE FAMILIAR:**

Homem ( ) Mulher ( ) Idade ( ) Escolaridade..... Possui renda? Quanto e onde trabalha?

A mulhe/homem possui renda própria? ( ) sim ( ) não

Qual?.....

Quem administra a renda familiar? Por quê?.....

**Aposentadoria**

Já possui aposentadoria? HOMEM ( ) Sim ( ) Não - Qual o motivo?.....

Já possui aposentadoria? MULHER ( ) Sim ( ) Não - Qual o motivo?.....

<b>BENS DE CONSUMO, COMUNICAÇÃO E TRANSPORTE</b>		
<b>Bens de consumo</b>		
<input type="checkbox"/> Máquina de lavar roupa/tanquinho	<input type="checkbox"/> Freezer	<input type="checkbox"/> Computador
<input type="checkbox"/> Televisão com antena comum	<input type="checkbox"/> Telefone	<input type="checkbox"/> Geladeira
<input type="checkbox"/> Televisão com antena parabólica	<input type="checkbox"/> Forno elétrico	<input type="checkbox"/> Liquidificador
<input type="checkbox"/> antena por satélite/TV a cabo	<input type="checkbox"/> Forno a gás	
<input type="checkbox"/> DVD	<input type="checkbox"/> Forno a lenha	
<input type="checkbox"/> Rádio	<input type="checkbox"/> Batedeira	
<b>A aquisição desses bens de consumo facilitaram os afazeres domésticos? Por quê? .....</b>		
.....		
<b>Meios de comunicação</b>		
<input type="checkbox"/> Rádio	<input type="checkbox"/> Televisão	<input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> Jornais <input type="checkbox"/> Revista especializadas <input type="checkbox"/> Outros: .....
27.2.1 Quais são os mais utilizados? .....		
<b>Meios de transporte</b>		
<input type="checkbox"/> Carro próprio	<input type="checkbox"/> Motocicleta	<input type="checkbox"/> Transporte escolar <input type="checkbox"/> Carro alugado (táxi) <input type="checkbox"/> A pé
<input type="checkbox"/> Carro da fazenda	<input type="checkbox"/> Linha de ônibus	<input type="checkbox"/> Carroça <input type="checkbox"/> Carona <input type="checkbox"/> Outros: .....

HABILIDADES QUE A FAMÍLIA POSSUI NO MANEJO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS				
Descrição da habilidade	Homem	Esposa	Filho	Outro
Operar trator e implementos				
Possui carteira de habilitação				
Operar motosserra				
Aplicar vacina em animais				
Arar ou gradear com tração animal				
Aplicação de defensivos agrícolas				
Aplicação de calcário				
Organização de horta familiar				
Outros				
Quais? .....				
HABILIDADES QUE A FAMÍLIA POSSUI NO MANEJO DA PECUÁRIA				
Descrição da habilidade	Homem	Esposa	Filho	Outro
Gado de corte a campo				
Gado de corte confinado				
Gado leiteiro/misto				
Avicultura comercial				
Ovino e ou caprinocultura				
Piscicultur				
Equinocultura				
Outros				
Quais? .....				
.....				

HABILIDADES QUE A FAMÍLIA POSSUI NOS AFAZERES DOMÉSTICOS				
Descrição da habilidade	Homem	Esposa	Filho	Outro
Organização da casa				
Corte e costura				
Faz queijos				

Ordenha				
Requeijão				
Cuidados com suínos/galinhas				
Preparo de suínos				
Torrefação de café				
Outros				
Quais? .....				
.....				

### CARACTERÍSTICAS DA PECUÁRIA

( ) Bovinos ..... cabeças    ( ) Suínos ..... cabeças    ( ) Equinos ..... cabeças    ( ) Galináceos ..... cabeças  
 ( ) Caprinos ..... cabeças    ( ) Ovinos ..... cabeças    ( ) Outros ..... cabeças    ( ) Outras aves ..... cabeças

Valor estimado do rebanho:

#### BOVINOS

Qual foi a finalidade principal da criação? ( ) Corte ( ) Cria ( ) Recria ( ) Engorda ( ) Leite

#### PRODUÇÃO DE LEITE

Qual a quantidade de leite vendido por dia? ..... litros

Preço médio unitário por litro de leite produzido? R\$

Destinação do leite: ( ) COACAL ( ) Outros

#### SUINOS

Qual é a finalidade principal da criação? .....

Produção: ( ) Consumo familiar ( ) Comércio

Total de suínos vendidos: Nº ..... cabeças Valor: R\$ .....

#### GALINÁCEOS

Produção: ( ) Consumo familiar ( ) Comércio

Total de galinhas, galos, frangos vendidos: Nº ..... cabeças Valor: R\$ .....

Qual a jornada de trabalho?

( ) Masculina                      ( ) Feminina

Existem dificuldades para morar na Comunidade? Quais?

Quais as dificuldades enfrentadas pela mulher na Comunidade/propriedade?

A comunidade eventos destinados para a mulher? (festas, missas, novenas, terços)

Quais os eventos destinados para o homem?

As mulheres tem autonomia para realizar suas atividades dentro da propriedade?

Qual a importância da mulher na família agricultora?

Vocês gostam de morar no rural? Por quê?

<hr/> <b>Participam das Feiras livres na cidade?</b> <hr/>
<hr/> <b>Qual a importância das feiras livres para a família? Contribui na renda da família?</b> <hr/>
<hr/> <b>Quais os tipos de produtos que comercializam nas Feiras?</b> <hr/>

.....

Assinatura do entrevistador

Data: ...../...../.....



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR: a comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO)

**Pesquisador:** Gabriela Bernardes Silva

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 41464915.0.0000.5083

**Instituição Proponente:** Campus Catalão

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.013.963

**Data da Relatoria:** 06/04/2015

**Apresentação do Projeto:**

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR: a comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO). Pesquisadora Responsável: Gabriela Bernardes Silva. N. CAAE: 41464915.0.0000.5083.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo geral: Compreender as principais características da agricultura familiar, e a participação da mulher na comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO).

Objetivos específicos:

- a) Fazer uma discussão teórica conceitual sobre agricultura familiar e conhecer as estratégias de produção e reprodução na comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO);

**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

**Bairro:** Campus Samambaia

**CEP:** 74.001-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**Fax:** (62)3521-1163

**E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



- b) Identificar a importância da mulher na Comunidade Ribeirão;
- c) Investigar como a mulher se insere na relação campo cidade através da comunidade Ribeirão no Município de Catalão (GO).

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Por se tratar de aplicação de questionários, não há riscos. A pessoa pode se retirar caso se sinta constrangida com alguma pergunta. O conhecimento da realidade desses agricultores pode

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

As discussões sobre a presença da mulher na agricultura familiar é um assunto novo e requer estudos mais específicos sobre o tema. A mulher agricultora assume várias funções dentro da família, como cuidar dos afazeres domésticos e ainda colaboram nos trabalhos que geram renda. Sendo assim este trabalho busca compreender as características da agricultura familiar, e a participação da mulher dentro da comunidade Ribeirão no município de Catalão (GO).

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos foram apresentados corretamente.

### **Recomendações:**

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

As pendências foram atendidas, o projeto pode ser executado.

### **Situação do Parecer:**

Aprovado

### **Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Informamos que a Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS nº. 466/12. O prazo

**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

**Bairro:** Campus Samambaia

**CEP:** 74.001-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**Fax:** (62)3521-1163

**E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIÁS - UFG



para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para fevereiro 2016.

GOIANIA, 07 de Abril de  
2015

---

**Assinado por:**  
**João Batista de Souza**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

**Bairro:** Campus Samambaia

**CEP:** 74.001-970

**UF:** GO

**Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215

**Fax:** (62)3521-1163

**E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIÁS - UFG



**Endereço:** Prédio da Reitoria Térreo Cx. Postal 131

**Bairro:** Campus Samambaia **CEP:** 74.001-970

**UF:** GO **Município:** GOIANIA

**Telefone:** (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com